



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA**

**GERMANO ARAÚJO SAMPAIO**

**RIMAR PARA RECORDAR: REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA SOCIEDADE**  
**DOS POETAS DE BARBALHA-CE (DO INDIVIDUAL AO SOCIAL)**

**JUAZEIRO DO NORTE**

**2019**

**GERMANO ARAÚJO SAMPAIO**

**RIMAR PARA RECORDAR: REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA SOCIEDADE  
DOS POETAS DE BARBALHA (DO INDIVIDUAL AO SOCIAL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para obtenção do grau de mestre em Biblioteconomia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francisca Pereira dos Santos

Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Memória

**JUAZEIRO DO NORTE**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

S181r Sampaio, Germano Araújo.

Rimar para recordar: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha-CE  
(do individual ao social) / Germano Araújo Sampaio. – 2019.

138 f., il. color., enc.; 30 cm.

Inclui bibliografia (p. 81-86).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia, Juazeiro do Norte, 2019.

Área de Concentração: Informação, Cultura e Memória.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Francisca Pereira dos Santos.

1. Representação da memória. 2. Sociedade dos Poetas de Barbalha. 3. Literatura de Cordel.

CDD 398.2098131

---

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

**GERMANO ARAÚJO SAMPAIO**

**RIMAR PARA RECORDAR: REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA  
SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA (DO INDIVIDUAL AO SOCIAL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como requisito para obtenção do grau de mestre em Biblioteconomia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Francisca Pereira dos Santos

Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Memória

Aprovada em: 13 / 03 / 2019

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Francisca Pereira dos Santos**  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)  
(Orientadora)



---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Ariluci Goes Elliott**  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)  
(Membro Interno)



---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria Eneida Feitosa**  
Universidade Regional do Cariri (URCA)  
(Membro Externo)

**JUAZEIRO DO NORTE – CE**

**2019**

À memória de  
Margarida Meneses, amiga-mãe,  
a pessoa mais bela que conheci.  
Geraldo Filgueira Sampaio, meu pai,  
exemplo de vida.  
Iza Leite, suas risadas e generosidade  
iluminaram o início desse caminho.  
Liberato Vieira (Mestre Bula), como era bom  
ouvir suas narrativas. José Sebastião  
Rodrigues, não tive a oportunidade de  
conhecê-lo, mas suas ações ecoam nas  
lembranças dos poetas da SPB.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, sua misericórdia ultrapassa quaisquer barreiras, sou e sempre serei testemunha do seu amor, amém.

À minha família, em especial à minha mãe, Zuleica, e meus sobrinhos Pedro e Davi, vocês me animam. À minha mãe Lourdes, esposa do Mestre Bula, pelo carinho e pelas orações.

A Erivaldo (Fão), meu companheiro, que consegue arrancar sorrisos meus nas situações mais difíceis, sua presença faz-me enfrentar o mundo de peito aberto.

Aos amigos e amigas, com suas risadas e reflexões diminuíram a pressão acadêmica, em especial: Rosângela Bezerra, no local menos esperado e no momento de turbulência suas palavras de Fé clarearam meu dia; Terezinha Matias e seu sorriso inabalável; Fabricio, amigo-irmão para todas as horas e Felisbela Pereira, minha amiga estrela.

Aos poetas e poetisas da Sociedade dos Poetas de Barbalha-CE, pelas conversas regadas à poesia, pessoalmente e nas redes sociais, em especial: Angela Vieira, mais uma amiga-irmã que a vida me deu, pelo incentivo inicial e contínuo nessa pesquisa; Lindicássia Nascimento, prestativa, dinâmica e muito humana, por tirar minhas dúvidas sobre a SPB até altas horas, além de compor uns versos exclusivamente para esse trabalho; Francisco de Assis (Tiquim), Hugo Rodrigues e Ernane Tavares, as entrevistas foram riquíssimas, e a José Joel, poeta-repentista ímpar, pelo acolhimento na Cabana do Cordel e pelos improvisos poéticos.

À melhor equipe de trabalho da UFCA, a biblioteca de Juazeiro do Norte, pela paciência e colaboração nesses dias de pesquisa e escrita, em especial Dona Sonia (mãezona da biblio), Cida e Raquel.

À professora Vitória Gomes, tão jovem e tão madura, sua generosidade não se descreve em palavras. E também, a Marcos e a Arysa, bibliotecários competentes, psicólogos da vida. As inferências desses três jovens gigantes permeiam as páginas aqui escritas.

Aos professores das disciplinas feitas no mestrado, em especial à Fanka (minha orientadora, amiga do universo), Ariluci (uma pessoa linda, ser de luz), Cleide Rodrigues (personalidade forte, coração gigante) e a Luís Celestino, mestres detentores da arte de dialogar com os alunos e instigá-los à pesquisa.

À professora Renata Marinho, suas contribuições na banca de qualificação desse trabalho levaram essa pesquisa a novos rumos. À professora Eneida Feitosa, suas aulas de teoria do texto narrativo na Especialização da URCA deram suporte aos estudos literários em minha vida, é uma honra tê-la mais de dez anos depois na banca de defesa.

À Mnemosine, deusa da poesia e da memória e à Literatura Popular.

*Este cordel encerrando  
Vou fazer um retrocesso  
Nem caio e nem tropeço  
A todos vou avisando  
A Barbalha tem progresso  
Poetas fazem sucesso  
Isso não é teoria  
E a quem tá ouvindo eu peço  
Durma e acorde sonhando  
Pensando nesta poesia.  
**Liberato Vieira (Mestre Bula)***

## RESUMO

Retrata sobre a representação da identidade e da memória a partir da Literatura de Cordel, com vista a fortalecer sua função enquanto canal condutor de informação e conhecimento, capaz de representar de forma significativa a cultura popular de um povo. Estabelece como condição problematizadora, uma interpelação que vislumbra depreender como as atividades desenvolvidas pela Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB) pode contribuir para a identidade e memória cultural de seus membros. Determina em seu objetivo geral, investigar o papel da Sociedade dos Poetas de Barbalha na construção da identidade e atualização/ressignificação da memória coletiva dos seus membros. Designa no percurso metodológico, tencionando responder a problemática e atender os objetivos, a caracterização das técnicas e etapas da pesquisa, sistematizadas da seguinte maneira: na finalidade, empreendeu-se o método exploratório e descritivo; quanto aos meios, aplicou-se a estratégia bibliográfica e documental, repousando sobre a abordagem qualitativa; para a coleta de dados e evidências, optou-se pela técnica da observação participante, e, como instrumento, a entrevista semiestruturada; no que concerne a análise dos dados, empregou-se a análise documental, história oral e os estudos culturais com o intuito de traçar um histórico da formação e desenvolvimento da SPB, assim como analisar o cordel coletivo dessa entidade, intitulado “Festa de Santo Antônio de Barbalha”. Apresenta como produto final, a elaboração de um catálogo com os cordéis publicados pela SPB, bem como a biografia dos poetas membros. Conclui, elucidando as formas de representação da memória a partir das atividades desenvolvidas pela SPB, destacando o papel do cordel como ferramenta de educação patrimonial, além de suscitar o desencadeamento de outras pesquisas nesse sentido.

**Palavras-chave:** Representação da memória. Sociedade dos Poetas de Barbalha. Literatura de Cordel.

## ABSTRACT

It depicts on the representation of identity and memory from the Cordel Literature, in order to strengthen your function while driver channel of information and knowledge, able to represent the popular culture of a people. Establishes a condition problem-posing, problem-a challenge that sees see how activities undertaken by the Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB) can contribute to the cultural memory and identity of its members. Determines your overall goal in, investigate the role of the Sociedade dos Poetas de Barbalha in identity construction and upgrading/ressignification of the collective memory of its members. Designates the methodological path, intending to respond to problems and meet the goals, the characterization techniques and stages of research, systematized as follows: purpose, undertook the exploratory and descriptive method; as to the means, applied to bibliographical and documentary strategy, resting on the qualitative approach; for collecting data and evidence, by the technique of participant observation, and, as an instrument, the semi-structured interview; regarding the analysis of the data, was the analysis of documents, oral history and cultural studies in order to trace a history of the formation and development of the SPB, as well as analyze the string that entity, entitled "Feast of Saint Anthony of Barbalha". Presents as an end product, the elaboration of a catalogue with the strings published by SPB, as well as the biographies of the poet's members. Concludes, clarifying the ways of representation of the memory from the activities carried out by the SPB, highlighting the role of the string as a tool for heritage education, as well as raise the triggering of other research in that direction.

**Keywords:** Memory representation. Sociedade dos Poetas de Barbalha. Cordel Literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> -	Caminhos metodológicos da pesquisa.....	22
<b>Figura 2</b> -	Precursos do Desenvolvimento e da Sistematização da Literatura de Folhetos (a partir do ano de início de suas publicações) .....	50
<b>Figura 3</b> -	O percurso de José Bernardo da Silva em Juazeiro do Norte e a Tipografia São Francisco.....	51
<b>Figura 4</b> -	Casarão Municipal da Barbalha, primeira sede da SPB.....	57
<b>Figura 5</b> -	Brasão da SPB.....	58
<b>Figura 6</b> -	Poeta Francisco de Assis (Tiquim), na Cordelteca Dalinha Catunda, em palestra aos alunos.....	59
<b>Figura 7</b> -	Composição da SPB.....	60
<b>Figura 8</b> -	Presidentes da SPB (2010 - 2019) .....	62
<b>Figura 9</b> -	“II Roteiro Turístico Poético” (Trilha da Poesia), Geossítio Riacho do Meio.....	64
<b>Figura 10</b> -	III Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas em 20/04/2018 na ESBA...	65
<b>Figura 11</b> -	Capa do primeiro cordel publicado pela SPB.....	68
<b>Figura 12</b> -	Capa do cordel de Santo Antônio de Barbalha.....	73
<b>Quadro 1</b> -	Comparação entre o cordel português e folheto nordestino.....	38
<b>Quadro 2</b> -	Cordéis da SPB publicados pelo Programa Mais Cultura de Literatura de Cordel - Edição.....	69
<b>Quadro 3</b> -	Cordéis da SPB publicados na Coleção do Centenário de Juazeiro do Norte.....	70

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABLC</b>	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
<b>ACC</b>	Academia dos Cordelistas do Crato
<b>ALB</b>	Academia de Letras do Brasil
<b>CCBNC</b>	Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri
<b>CE</b>	Ceará
<b>ESBA</b>	Escola de Saberes de Barbalha
<b>FCRB</b>	Fundação Casa de Rui Barbosa
<b>ICVC</b>	Instituto Cultural do Vale Caririense
<b>ITEPS</b>	Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários
<b>PIE</b>	Programa Institucional de Extensão
<b>PROEX</b>	Pró-reitoria de Extensão
<b>RMC</b>	Região Metropolitana do Cariri
<b>SCM</b>	Sociedade dos Cordelistas Malditos
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SPA</b>	Sociedade dos Poetas do Araripe
<b>SPB</b>	Sociedade dos Poetas de Barbalha
<b>UFCA</b>	Universidade Federal do Cariri
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>URCA</b>	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO (onde o autor inicia a jornada) .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS: A BÚSSOLA DA JORNADA (onde o autor pelega para encontrar o melhor percurso) .....</b>	<b>17</b>
2.1	POLO TÉCNICO.....	18
2.2	POLO AVALIATIVO.....	20
<b>3</b>	<b>OS CAMINHOS DA MEMÓRIA: ENTRE O INDIVIDUAL E O SOCIAL (onde o autor segue os rastros das recordações e seus espaços ou o labirinto da memória) .....</b>	<b>23</b>
3.1	BERGSON: O VIÉS CIENTÍFICO FILOSÓFICO DA MEMÓRIA.....	24
3.2	HALBWACHS: MEMÓRIA COMO FENÔMENO SOCIAL.....	26
3.3	POLLAK: O INDIVIDUAL VOLTA A TER ÊNFASE NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA.....	30
3.4	CANAU E CATROGA: NOVOS VELHOS OLHARES SOBRE MEMÓRIA.....	33
3.5	ALDEIDA ASSMANN: A CULTURA MOLDA A MEMÓRIA.....	34
<b>4</b>	<b>OS CAMINHOS DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: RASTROS, DISTORÇÕES, MOVÊNCIAS E NOVOS SUPORTES NA PASSAGEM DA ORALIDADE PARA A ESCRITA (onde o autor procura desvendar as teorias do cordel) .....</b>	<b>36</b>
4.1	OS CAMINHOS LUSITANOS NÃO DELIMITAM OS DO NORDESTE BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE INFLUÊNCIAS E ORIGENS DO FOLHETO.....	37
4.2	A PEDRA DO PRECONCEITO NO MEIO DO CAMINHO: CORDEL COMO FOLCLORE OU LITERATURA.....	41
<b>4.2.1</b>	<b>Revendo as rotas e resgatando a voz: o cordel a partir da oralidade e dos estudos culturais.....</b>	<b>44</b>
4.3	OS CAMINHOS DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÃO: O FOLHETO COMO SUPORTE.....	46
<b>5</b>	<b>OS CAMINHOS DA SPB: POESIA, CULTURA E MEMÓRIA EM UM LUGAR DE SABERES (onde o pesquisador vai a campo ou embriagando-se de poesia) .....</b>	<b>53</b>
5.1	OS PRIMEIROS PASSOS: BREVE HISTÓRICO DA SPB.....	53

5.2	OS PASSOS POÉTICOS CONTINUAM: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA SPB.....	62
<b>5.2.1</b>	<b>Caminhos virtuais da SPB: folheto e mídia social.....</b>	<b>66</b>
5.3	O FOLHETO COMO SUPORTE DE REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA SPB: OBRAS PUBLICADAS.....	68
5.4	ANÁLISE DO CORDEL.....	72
<b>6</b>	<b>FOLHETOS AO VENTO: CONSIDERAÇÕES FINAIS (onde o autor avalia o caminho e se depara com novas veredas ou “durmo e acordo pensando nessa pesquisa”) .....</b>	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE B - Roteiro das Entrevistas.....</b>	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE C - Formulário.....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE D - Relação de cordéis publicados pela SPB (2010-2018) .....</b>	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE E - Catálogo SPB.....</b>	<b>97</b>
	<b>ANEXO A - Cordel Santo Antônio de Barbalha.....</b>	<b>125</b>
	<b>ANEXO B - Parecer da Plataforma Brasil.....</b>	<b>134</b>
	<b>ANEXO C - Carta de anuência SPB.....</b>	<b>136</b>
	<b>ANEXO D – Critérios para transcrição.....</b>	<b>137</b>

## **1 INTRODUÇÃO (onde o autor inicia a jornada)**

Em busca, implícita ou explicitamente, de repostas as nossas dúvidas e anseios e de um lugar, físico ou espiritual, de pertencimento, procuramos estabelecer contato, viver em sociedade, aprender e apreender ideias, hábitos e conhecimentos, lembranças, e também esquecimentos, e temos a constante necessidade de expressar ou representar nossas vivências, nossas lembranças, lutando contra o tempo. Como bem nos lembra Catroga (2015, p. 8): “[...] o homem conta histórias contra sua finitude. [...] Se ele soubesse sempre - como sabe a deusa grega a memória - o que foi o que é e o que será não haveria nem recordação, nem atitudes de espera, nem necessidade de deixar marcas que as solicitassem [...]”. Recordando, e também esquecendo, deixamos nossas marcas e interpretações.

Toda e qualquer forma de conhecimento como leis, manifestações artísticas, costumes, quando aprendidas em grupo constitui uma manifestação cultural. É a partir de nossas vivências culturais e da dinamicidade da memória que delineamos ou desenvolvemos constantemente nossa identidade.

Todas essas vivências passam de geração para geração de forma contínua e atualizada por intermédio da educação, formal e informal, e podem ser atualizadas por intermédio da memória. Logo, a memória atua como canal condutor de informação e conhecimento. Para tentar preservar nossas experiências muitas vezes utilizamos os lugares de memória como as bibliotecas, museus e outras instituições.

Nossas narrativas e histórias foram repassadas ao longo do percurso da humanidade, bem muito antes do processo da escrita, a partir da oralidade, a denominada oralitura, ainda presente nas cantorias e repente. Muitos desses textos, como a poesia oral, tomaram gradativamente a forma escrita, mas ainda preservaram, nesse processo de transição, fortes traços originais como a repetição, a rima e a sonoridade.

Nessa linha de raciocínio, percebeu-se no Brasil, sobretudo, na região Nordeste, o desenvolvimento dos folhetos<sup>1</sup>, mais conhecidos como cordéis. O formato desses folhetos associa-, inicialmente, as dificuldades estruturais e econômicas para a confecção de livros na região. Esses textos, frutos de uma sociedade eminentemente escriptocêntrica, procuram representar de forma significativa nossa cultura popular e constituem importantes fontes de informação, atuando como representações da memória de um povo.

Inicialmente proclamados com uma performance inovadora e vendidos nas feiras

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho optamos por utilizar os termos “folheto” e “cordel” de forma indistinta, assim como as expressões “Literatura de Folhetos” e “Literatura de Cordel”.

populares do nordeste brasileiro, o cordel vai ganhando terreno em outros espaços. Mesmo assim a manifestação literária em estudo ainda não possui reconhecimento no cânone, sendo muitas vezes vista como uma ingênua e pobre representação de nossa cultura.

Desde o século XIX, críticos literários como Sílvio Romero vaticinam o fim da literatura de folhetos. Todavia, no século XX o cordel se reinventa e se atualiza a partir de seus autores e de um sistema editorial inovador. Com o intuito de preservá-la e incentivá-la, surgem associações e academias, como a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), um espaço de divulgação e atualização dessa literatura.

Na Região Metropolitana do Cariri (RMC)<sup>2</sup>, Ceará, observa-se a presença de algumas dessas associações, como o inovador movimento da Sociedade dos Cordelistas Mauditos<sup>3</sup> (SCM) de Juazeiro do Norte e a Academia de Cordelistas do Crato (ACC)<sup>4</sup>. Como sujeitos dessa pesquisa destacam-se os membros da Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB). Fundada em 17 de setembro de 2010, a SPB tem como representantes 25 poetas associados que promovem e otimizam a cultura popular com a literatura de folhetos, bem como outros trabalhos literários. Tem o reconhecimento de Utilidade Pública pela Prefeitura de Barbalha e como patrono Napoleão Tavares Neves, um dos grandes poetas do município.

A entidade em estudo já lançou 48 títulos (a grande maioria com tiragem mil exemplares), 16 títulos lançados pelo Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel, Edição Patativa do Assaré do Ministério da Cultura, em julho de 2010, sete títulos pela coleção do Centenário de Juazeiro, além de outras publicações. Recebeu em 2012 apoio e rico acervo da Academia Brasileira de Cordel (ABLC). A sociedade conta ainda com uma cordelteca, inaugurada no dia 2 de dezembro de 2015 e aberta ao público.

Os poetas da SPB reúnem-se mensalmente (geralmente na primeira semana de cada mês) na Cabana do Cordel. Nesse contexto, surge a seguinte indagação: de que forma as atividades desenvolvidas pela SPB podem contribuir para identidade e memória cultural de seus

---

<sup>2</sup> “O conjunto urbano da Região Metropolitana do Cariri (RMC) está situado a uma distância média de 600 km das duas metrópoles regionais nordestinas mais próximas, Fortaleza e Recife. As três cidades principais (Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha) mantêm vínculos estreitos tanto em termos de proximidade territorial quanto relacional, sobretudo pela relação de complementaridade socioeconômica no Cariri cearense. [...] Essa região metropolitana é, atualmente, composta por nove municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A RM do Cariri possui uma área total de 5.456,01 Km<sup>2</sup>” (SECRETARIA DAS CIDADES, [2017?], não paginado).

<sup>3</sup> A SCM surge a partir de um manifesto em primeiro de abril de 2000. O grupo, formado por xilógrafos, músicos e poetas, opunha-se ao repertório temático tradicional do cordel e buscava fazer uma releitura sobre as representações de Juazeiro do Norte e da Região Nordeste indo de encontro aos pressupostos da ACC. O ponto de vista político e contemporâneo e a intertextualidade constituem características da poética dos Mauditos (MELO, 2010; BARROS, 2015).

<sup>4</sup> Fundada em 1990, a Academia de Cordelistas do Crato busca manter as características tradicionais do cordel, temática e estruturalmente, buscando preservar os aspectos em comum à cantoria (BARROS, 2015).

membros?

Acredita-se que a associação atua como instrumento de atualização da memória de seus membros. Supõe-se que a partir da associação há uma valorização mais significativa dos poetas do município que passam a realizar atividades e eventos culturais em conjuntos e representificam /atualizam sua memória e a representação coletiva dos envolvidos.

O interesse pela pesquisa surge há alguns anos. Na edição do Clube do Leitor de março de 2014, tive a oportunidade de assistir à apresentação da professora Francisca Pereira dos Santos (Fanka) sobre a autoria feminina na Literatura de Cordel, a partir daí surge uma paixão crescente pelo estudo literário de folhetos. Também participei do curso de extensão Cordel, Informação e Memória promovido pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) em parceria com o Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri (CCBNC) ministrado pela professora citada. Em 2015 tive a oportunidade de lecionar a disciplina Literatura Popular no curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Regional do Cariri (URCA), campus de Missão Velha - CE.

Além disso, acompanhava com entusiasmo algumas declamações do Mestre Bula, um dos fundadores da SPB, no terreiro de sua casa no sítio Santana em Barbalha, Ceará. Posteriormente, sua filha, Angela Vieira, membro da SPB, também me apresentou alguns de seus fascinantes cordéis. Paulatinamente, participava de algumas atividades desenvolvidas pela SPB como o Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas e a Trilha com Poesia e o lançamento de muitos cordéis de autoria de membros da SPB. Nesses eventos pude perceber a importância da literatura de folhetos como forma de representação da memória. Logo, a presente pesquisa tem como objetivo geral abordar o papel da SPB na construção da atualização/representificação da memória coletiva dos seus membros e como objetivos específicos destacam-se:

- a) discutir os aspectos teórico-conceituais de Memória e Literatura de Cordel;
- b) descrever as atividades desenvolvidas pela SPB que contribuam para a cultura barbalhense;
- c) identificar a contribuição da SPB a partir das vivências dos seus membros para representação da memória coletiva;
- d) apontar no poema coletivo dos poetas da SPB “Santo Antônio de Barbalha” traços de representação de uma memória coletiva do povo barbalhense;
- e) elaborar um catálogo sobre a bibliografia dos poetas membros e os poemas publicados pela SPB.

A SPB representa um possível fio condutor da memória e da identidade dos seus

membros e daqueles que se identificam com sua produção. Assim o estudo é importante porque mostra a partir da literatura de folhetos, modalidade de poesia popular com traços fortes de oralidade que facilitam a memorização de fatos narrados, a formação da identidade, a partir da memória, da população em estudo. Ao verificar os poucos estudos voltados diretamente para a influência da poesia popular na construção da identidade barbalhense faz-se necessário à realização deste trabalho que contribuirá para a representação da memória, individual e coletiva, e da identidade desses poetas.

Na segunda seção delinearemos o roteiro metodológico, a linha de pensamento a ser seguida, os tipos de pesquisa utilizados e os métodos de coleta e análise de dados.

A terceira seção traz um apanhado teórico sobre memória (individual e coletiva) e sua relação com a identidade a partir de uma perspectiva social. Procuramos organizar os estudos a partir das ideias de seus autores numa linha temporal. Para tal intento realizamos uma pesquisa bibliográfica e traçamos um breve roteiro desses conceitos a partir de vários campos científicos, com ênfase nas ciências sociais. Para a realização dessa, valemo-nos de historiadores como Le Goff (2003) e Fernando Catroga (2010); da psicologia social, Éclea Bosi (2016); da filosofia, como Bergson e Marielena Chauí (1999); da sociologia, Maurice Halbwachs (2010) e Pollak (1989; 1990; 1992) e da antropologia, Asman (2011) e Candau (2016), tentando estabelecer um diálogo entre esse teóricos.

Na quarta seção abordaremos a questão do desenvolvimento do cordel no Nordeste do Brasil e mais precisamente na região do Cariri. Abreu (2006), Ayala (2003), Haurélio (2010), Silva (2010), Matos (2010), Santos (2010), Melo (2010), Sautchuk (2012), Brasil (2005), Lucena (2010), Galvão (2006), Zumthor (1997), Lemaire (2012) trazem as questões da oralidade, do cânone literário e do sistema editorial dos folhetos.

Na seção cinco, a partir da pesquisa de campo, traçaremos um histórico da formação e desenvolvimento da SPB, descreveremos as atividades desenvolvidas pela entidade e os cordéis publicados e por último traçaremos breves considerações sobre o cordel coletivo Santo Antonio de Barbalha de autoria dos membros da entidade.

Dessa forma, espera-se apontar formas de representação da memória a partir das atividades desenvolvidas pela SPB. Vale lembrar que não pretendemos, e não podemos tratar de forma conclusiva o assunto em pauta, pois os conceitos aqui tratados, devido a sua complexidade e movência, não constituem tipos fechados.

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A BÚSSOLA DA JORNADA (onde o autor pejeja para encontrar o melhor percurso)**

*Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.*

*Carl Jung*

Antes de explanar o roteiro metodológico a ser seguido, vale destacar o conceito de pesquisa de Pedro Demo (2011, p. 4):

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado intermitente, especial. Mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade impõem [...]. Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação.

Sabendo que nenhum conhecimento é absoluto, observa-se a ideia do saber contínuo e da possibilidade de novos rumos aos estudos aqui pretendidos. No século XXI, testemunhamos gradativamente o enfraquecimento do positivismo, sobretudo nas pesquisas em Ciências Humanas.

Se, em ciências humanas, os fatos dificilmente podem ser considerados como coisas, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, é igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo sua influência (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 33).

A partir do exposto, percebe-se a particularidade dos estudos em Ciências Humanas, pois tanto os sujeitos de estudo como o pesquisador têm autonomia e complexidade, não são objetos automatizados.

No que diz respeito ao polo metodológico, a pesquisa fundamenta-se na teoria dialética, por ser uma corrente sociológica, a qual visa explicar a realidade, baseada em oposições e choques entre situações diversas ou opostas, através da busca de elementos conflitantes entre dois ou mais fatos para explicar uma nova situação decorrente desse conflito. De acordo com a lei da dialética, a ‘Ação Recíproca’, conforme Marconi e Lakatos (2010), os objetos analisados não constituem categorias fixas, tudo está em constante transformação e o fim de um processo pode nos levar a outros. Ainda nessa esteira de pensamento, os autores citados complementam que os fenômenos sociais e objetos interligam-se entre si, não havendo fato isolado ou independente. Andrade (2010) corrobora enfatizando a constante mudança do conhecimento, sempre há algo a se originar e se desenvolver e algo a se desagregar e se transformar. Logo,

o pensamento dialético pauta-se na pesquisa qualitativa e destaca que os fatos sociais não podem ser entendidos sem suas influências políticas e culturais (GIL, 2009). Entre os conceitos a serem trabalhados a partir da perspectiva dialética destacamos: memória individual e coletiva; oralidade e escrita, literatura canônica e popular.

## 2.1 POLO TÉCNICO

A questão da identidade cultural e da memória coletiva insere-se na abordagem dialética, visto que esses fenômenos, apesar das tensões, influenciam-se e modificam-se reciprocamente. Nessa perspectiva, a pesquisa configura-se como aplicada, uma vez que tenciona elaborar um catálogo contendo informações sobre os poemas publicados pela SPB e a bibliografia dos poetas membros, conforme estabelecido no último objetivo específico, a fim de difundir os trabalhos desenvolvidos pela entidade em estudo.

No que tange à finalidade da pesquisa, denota-se exploratória, a qual segundo Piovesan e Temporini (1995) constitui um estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer. Também, denota-se descritiva, pois, conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 52), visa a descrever as características de determinada população, fenômeno e variáveis a partir da observação dos fatos, registro, análise, classificação e interpretação, sem interferência do pesquisador.

Quanto às estratégias do estudo, optou-se pela abordagem bibliográfica, cuja principal vantagem encontra-se no fato do pesquisador ter acesso mais amplo dos fenômenos estudados do que ocorreria na pesquisa direta (GIL, 2010), tendo seu embasamento em questionamentos de autores como Abreu (1999), Chauí (1999), Haurélio (2010), Le Goff (2003), Halbwachs (1990), dentre outros. Dessa maneira, tal meio torna-se imprescindível para a construção teórica da pesquisa, e, por conseguinte, para respaldar as práticas de conhecimento no tocante da geração do produto citado acima.

Severino (2002, p. 122), conceitua pesquisa bibliográfica como sendo “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. Na visão de Gil (2010, p. 30), “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Ademais, serão levantados dados através das atas de reunião da associação, seu estatuto de formação e funcionamento, documentos que configuram a pesquisa documental. De acordo com Severino (2007, p. 122), esta estratégia “[...] tem-se como fonte documental no sentido

amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

Dentre as técnicas de coleta, destacamos a observação participante como procedimento metodológico primordial para apreendermos dados referentes à SPB nas reuniões e eventos culturais desenvolvidos. Esse processo de observação servirá de base para a compreensão da dinâmica da sociedade em estudo no cotidiano, a partir da participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo à comunidade quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais do grupo (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 211). Em consonância, May (2001, p. 177) complementa: “O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo”.

O trabalho como pesquisador dessa entidade começa no início de 2017 e se estende até fevereiro de 2019. Participamos, como observador, das reuniões mensais com os membros da entidade assim como de eventos culturais promovidos pela Sociedade. Spradley (1980, não paginado, tradução nossa), configura alguns aspectos ao pesquisador inserir-se na comunidade investigada, a esses elementos, pode-se mencionar:

- a) duplo propósito: o observador participante vai para uma situação social com dois propósitos: 1) empenhar-se em atividades apropriadas para a situação e 2) observar as atividades (ver e registrar tudo aquilo que acontece), pessoas (descrever todos os atores presentes) e aspectos físicos da situação (tomar nota de todos os aspectos do meio);
- b) a experiência de *outsider* e *insider*: *outsider*, significa que o pesquisador apresenta um nível elevado de conhecimento sobre um problema de uma organização, a partir da realização do diagnóstico. Já no *insider*, supõe-se que o pesquisador atua como membro interno dessa comunidade, ou seja, o pesquisador experimenta sua condição enquanto espectador (*outsider*) e ator (*insider*) de uma determinada situação;
- c) introspeção: instrumento que deve ser utilizado pelo pesquisador para compreender novas situações, ganhar competências e/ou seguir as regras culturais;
- d) anotações: o observador participante vai recolher, ao mesmo tempo, dados objetivos e sentimentos subjetivos. Este registro pode ser feito imediatamente, e, também posterior a situação social. A função do observador participante varia de situação para situação, sendo que cada investigador tem de definir o grau e condições de envolvimento na situação. À medida que o seu papel se desenvolve, é preciso manter um duplo propósito:

querer participar e ver-se a si próprio e aos outros ao mesmo tempo; registrar o que se vê e o que se experimenta.

## 2.2 POLO AVALIATIVO

Devido à dinamicidade dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa, torna-se necessário o uso de alguns procedimentos para a coleta de dados, posto que muitos dos membros da SPB já possuem uma biografia nos cordéis publicados, além disso, outros se prontificaram em enviar dados biográficos a partir de um formulário, por último, há alguns que além e não participarem das reuniões mensais, por dificuldades de deslocamento, e nesse caso, optaremos pela entrevista semiestruturada.

Em primeira instância, elaborou-se um formulário direcionado a alguns poetas da SPB. Destaca-se que no decorrer da pesquisa, cada formulário passará por um tratamento estático, para análise e interpretação dos dados. De acordo com Marconi e Lakatos (2006, p. 112) o formulário “[...] é um dos instrumentos essenciais para a investigação social cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado”. Como vantagens desse procedimento, os autores citados evidenciam que este pode ser utilizado em qualquer segmento da população, em virtude do contato mais direto e interativo entre pesquisador e entrevistado e a flexibilidade.

Por fim, a entrevista semiestruturada será utilizada para colhermos junto à direção administrativa da SPB dados relevantes para a pesquisa. Em resumo, como instrumentos de coleta de dados a serem utilizados na pesquisa, temos: a observação participante, o formulário e a entrevista semiestruturada. Após a coleta de dados, faremos um levantamento, estudo e sistematização desses dados com o escopo de analisá-los e interpretá-los em consonância com o estudo aqui abordado.

Método de pesquisa trabalhado mormente na área de humanas, a histórias oral tem como um dos métodos de coleta a entrevista com pessoas com o intuito de colher testemunhos e informações de dados de instituições, movimentos sociais, visões de mundo, dados esses nem sempre nas fontes tradicionais/escritas, dando ao pesquisador a oportunidade de se aproximar de seu “objeto de” (ALBERTI, 2014). Nesse sentido esse método coaduna com os objetivos dessa pesquisa uma vez que poucas são as fontes sobre a SPB. A autora complementa:

[...] Em primeiro lugar trata-se do registro de uma interação social (entre entrevistado e entrevistador); em segundo, de uma ou mais versões da história de vida do entrevistado; em terceiro lugar, o texto reúne uma variedade de informações, que podem ser verdadeiras ou não (e cabe ao pesquisador

indagar-se sobre sua plausibilidade, comparando-as com outras fontes) (ALBERTI, 2004, p. 77-82).

As entrevistas realizadas, mesmo contemporâneas, lembrando que uma das particularidades da história oral se encontra no alcance da memória dos sujeitos envolvidos, poderão servir de fonte para futuros estudos. Como trabalhamos com a evocação e representação da memória dos membros da SPB, o método de pesquisa citado torna-se bastante pertinente. Paul Thompson, um dos pioneiros nos estudos na área finaliza nossas assertivas

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Ainda devido à escassez de fontes bibliográficas sobre a SPB, a pesquisa documental vem a complementar as entrevistas semiestruturadas a serem realizadas. Entre os documentos analisados destacam-se livro de ata das reuniões ordinárias e extraordinárias da entidade, o estatuto e os cordéis dos poetas membros publicados pela própria entidade.

Tais procedimentos enquadram-se na abordagem qualitativa, esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas para análise de problemas, o ambiente natural (fonte direta) e a subjetividade do pesquisador (instrumento-chave), são os pontos *sine qua non* para essa abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Por apresentar um Mestrado Profissional, o Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da UFCA exige como pré-requisito para obtenção do título de mestre na área o desenvolvimento de um produto como manuais, catálogos, elaboração de políticas públicas ou softwares e aplicativos. Optamos pelo catálogo por perceber as suas características como pertinentes às temáticas e possíveis conclusões presentes nessa dissertação.

No que se refere à elaboração do catálogo, como produto final dessa pesquisa, conforme estabelecido no último objetivo específico, tendo em vista a necessidade de representar a memória coletiva da associação em estudo, procura-se confeccionar um catálogo digital com informações sobre os folhetos publicados pela associação em estudo. Em relação a estruturação desse produto, as capas dos cordéis da SPB serão digitalizadas, ademais, constará uma breve biografia dos seus membros, desde sua formação (2010 até 2018). Acredita-se que partir do desenvolvimento desse catálogo haverá novas possibilidades de estudo acerca dos temas abordados pelos poetas da SPB.

A partir da metodologia acima exposta, e dos demais procedimentos e adaptações que

surgirem no decorrer da pesquisa procuraremos, de forma comprometida e engajada, desenvolver estudos relevantes não só para o público acadêmico, mas também para a comunidade.

**Figura 1 - Caminhos metodológicos da pesquisa**



Fonte: elaborado pelo autor (2019).

### **3 OS CAMINHOS DA MEMÓRIA: ENTRE O INDIVIDUAL E O SOCIAL (onde o autor segue os rastros das recordações e seus espaços ou o labirinto da memória)**

*A vida é um grande arquivo  
Guardando muitas histórias  
Cada história um grande crivo  
De derrota, fama ou glórias  
Cabe ao historiador  
contar tudo com amor  
Preservando na memória.  
Josenir Lacerda*

Mesmo utilizado frequentemente no meio acadêmico, não só no campo histórico, mas também em vários setores das ciências sociais, o termo “memória” remete-nos, desde a antiguidade, a várias abordagens e perspectivas. a divindade à materialidade, do processo mnemônico à recordação, do individual ao coletivo, muitos são só percursos dos estudos de memória. E nessa caminhada também surgem, constantemente, novas e inquietantes questões: O cérebro pode guardar as lembranças de toda uma vida? Quais transformações o processo mnemônico com o advento da escrita? Toda lembrança é construída socialmente? O indivíduo pode ressignificar uma lembrança? A memória representa conceito chave na construção da identidade? Qual o papel do esquecimento em nossas lembranças? Os homens podem representar/aprender todas as memórias? Essas e outras indagações constituem um arcabouço de estudos científicos considerável e suas respostas definitivas ainda se encontram distantes.

A única certeza no século XXI é que as inquietudes em relação ao conceito de Memória e suas representações ainda estão em voga, a ponto de muitos afirmarem uma exacerbação, um verdadeiro culto a memória em uma sociedade contemporânea, paradoxalmente, pautada no esquecimento. Notável hoje, por exemplo, a grande quantidade de lugares de memórias em nossa sociedade contemporânea. Nesta seção, objetiva-se levantar algumas questões preponderantes nos estudos de memória em uma tentativa de ordem cronológica.

Os vocábulos aquisição, formação, conservação e evocação de informações configuram-se como congruentes à memória na visão de Izquierdo (2011). Ainda segundo o autor nossas memórias e também nossos esquecimentos apontam quem somos e até mesmo quem poderemos ser a partir do vivido. No campo filosófico, segundo Chauí (1999, p. 128), memória representa tanto uma atualização do passado como o registro do presente para ser preservado como lembrança.

No presente trabalho busca-se centralizar os estudos de memória sobretudo na antropologia e na sociologia. Oliveira e Rodrigues (2009) destacam algumas fases acerca das

concepções de memória: a antiguidade, na qual temos uma abordagem sublime/divina, o período de laicização da memória e, por último, a perspectiva científica, predominante na contemporaneidade.

Na Grécia Antiga, em uma sociedade pautada na oralidade, a memória representava uma entidade divina, com um papel preponderante: a transmissão, através da poesia, de conhecimento e tradição de geração para geração. Regis (1997, p. 20) complementa:

Mas a memória do poeta grego diferencia-se da capacidade humana de recordar. Ela não é somente uma tentativa de reconstrução e transmissão do passado às gerações futuras. Para os gregos, a Memória é sagrada e privilégio apenas de alguns homens.

*Mnemosine*, mãe de nove musas (procriadas em nove noites com o Deus do Olimpo), lembra aos homens de seus grandes feitos heroicos, preside a poesia lírica. O poeta, nesse sentido, é um guardião da memória, do passado, é um testemunho da Idade Heroica (LEGOFF, 2003).

Le Goff (2003) destaca o processo de laicização da memória na Grécia a partir da invenção da escrita. Numa sociedade escriptocêntrica, desenvolvem-se técnicas mnemônicas, através das quais os oradores gregos reproduzem discursos pautados em lugares e imagens da memória. Em sua obra “História e memória”, o historiador citado trouxe contribuições preponderantes para os estudos na área, definindo memória como “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (op. cit., p. 477). A partir do pensamento desse autor ressaltamos a questão da identidade cultural que molda e torna-se moldada pela memória, numa dialética constante.

### 3.1 BERGSON: O VIÉS CIENTÍFICO FILOSÓFICO DA MEMÓRIA

Coube ao filósofo Henri Bergson, em sua obra *Matéria e Memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, estabelecer a relação entre matéria e espírito a partir da memória, dando um viés mais científico-psicológico aos estudos na área. Bergson parte do questionamento sobre a imagem e a percepção que temos dela tendo em vista o presente e a evocação das lembranças. Segundo o autor, nosso corpo tem papel primordial na percepção de imagens e de como iremos interpretá-las a partir de suas percepções:

Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas

imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo (2006, p. 10).

Vale frisar que os estudos de Bergson pautavam-se na perspectiva da memória como uma atividade individual. Sobre a obra citada Veillard-Baron (2007) destaca seu rigor da concepção das relações entre cérebro e memória assim como sua riqueza de observações clínicas acerca das doenças de memória, daí reside o fato de seus estudos serem hoje revitalizados no campo da neurociência.

Para Bergson a memória não se encontra no cérebro, mas este serve para evocação de lembranças, como órgão materializador da memória, que filtra e seleciona o necessário pra o presente, impedindo dessa forma que todo o passado venha à tona. O autor frisa, nesse sentido, o aspecto da imaterialidade a memória (VIEILLARD-BARON, 2007).

Segundo Bosi (2004, p. 36) a partir dos estudos de Bergson: “Começa-se a se atribuir a memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação d corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das interpretações”.

Na obra *Memória e Vida*, o autor em estudo (2006) apresenta-nos dois tipos de memória: adquirida, de forma automática, a partir da repetição, que ele dominou de memória hábito; e a outra relacionada ao próprio ato de evocar lembranças, a memória pura, independente de imagens. Essas memórias possuem uma relação mútua, pois “[...] Para que uma lembrança apareça na consciência é efetivamente preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação” (BERGSON, 2006, p. 92).

Sobre a memória pura Marcondes Filho (1996) elucida: [...] A memória pura, ou lembrança pura de Bergson, caracteriza-se pela conservação virtual de tudo o que é passado. Não há, no entanto, uma regressão do presente ao passado, mas uma presentificação do que já se passou. No exercício da memória, o tempo que se apresenta é o do passado. Essa memória está sempre independente da lembrança (para Bergson, um problema de percepção e não de memória), que se tem dos acontecimentos passados.

Para o filósofo em estudo, memória em sua forma envolve uma questão de percepção e essa associa-se a uma capacidade intelectual. Apesar de trazer contribuições significativas para o campo em estudo, Bergson, ao enfatizar o viés individual no processo mnemônico, não leva em conta as influências sociais sobre o indivíduo, cabendo a seu aluno e “sucessor” teórico Halbwachs cobrir essa lacuna.

### 3.2 HALBWACHS: MEMÓRIA COMO FENÔMENO SOCIAL

Enquanto Bergson estudou a memória em seu viés individual e psicológico, seu ex-aluno, o sociólogo Maurice Halbwachs, apresenta-nos, de forma inovadora, o aspecto social da memória. Para melhor entendermos a obra de Halbwachs, faz necessário um contexto da época de sua publicação. No século XIX as Ciências Sociais desenvolvem-se com mais autonomia e nessa esteira surgem as ideias de Durkheim como o conceito de fato social e a noção de sociedade como um organismo, uma totalidade. Bosi (2016, p. 53) destaca:

Com Durkheim o eixo das investigações sobre a ‘psique’ e o ‘espírito’ se desloca para as funções que as representações e ideias dos homens exercem no interior do seu grupo e da sociedade em geral. Essa preexistência e esse predomínio do social sobre o individual deveriam, por força, alterar substancialmente o enfoque dos fenômenos psicológicos como a percepção, a consciência e a memória [...].

Impulsionaram tais pensamentos a industrialização e o desenvolvimento de uma sociedade de massas. Desses fatores deparamo-nos com a identificação de “sujeitos sociais coletivos” (civilização, nação, povo, classe, raça) desenvolvidos sobre a égide do historicismo ocidental (CATROGA, 2015).

Partindo da ideia de “fatos sociais” desenvolvida por Durkheim, o pensador em destaque elabora o conceito de “quadros sociais” da memória. Nesse sentido, toda e qualquer lembrança nossa constitui-se a partir do nosso convívio social, estabelecendo-se a partir desses quadros.

Comparando os estudos de Bergson e Halbwachs, Bosi (2016, p. 54) frisa:

A mudança de visada se dá na própria formulação do objeto a ser apreendido: Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os ‘quadros sociais da memória’. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre corpo e espírito), mas perseguirão a realidade interpessoal das relações sociais. A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Assim, Halbwachs a partir dos estudos de Bergson, destaca a memória como construção social contínua, valorizando a inter-relação social em detrimento da relação corpo e espírito desenvolvido pelo seu professor, destacando a preponderância das memórias dos grupos sociais sobre o indivíduo, seguindo os ditames da sociologia de Durkheim. Bergson e Halbwachs coadunam na existência, no processo da memória, de uma seletividade na representação do passado, todavia se para aquela essa representação ocorre na esfera individual, para este, ela

funciona de forma coletiva.

Nessa esteira, Halbwachs (2006) inicia sua obra póstuma *Memória Coletiva* (publicada em 1950), reconhecendo o nosso testemunho como pressuposto inicial para nossas recordações mais aponta de imediato a importância dessas lembranças serem compartilhadas por outros, dando maior exatidão a elas. “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que já sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

O autor, assim como em todo o resto da obra, dá-nos um exemplo ilustrativo desse fato: quando nos reencontramos com um amigo, não visto por certo tempo, temos que nos esforçar para relembrarmos do nosso contato anterior. Todavia quando evocamos lembranças em comum, começamos a recordar juntos, e os fatos passados ganham nova dimensão, vivemo-los de forma mais acentuada, pois passamos a representa-los juntos. Nesse sentido, a convergência de alguns fatos lembrados com o outro servem para reforçar ou mesmo autenticar essas lembranças.

Seguindo esse raciocínio, o sociólogo destaca o caráter coletivo de nossas lembranças: mesmo quando lembramos de fatos que vivenciamos sozinhos ou de objetos vistos somente por nós em determinado momento, necessitamos sempre dos outros para relembrarmos. “[...] Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distinto entre nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Evidente a consciência do autor em relação a ressignificação que cada indivíduo dá a determinadas lembranças. Para reconstruirmos uma imagem, não basta termos vivenciados experiências em grupo, se esses fatos não tiverem em nossas recordações uma certa significância, por mais que outras testemunhas do grupo tente reforça-la, para nós haverá um estranhamento, talvez porque tenha ocorrido uma descontinuidade de nossa parte em relação ao grupo vivido, ou, e aí entra a questão da identidade a ser trabalhada mais à frente, para nós aquela lembrança não nos dá a ideia de pertencimento. O envolvimento nosso com o grupo social e com outros subgrupos também interfere na forma como podemos lembrar de um mesmo fato de forma mais significativa que os outros.

Mais uma vez, o autor em destaque oferece-nos um exemplo ilustrativo: um aluno reencontra um professor que deu aulas em uma escola por quinze anos. O discente evoca lembranças de sua turma, como o local que ocupava no banco da sala ou as diabricses de algum colega, que soam estranhas ao docente. Mesmo tendo corrido esses fatos, o mestre não os relembra talvez porque sua relação com essa turma tenha ocorrido de forma efêmera, apenas

um ano. Já a turma a qual pertencia o aluno continuava a mesma, ano após ano, e os laços entre os alunos tornaram-se mais efetivos, logo, suas lembranças comuns também. Além disso, a partir dessa turma, outros grupos mais reduzidos também podem reforçar essas memórias, como a relação com os pais ou outros grupos. O professor não recorda dos fatos pelo pouco tempo que passou com a turma (todo ano era uma nova turma), logo não havia com quem recordar fatos tão nítidos para o aluno.

Evidentemente, pelo exposto, não recordamos da mesma forma, ou temos as mesmas imagens e percepções do passado. A seguir o autor observa que a memória individual, em momento algum, será suficiente para recordarmos ou reconhecermos lembranças. Se esquecermos da memória em comum vivenciado no grupo e acreditamos que lembramos de um fato independente da memória dos outros é porque nos distanciamos desse grupo.

Para que possamos nos valer das memórias dos outros para a construção da nossa os testemunhos deles não são suficientes, há a necessidade de certa convergência entre essas lembranças, de uma base comum, a reconstrução das imagens do passado em coletivo só terão significância para cada um quando fazemos parte de um mesmo grupo ou sociedade comungamos de determinadas lembranças (HALBWACHS, 2016). E há possibilidade de uma lembrança totalmente individual, sem nenhum suporte no outro, sem a necessidade de uma memória coletiva para apoiar a memória individual? O sociólogo descarta essa hipótese:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos de objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social (HALBWACHS, 2006, p. 43).

Mais uma vez o autor destaca o viés social da memória, enfatizando a inexistência de uma memória totalmente individual, sem o aparato, mais invisível que seja, do contato social. Só recordamos a partir da convivência social.

Ainda para enfatizar o aspecto coletivo da memória sobre nossas lembranças o autor destaca uma situação paradoxal: as lembranças mais difíceis de serem evocadas são as mais pessoais ao passo que as de mais fácil acesso são as vividas em grupo. Em seguida, o autor em estudo desvenda essa questão a partir da nossa relação com os outros: na realidade as lembranças evocadas com facilidade relacionam-se aos grupos com os quase temos maior grau de envolvimento, maior familiaridade, já aquelas aparentemente mais pessoais e difíceis de serem evocadas estão ligadas a grupos que não temos contato constante, daí a dificuldade de

evocá-las.

[...] Há grupos que se associam ou se encontram com frequência, embora possamos passar de um para outro, estra ao mesmo tempo em um e em outro, entre outros, as relações são muito reduzidas, quase invisíveis, e não temos nem oportunidade nem a ideia de percorrer as veredas escondidas pelas quais se comunicam [...] (HALBWACHS, 2006, p. 67).

As memórias que nos dizem respeito encontram-se nesses caminhos escondidos (HALBWACHS, 2006). As influências de Bergson nas ideias de Halbwachs também se tornam perceptíveis na questão da percepção de imagens, todavia o aluno aborda essas questões elaboradas pelo professor a partir da relação social. Por exemplo, o sociólogo retoma a ideia bergsoniana de reconhecimento por imagem, mais uma vez o autor exemplifica de forma ilustrativa: quando revemos o retrato de um amigo há muito tempo visto. Para recordar o rosto desse amigo não basta a imagem, necessitamos reagrupar várias lembranças parciais, incompletas e esquemática que guardamos, contextualizando essa imagem com os grupos nos quais vivenciamos experiências com esse amigo. Ele enfatiza o fato de não percebemos a influência do meio social, só reconhecemos um lugar ou um objeto a partir de uma imagem porque há uma lembrança social diluída em vários ambientes, dando-nos a ilusão, nesse caso, de um processo individual de lembrança.

Em resumo, Halbwachs (2006) desenvolve a dicotomia memória individual e coletiva destacando a preponderância desta sobre aquela, afirmando que até nossas vivências individuais constituem lembranças a partir de nossa sociedade. A memória individual, mesmo estando diretamente ligada as nossas experiências/vivências, atrela-se sobretudo ao grupo social no qual se formou essa lembrança, ou seja, há uma relação entre nossas memórias e seu espaço de socialização. Para o autor, a memória coletiva constitui-se a partir de fatos e aspectos vistos como significativos por grupos dominantes. Verificamos assim o processo seletivo de memória coletiva. Obviamente, nessa seleção predomina os interesses de determinados grupos.

“Nossas lembranças permanecem coletivas nos são lembranças por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distinto de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Assim, para o sociólogo em estudo, a partir da memória o indivíduo reforça, de forma afetiva e não-coercitiva, seus laços com o grupo. Essa coesão social ocorre espontaneamente quando cada um recorda por intermédio dos já mencionados dos quadros sociais da memória

e que instituições e ou elementos contribuiriam para a formação desses quadros sociais? Obviamente a família, a igreja, e até mesmo o próprio Estado. Feitosa (2003, p. 100) critica em parte o pensamento do autor:

[...] Ele parece não levar em conta a individualidade do sujeito, nem sua capacidade de ressemantizar o que lhe é dado por esses quadros. Os modos de ver e perceber as “coisas do mundo” - não obstante serem herdados de uma tradição, de uma memória ou das ações coletivas dos cotidianos - são reelaborados conforme a reserva memorial de cada um de nós individualmente. Nesse sentido, lembrar-se, recordar-se, lançar mão dos recursos da memória é uma atividade dinâmica, aproximada da capacidade de leitura de mundo.

Halbwachs ainda destaca o dinamismo dos quadros sociais de acordo com a própria dinâmica de participação dos indivíduos em diversos grupos no decorrer de sua vida. Pelo exposto, se Bergson nos estudos sobrevalorizou a individualidade sobre a coletividade, Halbwachs condicionou toda e qualquer lembrança a uma dimensão coletiva. Para Bosi (2016, p. 411) “Por muito que se deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”.

### 3.3 POLLAK: O INDIVIDUAL VOLTA A TER ÊNFASE NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA

O sociólogo Michael Pollak reestuda a obra de Halbwachs nos anos 1980 e partir desses estudos coaduna com algumas ideias de seu antecessor. Em *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989) e *Memória e Identidade Social* (1992) Pollak dialoga diretamente com os preceitos desenvolvidos pelo sociólogo autor de “A Memória Coletiva”.

Rios (2013) destaca os pontos convergentes e as divergências sobre a temática memória no pensamento desses dois autores em comum ambos veem a memória como um fenômeno coletivo, uma construção social do passado realizado no presente. Também coadunam no aspecto variável e múltiplo e seletivo da memória. Todavia mesmo reconhecendo a memória como uma construção coletiva, Pollak valoriza o papel das lembranças do indivíduo nessa construção, não estando totalmente submisso aos quadros sociais das memórias como pregava Halbwachs. Pollak não nega o fato de nossas lembranças e a forma como a representamos estarem ancoradas em pontos estáveis em comum nos grupos que vivemos, mas proclama o aspecto individual da memória.

No primeiro estudo, Pollak (1989) relembra o aspecto não coercitivo, mas sim coesivo, de adesão por afetividade, da memória coletiva defendido por Halbwachs e também o processo seletivo e negociador para conciliarmos memórias coletivas e individuais. Nessa perspectiva, Pollak retoma a ideia de fato social sobre um olhar mais crítico: como um fato social torna-se estável e duradouro em relação a outros. no trabalho e construção social das memórias há um jogo de poder, uma disputa, na qual determinados grupos terão suas memórias excluídas/esquecidas do âmbito oficial, cabendo aos novos estudos sobre memória o foco nessas disputas e não na estabilidade. A partir da História Oral o autor em estudo abordará a questão das memórias subterrâneas.

Paralela a uma memória coletiva, mais precisamente nacional, organizada, há uma memória esquecida ou silenciada pelo grupo majoritário, lembranças indizíveis, vergonhosas proibidas despercebidas pela classe englobante, mas que podem vir à tona, conforme afirma Pollak (1989, p. 8-9):

[...] O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emerjam nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples ‘montagem’ ideológica, por definição precária e frágil.

Logo, Pollak questiona o processo de construção de uma memória nacional, ressaltando o silêncio de muitas lembranças, alijadas dos meios oficiais, mas que aguardam oportunidade de se manifestarem. Mais adiante Pollak trabalha com a questão do enquadramento da memória, devido a seletividade inerente à memória, há um processo de escolha da visão do passado que prevalecerá para o grupo. Claro que esse processo não ocorre aleatoriamente e pode ser refigurado de acordo com o contexto social.

Seguindo o pensamento da memória como fenômeno social, o sociólogo Michael Pollak (1992) em “Memória e Identidade Social” destaca os seus três elementos constitutivos: acontecimentos (vividos pessoalmente ou por tabela), pessoas/personagens e lugares.

Os acontecimentos que o autor denomina de “vividos por tabela” representam aqueles fatos vividos pelo grupo ao qual o indivíduo sente-se pertencente. A pessoa pode não ter participado desse acontecimento, mas no seu imaginário o fato é tão significativo que sua participação ou não do ocorrido fica em segundo plano. Nessa linha podemos até mesmo falar em uma memória herdada de um fato distanciado em espaço e tempo do grupo, mas que de tão

representado ou repassado acaba por pertencer aos novos grupos.

Em relação ao segundo elemento constitutivo da memória, pessoas, o autor afirma que se pode ser aplicado a mesma lógica do anterior: podemos ter convivido com pessoas ou tê-las em nós imaginário, sem uma relação tempo-espço precisa. Pollak cita como exemplo a figura do general francês De Gaulle e o fato de muitas pessoas consideradas contemporâneos sem terem convivido espacial e temporariamente com ele.

Por último, temos os lugares da memória que podem estar atrelados a uma lembrança mais pessoal como também servirem de apoio da lembrança de um grupo, como os locais de comemoração. Mais uma vez o autor destaca o fato desse elemento, assim como os outros já citados, não está diretamente relacionado ao tempo e espaço do indivíduo, mas configurar um lugar de memória por tabela, desde que aquele tenha em mente o sentimento de pertencimento a um lugar.

Esses três elementos constitutivos da memória podem representar projeção de outros eventos. Como exemplo, o autor remete-nos a França as duas grandes guerras mundiais. As atrocidades da Primeira Guerra Mundial foram tão contundentes que para muitas regiões do país a Segunda Guerra acabou sendo assimilada pela anterior, ficando na memória de muitos um só grande conflito.

Outra problemática levantada pelo autor em estudo diz respeito aos vestígios datados da memória, “[...] aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento” (POLLAK, 1992, p. 202). Para personagens com vida pública mais intensa os dados históricos têm preponderância sobre os particulares, e o oposto também, grandes fatos históricos podem ser vistos pelo indivíduo a partir de momentos particulares, como casamento, nascimento do primeiro filho. Vale frisar: às vezes por mais que uma cronologia oficial seja imposta, a memória de um grupo pode superá-la.

Depois dessas considerações, Pollak chega ao viés seletivo da memória, visto a impossibilidade de se registrar tudo o que é vivido. Destaca ainda as preocupações do presente como elemento estruturador da memória. Logo, a memória é um fenômeno construído, individual ou coletivamente, consciente ou inconscientemente.

Mais adiante, Pollak destaca como a memória pode ser constituída e o trabalho de enquadramento da memória realizado pelos historiadores. Nesse processo, a seletividade atua a partir do grupo organizador dessas memórias, as datas e personagens evidentes de um grupo serão destacadas tendo em vista a ideologia dos proponentes. Fica evidente aqui como a memória também pode constituir espaço de disputas. Na Literatura, por exemplo, o cânone literário durante muito tempo é representado por autores, brancos e abastados pois reflete a

ideologia dominante machista e escriptocêntrica que determina os escritores, obras e datas significativas no campo literário, enquadrando, dessa forma a memória literária de uma elite em detrimento dos marginalizados.

### 3.4 CANDAU: NOVOS VELHOS OLHARES SOBRE MEMÓRIA

Joel Candau retoma algumas perspectivas de Bergson ao destacar a preponderância da memória individual, enfatizando sua construção, para depois desenvolver o conceito de memória coletiva, que o autor optará por denominar de holística. Em sua obra *Memória e Identidade*, Candau trabalha os conceitos homônimos do título no viés antropológico, destacando como se dá a transição das formas individuais para as coletivas.

Candau (2016), assim como o fez Bergson, aponta as diferentes manifestações da memória: a proto-memória, a memória propriamente dita ou de evocação e a metamemória. O autor frisa o fato de essas denominações se aplicarem mais precisamente à memória individual.

A proto-memória, destacada como de baixo nível, corresponde ao conceito de memória hábito proposto por Bergson em *Matéria e Memória*. Constitui uma memória imperceptível, inconsciente. Nessa enquadram-se os hábitos e costumes implícitos adquiridos de forma espontânea desde a infância, logo esse tipo associa-se mais diretamente ao nosso corpo: andar, falar, a postura e outras atividades por exemplo (CANDAU, 2016, p. 22).

A memória propriamente dita, de alto nível, desenvolve-se a partir da recordação e do reconhecimento “[...] evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sentimentos, etc.)” (CANDAU, 2016, p. 23). Nessa também se enquadra o esquecimento.

Para tentar preservar a memória de uma determinada sociedade desenvolveram-se os lugares de memória, denominados por Pierre Nora (*apud* SIMSON, 2000, p. 2) como monumentos, murais, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade.

Vale frisar que nessa seleção da memória coletiva nem sempre os grupos marginalizados terão seu respaldo. Daí a importância do desenvolvimento de espaços de memórias mais democráticos nos quais a cultura popular também tenha seu merecido destaque. Numa sociedade capitalista, elitista e escriptocêntrica ainda há pouco destaque para as manifestações culturais populares, mormente a literatura marginalizada.

### 3.5 ALEIDA ASSMANN: A CULTURA MOLDA A MEMÓRIA

A partir da Antropologia Cultural, Aleida Assmann, traz à cena o papel da cultura na formulação e desenvolvimento da memória desde os tempos antigos. Ela inicia sua obra “Espaços de Recordação: Formas e Transformação da Memória Cultural” procurando refutar o argumento do historiador Pierre Nora sobre a suposta extinção da memória devido a sua absorção pelos registros históricos, e afirma que na realidade há na contemporaneidade uma intensificação dos estudos da memória. Assmann procura analisar toda a movência e complexidade da memória, desde seus conceitos (individual e coletiva) até seus meios de reprodução e seus armazenadores.

A autora busca diferenciar o ato de decorar/armazenar com o ato “recordar”, sendo que o segundo não é deliberado, “ou se recorda ou não se recorda” (ASSMANN, 2013, p. 33), está associado a experiências pessoais. A pesquisadora estuda memória como *ars* (arte/técnica) e *vis* (potência). “A palavra ‘potência’ indica, nesse caso, que a memória não deve ser compreendida com um receptor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias” (op. cit., p. 34). A *ars* está associada ao armazenamento, oposta ao esquecimento, já a *vis* associa-se a recordação, ultrapassa barreiras e dialoga com o tempo.

À memória coletiva, trabalhada por Halbwachs e Pollak, Assmann denomina de memória funcional ou habitada, base para identidade de um grupo, apresenta-se como seletiva, e consegue ligar passado, presente e futuro no ato de recordar. Já a memória histórica a autora denomina de cumulativa, presa ao passado, serve de depósito para as memórias funcionais, como os museus, os arquivos e as bibliotecas.

Em relação aos meios, a pesquisadora discorre sobre as mídias memorativas, os meios de armazenamento culturais e técnicos que arquivam essa memória. Vale lembrar que com a consolidação da escrita, suporte da memória, a arte mnemônica, o ato de memorizar /decorar, perde espaço e há uma valorização da recordação. A partir do advento da imprensa o poder de recordar evolui pois, “[...] A recordação ganha uma qualidade totalmente diferente, ela se aplica, na era da imprensa, cada vez menos a arte de resgatar o saber e cada vez mais à possibilidade de recompor sentimentos. Os signos estão disponíveis, as páginas dos livros podem ser viradas e relidas, os lugares poder ser revisitados, mas as emoções relacionadas a isso não se representam de maneira automática [...]” (ASSMANN, 2011, p. 113).

Aleida Assmann também discorre sobre os locais ou ambientes da memória, que acolheram acontecimentos de valor histórico, religioso ou, biográfico. A autora elenca os tipos de locais de memória: “locais de geração” ligados a histórias de família; “lugares sagrados relacionados ao ato de vivenciar a memória dos deuses; “espaços honoríficos” onde nas ruínas

encontramos vestígios históricos e os “locais traumáticos”.

A pesquisadora também retrata os armazenadores, espaços para guardar a memória, destacando o arquivo. A técnica de arquivamento representa um exemplo de como a memória desenvolve-se a partir da cultura, pois a seleção de textos para uma historiografia oficial dá-se a partir de critérios sociais nos quais o encobrimento, o esquecimento e o silêncio podem passar. Logo os documentos guardados nesse armazenador foram selecionados e organizados a partir de interesse de determinados grupos em um determinado tempo.

Os estudos de Assmann contribuíram para vermos o quanto a cultura determina as formas da memória, em toda a obra a autora enfatiza a relação intrínseca entre memória, recordação e esquecimento.

Por último, a autora também nos lembra da intencionalidade no ato de lembrar, afirmando não haver ingenuidade nessa ação pois sempre há interesses, questões socioculturais nos critérios de escolhas do que conservar. Ainda nessa seara, discute sobre a veracidade do testemunho frente a historiografia oficial, e acreditando numa forma mediadora entre esses dois meios de conservação da memória.

#### 4 OS CAMINHOS DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL: RASTROS, DISTORÇÕES, MOVÊNCIAS E NOVOS SUPORTES NA PASSAGEM DA ORALIDADE PARA A ESCRITA (onde o autor procura desvendar as teorias do cordel)

*Cordel é literatura  
Possui brilho especial  
É saber arte e cultura  
Patrimônio cultural*

*Um bem imaterial  
De fato reconhecido  
O cordel é genial.  
Popular e conhecido.*

*São versos metrificados  
Ligados à oração  
Nestes em cantos rimados  
Brotou letra e inspiração.*

*Lindicássia Nascimento*

Traçar, mesmo em linhas gerais, os caminhos de um gênero diversificado como a poética popular torna-se tarefa singular, devido à complexidade de uma poética que transita do oral para a escrita, bem como à falta de unicidade na teoria dos estudiosos dessa área. Acrescenta-se a essas dificuldades a pouca atenção dada na época aos processos de transição da poética oral para a escrita. Polêmicas e preconceitos, a aceitação ou marginalização em relação ao cânone literário, disputas culturais de espaço, a forma como esses poemas são editados, publicados e divulgados e outras questões perpassam as designações e o campo de estudo para essa manifestação que também é literária.

Lucena (2010) e Galvão (2006) trazem-nos algumas denominações dessa poética, inovadora e autêntica desenvolvida no Brasil que sofreu, e ainda sofre, exclusão e marginalização por parte de muitos folcloristas e críticos literários: “cordel”, “folhetos”, “romances”, “livretos”, “livro/livrinho de freira”, “livro de histórias matutas”, “livrozinho/livrinho véio”, “livro de história antiga”, “folheto de história de matuto”, “poesias matutas”, “foiето antigo”, “história de João Martins de Athayde” (ou simplesmente “livros de Athayde”), entre tantas outras comuns até o século XIX.

Na própria escolha de utilização de designação de Literatura de Cordel, literatura de folhetos e literatura popular em versos encontram-se imbuídas questões ideológicas, visões hegemônicas e disputas culturais. Para Alexia Brasil (2005, p. 18) “O cordel é um viajante que

traz marcas de muitos territórios”. Na concepção de Lucena (2010, p. 8) cordel “[...] refere-se em especial à poesia popular impressa, e os folhetos são, tradicionalmente, os suportes que estabelecem a materialidade dessa poesia”. De acordo com Sautchuk (2012) esses folhetos, embora escritos, ainda possuem resquícios de oralidade, vestígios esses mais notáveis quando os poemas são declamados, sendo nesse sentido, orais quanto à propagação e fruição.

Visto isso, antes de seguirmos a jornada, faz-se necessário lembrar o fato de em 2018 a Literatura de Cordel ter sido registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2018) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Segundo o Instituto:

A Literatura de Cordel refere-se não apenas ao gênero literário, mas também a um veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cordelistas. Inserido na cultura nacional em fins do século XIX, o cordel é elemento constituinte da diversidade cultural brasileira, com contribuições das culturas africana, indígena, europeia e árabe. Conjugando tradições da oralidade, da poesia e das narrativas em prosa, o bem cultural se constituiu como uma relevante forma de expressão da nossa sociedade. Seu desenvolvimento associado às narrativas orais, à cantoria, ao repente, à embolada, à glosa e à declamação ensejou a grande popularidade do gênero, devido à estruturação dos poemas que possibilita uma fácil memorização dos versos (IPHAN, [2014?], não paginado).

#### 4.1 OS CAMINHOS LUSITANOS NÃO DELIMITAM OS DO NORDESTE BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE INFLUÊNCIAS E ORIGENS DO FOLHETO

Durante muito tempo, e de certa forma, ainda hoje, pesquisadores e mesmo os poetas reverberam o discurso de uma relação de dependência, uma herança histórica do folheto nordestino em relação ao cordel lusitano. É a partir de 1970 que a expressão “literatura de cordel”, terminologia já usada anteriormente em Portugal, passa a ser utilizada pelos estudiosos brasileiros, em referência à literatura de folhetos (ABREU, 2006). Entretanto o novo termo atribuído à poesia popular impressa não teve aceitação imediata e passiva pelos poetas populares do Nordeste.

Esse discurso constituiu-se de forma tão maciça a ponto de hoje utilizarmos os termos “folheto” e “cordel” de forma indistinta. Muitos autores ao tentarem traçar uma definição da poética popular em estudo acabam seguindo essa tendência:

A Literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos). É a literatura que reaproveita temas da tradição oral, **com raízes no trovadorismo medieval lusitano**, continuadora das canções de gesta, mas também espelho

social de seu tempo. Com esta última finalidade, a Literatura de cordel receberá o qualificativo - verdadeiro, porém reducionista - de 'jornal do povo'. O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego (HAURÉLIO, 2010, não paginado, grifo nosso).

O autor enfatiza o trovadorismo português como as “raízes” da oralidade da poética brasileira, desconsiderando dessa forma, como veremos adiante um conjunto de influência de outras culturas. Para Bruna Paiva de Lucena (2010a) o transporte do termo cordel para a poética oral brasileira, mormente a nordestina, configurou o primeiro envolvimento de intelectuais nessa temática.

Uma das primeiras pesquisadoras a tentar desmistificar essa dependência da poética popular nordestina da matriz lusitana, Márcia Abreu (2006), em sua tese “Cordel Português e Folhetos Nordestinos: confrontos - um estudo histórico comparativo”<sup>5</sup>, classifica como escassas e incoerentes citações bibliográficas, na década de 70, sobre essa herança. Ao analisar o conjunto de textos portugueses vindos pelo Atlântico no período colonial até nossas terras, a autora assevera: “[...] se eles representam o cordel luso, não são se quer um pálido esboço do que é a literatura de folhetos do Nordeste brasileiro[...]” (ABREU, op. cit., p. 72).

A partir das considerações levantadas por Abreu (2006) traçamos o seguinte quadro comparativo entre os dois gêneros poéticos, o luso e o nordestino:

**Quadro 1 - Comparação entre o cordel português e folheto nordestino**

<b>Literatura de Cordel Portuguesa</b>	<b>Literatura de Folhetos do Nordeste</b>
Adaptadores de textos de sucesso.	Autores viviam da composição e da venda de versos.
Textos dirigidos ao conjunto da sociedade.	Autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares.
Matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita.	Fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos.
Temáticas predominantemente focadas na vida dos nobres cavaleiros.	Tematizavam o cotidiano nordestino (tradições, religiosidade, costumes do sertanejo).
Obras de domínio público.	Autores proprietários de suas obras.
Tão variada em forma, estilo e gênero que se torna difícil sua delimitação no campo literário, ou seja, não há forma fixa.	Possuí características próprias (métrica, ritmo e oração) que permitem a definição clara de sua forma literária; forma fixa, certa uniformidade.
Não há estudos ressaltando a passagem das cantorias para a escrita dos cordéis portugueses.	Relevância da cantoria na produção dos folhetos, revelando a existência de uma produção oral antecedente à publicação impressa.
Não há uma forma fixa.	Forma fixa, regras rígidas quanta à rima, à métrica e ao ritmo.

Fonte: baseado em Abreu (2006).

<sup>5</sup> Tese que gerou a publicação do livro: **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

Ao desenvolver o comparativo entre as duas poéticas, Abreu (2006) conclui que a aproximação entre elas ocorre mais pela questão editorial do que literária. Talvez esse discurso da matriz portuguesa destacado em algumas fontes bibliográficas na época, seja mais um dos muitos resquícios de um Brasil arcaico e colonial ou analisando de forma mais crítica uma construção cultural, uma tradição inventada. Lucena (2010a) corroborada por Dias (2010), atenta para o fato de o termo “cordel” não ser reconhecido pelos autores, nem pelo público leitor, como denominação do gênero poético popular do Nordeste, não ocorrendo uma aceitação imediata e passiva por esses, pelo menos até metade da década 60. Sobre os desdobramentos dessa legitimação imposta pelos intelectuais a autora complementa:

Ao passo que significou também a primeira estratégia, por seus produtores, de legitimação do gênero, pois que, apesar de exporem seus folhetos em esteiras de palha e em bancadas móveis armadas em lugares públicos (daí a expressão “**poeta de bancada**”), eles passaram a utilizar essa forma de exposição e denominação como meio de difundir ainda mais sua produção e alimentar o folclore e a tradição criados pelos portugueses e adotados pelos intelectuais brasileiros em seus estudos a partir da década de 1970. Tendo o termo facilitado a circulação dos folhetos nos meios intelectuais, tornou-se mais vantajoso se render à expressão e até mesmo alimentá-la. E assim se disseminou a designação “literatura de cordel” entre os produtores e os consumidores do folheto brasileiro. Mas é, antes de tudo, um termo de origem erudita que revela um dos primeiros momentos em que se quis exercer o controle da significação dessa poética do povo, e também fixar uma terminologia conveniente aos padrões da crítica literária (LUCENA, 2010, p. 12, grifo nosso).

Pelo exposto, a imposição de uma nomenclatura de origem lusitana para designar a poesia de bancada ou folheto ocorreu de forma tão contundente e sistemática que os próprios produtores dessa poética, assim como seus consumidores, acabaram, gradativamente, por aceitá-la, sobretudo por dar a esses poetas um suposto reconhecimento no meio intelectual. Dias (2010, p. 164) apresenta o uso da nomenclatura cordel como um “[...] flagrante desrespeito às práticas e métodos de venda da maioria dos poetas populares, tratando-se, portanto, de uma transferência indevida de um termo que originalmente fora atribuído a um fenômeno ibérico, mas que impropriamente os estudiosos brasileiros do século XIX aplicaram aos folhetos do Nordeste”.

Não há como negar a contribuição lusa para o desenvolvimento de uma poética popular no Brasil, pois as produções ibéricas que chegaram até aqui e a existência de um imaginário e uma memória do medieval ressignificados no Nordeste do Brasil constituem exemplos dessa contribuição. Para Galvão (2006) apesar da falta de consenso quanto à origem exata do cordel

no Brasil, torna-se inquestionável a contribuição portuguesa no desenvolvimento do cordel brasileiro. Só que muitas outras influências se hibridizaram nesse particular poético de vozes (SANTOS, 2011). Uma vez desconstruída essa dependência excludente, torna-se evidente a compreensão de existências outras influências culturais, pautadas na oralidade, para o desenvolvimento da poética em estudo.

Muitos poetas do Nordeste, antes de terem seus poemas escritos, dominavam técnicas mnemônicas e conseguiam “gravar” além de narrativas e cantorias algumas manifestações populares como o som dos maracatus, dos reisados, do coco, da embolada. E é essa cultura, influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos, que faz do cordel uma produção cultural distinta das outras (MARINHO; PINHEIRO, 2012). Santos (2011), a partir dos estudos orais, demarca o cordel como poética das vozes, nômade formada pelas vozes de povos ágrafos estrangeiros, não só portugueses, como também árabes, holandeses entre outros e vai além ao acrescentar nessa hibridização poética da oralidade a voz e o canto dos índios. Lucena (2010a) elenca como antepassados da poética em foco: “[...] a tenzone dos trovadores medievais, o trancoso, o romanceiro, os akipalôs de origem africana, o corrido na Espanha, entre outros, de modo que a identificação com o cordel lusitano foi preponderante nos estudos do cordel brasileiro apenas pela transposição imediata e apressada dos críticos literários” (p. 12).

Por último, vale ressaltar, a impossibilidade de se traçar uma origem, de retomar os primeiros rastros do cordel, devido à sua movência e à oralidade inerentes ao cordel, as fontes bibliográficas que apresentam essa gênese devem ser vistas com criticidade, pois na prática tratam das várias fases e nuances dessa complexa poética situada entre o oral e a escrita. Para Santos (2010) não houve estudos específicos sobre a passagem da voz cantada para o impresso, apesar de muitos destacarem as marcas da oralidade no folheto, mas nessa transição, lenta e gradativa, ocorreram pontos significativos que passaram a caracterizar o cordel.

Para Abreu (2006) podemos acompanhar a formação da literatura de folhetos no Nordeste a partir das referências de sessões de cantorias e dos folhetos publicados entre o final do século XIX e os últimos anos da década de 1920, intervalo no qual definem-se um suposto cânone pautado em características fundamentais dessa poética.

Traçar um marco exato, uma fonte única de uma poética movente e ainda pouco pesquisada no meio acadêmico torna-se, nesse contexto, impossível, pois o folheto enquanto mnemotécnica<sup>6</sup> de uma memória oral cantada deixou no caminho rastros hoje deléveis, as

---

<sup>6</sup> Técnica de estimulação da memória.

tentativa nesse âmbito terminaram por representar, na realidade, um estratagema de uma classe dominante em se apropriar do estudo de uma poética que não se encaixa em “padrões” de estética tradicionais .

#### 4.2 A PEDRA DO PRECONCEITO NO MEIO DO CAMINHO: CORDEL COMO FOLCLORE OU LITERATURA

Aqui buscaremos entender como os estudiosos tentam encaixar o folheto em suas teorias excludentes e preconceituosas a partir de duas áreas o Folclore e a Literatura, ambas na perspectiva de uma elite intelectual que utiliza o discurso hegemônico para avaliar manifestações artísticas não pertencentes ao cânone. Nos dois campos de estudo o cordel é visto como uma literatura popular oral numa representação perpassada por um teor de diminuição ou rebaixamento. Como corrobora Matos (2010, p. 15): “Ao falar em literatura popular vem à tona a denominação ‘literatura oral’, usada pela primeira vez por Paul Sibilo, com o objetivo de se referir a textos produzidos por pessoas comuns, do povo, tidas normalmente como analfabetas e iletradas”.

De acordo com Santos (2012, não paginado), na década de 60 iniciam-se três ações convergentes, pautadas sobretudo nos estudos folclóricos, buscaram desenvolver a construção de um cânone para a “literatura popular em veros”:

[...] a política cultural desenvolvida no Rio de Janeiro pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) voltada à publicação de estudos críticos sobre o cordel; da presença militante do pesquisador francês Raymond Cantel na divulgação e fomento desta poética (1959-1986); e das pesquisas que culminaram com a organização e a publicação de um dicionário sobre cantadores e poetas de cordel, coordenadas por Átila Almeida e José Alves Sobrinho, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

As atividades desenvolvidas nesse período, com o intuito de recuperar e preservar uma poesia oral, designada de popular e nacional, vão ao encontro das políticas nacionalistas desenvolvidas no Brasil. O projeto da FCRB, por exemplo, abordou o folheto, tendo em vista os parâmetros de cultura popular traçados pelo Conselho Federal de Cultura (CFC), elaborados em 1966, reflexo de um projeto cultural estabelecido pela ditadura militar no país. Nesse sentido, o folheto caracteriza-se como tradicional (sem espaço para produção feminina ou temáticas contemporâneas), popular, nacional (condizente com os ideias da ditadura), escrito (sendo avaliado a partir dos estudos de uma língua portuguesa moderna e nesse caso desconsiderando-se a oralidade) e de origem ibérica, sendo estudado, dessa forma, fora de sua

dimensão social (SANTOS, 2012).

Segundo Ria Lemaire (2010) a apropriação dos estudos e teoria do folheto pelos eruditos brasileiros no final do século XIX, ocorre a partir da reprodução do modelo europeu, pautado na superioridade de um homem machista, branco, letrado para as disciplinas de Literatura (faculdades de Letras) e Folclore (História). À primeira coube a tarefa de classificar o folheto/verso como “literatura popular” e obviamente, excluí-lo do cânone literário nacional. Já a segunda pesquisar sobre a cultura popular. Aos estudiosos da literatura canônica, detentores de uma língua nacional, as honras e glórias; aos folcloristas, guardiões de um conhecimento popular a exclusão acadêmica.

Esse discurso cultural hegemônico ultrapassa as fronteiras das áreas citadas, estende-se, perpetuando-se em outros campos. Como exemplo ilustrativo, na Biblioteconomia, o cordel classifica-se na seção de assunto como “folclore” e nos “descritores” (pistas) como “Literatura de Cordel”, “Literatura Popular”, quando na realidade existe uma classificação de assunto específica para Literatura. Nesse caso podemos verificar que a apropriação da teoria do folheto pelos dois campos de estudo (Folclore e Literatura) incide duplamente: reconhece-se o cordel como “Literatura de Cordel” pertencente ao assunto folclore, popular e não como Literatura, assunto, no caso em estudo. A partir desse exemplo Galvão (2006) destaca a forte influência ideológica e dos estudos sobre cordel na década 70: ainda nos dias de hoje, nas bibliotecas, o cordel é catalogado e dimensionado na seção “folclore” e não em literatura brasileira.

Nos cursos de Letras, temos outro exemplo de reverberação desse discurso excludente: Silva (2013) faz um levantamento de disciplina de estudo de Literatura de Cordel ou denominações afins em dezenove instituições de ensino públicas no Nordeste e constata que mais da metade não apresenta a disciplina na matriz curricular, do restante algumas oferecem-na como optativa e poucas como eletiva.

Além disso, a repetição dessas ideologias e preconceitos sobre o folheto a partir das academias, das escolas e dos meios de comunicação acabam obrigando o poeta dito popular a internalizar esse discurso, a reproduzir mitos falsos sobre sua própria poética. Lemaire (2010, p. 73) constata:

[...] no decorrer do século vinte e cuidando do “deleite dos pesquisadores” os poetas interiorizaram aos poucos, aquele discurso teórico da inferioridade e da condescendência integrando-os no discurso poético. Hoje em dia, muitos poetas, ao se apresentarem ao público, falam da sua poesia simples, rude, natural, espontânea, apesar da complexidade da sua arte, apesar do seu alto nível artístico, desculpando-se, junto ao público de terem abusado do seu tempo e da sua paciência para coisas de “tão pouco valor...”. Tornou-se tópico comum, quase indispensável na apresentação.

Vale sempre ressaltar: os critérios para construção do cânone literário configuram construções ideológicas pautadas na ideia de nação e de uma escrita literária padrão, das ‘belas letras’ (LUCENA, 2010). Pelo exposto, verificamos a exclusão do folheto do cânone literário nacional como uma forma de segregação cultural, pois os pressupostos para classificá-lo, assim como toda a literatura popular, não se encontra na análise de sua essência, nesse “fazer literário”, mas sim em elementos externos à obra, esses critérios de avaliação concentram-se em um discurso de poder onde o nacional soa como erudito ou clássico e o popular como exótico, de menor valor. Como a historiografia literária nacional avalia os textos não canônicos a partir do modelo canônico, a literatura popular, na qual classificaram o folheto, termina sendo vista como rude, primitiva e ingênua. Matos (2019, p. 19) vai de encontro a esse pensamento eurocêntrico ao destacar a Literatura Popular como:

[...] é um tipo de manifestação ficcional e imaginativa bastante próxima daquela que se costuma chamar propriamente de literatura, não existindo diferenças de essência entre um e outro tipo de produção, já que possuem, de modo análogo, aquilo que é comum a qualquer obra, seja qual for a tradição a que esteja vinculada: sua capacidade de criar formas significativas, expressivas e reveladoras da existência humana.

Assim, na tentativa de delimitação de um cânone nacional a historiografia literária brasileira, seguindo a matriz europeia, marginaliza os saberes locais ou regionais e despreza condições culturais e formais inerentes à obra bem como o público consumidor dessa obra. Conseqüentemente, quando estudado sobre a perspectiva literária tradicional o folheto sofre marginalização, pois é avaliado sem ser levado em conta como e porque deu-se seu projeto de editoração (diga-se de passagem, inovador e condizente com as parcas condições do público leitor), nem como deu-se a transição de uma poética da voz para a escrita, “subestimando” ou “temendo” uma forma de expressão poética autêntica e com público considerável até os dias atuais.

#### **4.2.1 Revendo as rotas e resgatando a voz: o cordel a partir da oralidade e dos estudos culturais**

Os estudos dos folhetos a partir da perspectiva da historiografia literária nacional representou, como vimos anteriormente, um discurso hegemônico e segregador, pouco condizente com algumas particularidades intrínsecas a essa expressão poética. Numa sociedade

eminentemente escriptocêntrica como a nossa, a oralidade também se torna marginal. Consideravelmente influenciado pela cantoria, o cordel guarda em sua escrita vestígios de uma oralidade ora perceptíveis na escrita, ora mais notáveis a partir de uma performance.

Nesse sentido, o pesquisador Paul Zumthor (1997) procura resgatar a voz poética não estudada nos meios acadêmicos tradicionais. Na introdução à “Poesia Oral”, a folclorista atenta para o fato de não existir no mundo racional uma Ciência da voz. Aparentemente varridas do meio literário acadêmico, as poéticas orais Zumthor traz as poéticas antigas à cena e as equipara às manifestações escritas contemporâneas, buscando recuperar o lugar de destaque da voz. Faz-se necessário frisar a existência de uma supremacia da oralidade em tempos remotos, mas a técnica da escrita, como forma de discurso e poder, uma vez que não dominada por muitos, terminou estabelecendo, teoricamente, sua atual soberania.

Dessa forma novas pesquisas procuram aliar a análise da escrita a um outro elemento latente do cordel: a voz. Os estudos orais representam uma ferramenta para entendermos a totalidade desse texto misto, escrito com forte oralidade, que é o folheto, uma oralidade mista como denomina Zumthor, um texto oral inscrito num suporte físico. Seguindo essa linha Simone Mendes (2010, p. 18, grifo nosso) complementa:

“[...] O folheto de cordel com seu forte acento oral - rima, ritmo, repetições, musicalidade -; nascido da e na oralidade, sua matriz e motivação, transita hoje no espaço/letra da voz. Voz que, imersa no âmbito ilimitado e performático da linguagem oral, é puro presente, sem estampilha nem marcas temporais, sem mordanças, solta, livre e nômade, ao contrário da escritura que é finita, fixa e sedentária, transita hoje no espaço letra/voz.

E mais uma vez o preconceito de um discurso imposto surge: muitos críticos literários veem as repetições e rimas dos folhetos como simples, ultrapassadas, pois esses estudos pautam-se predominantemente nos aspectos da escrita dominante, quando na realidade essa modalidade poética utiliza esses recursos para que o enunciador possa melhor memorizar essa poética. Esses traços das oralidades cravadas na escrita representam mais uma forma da literatura popular subverter o discurso, de transgredir os supostos paradigmas literários canônicos, deixando seu rastro indelével.

A oposição entre escrita e oralidade existe sobretudo no plano ideológico, valendo lembrar que na prática há influências recíprocas entre essas instâncias e traços ocultos do escrito no oral vice-versa. Não há um limite rígido entre essas instâncias e “[...] a tensão oral/escrito se reflete nos estilhaços desse seu duplo processar, numa instância em que não mais se reconhecem os traços originais de cada um deles, fundidos e confundidos no ponto de cruzamento das linguagens” (MATOS, 2010, p. 16).

Quando avaliado somente no território da escrita o folheto perde uma parcela de sua função poética, pois como poema misto (oral e escrito) necessita de mais um suporte para sua totalidade: o corpo que enuncia a voz. Torna-se necessário repensar os suportes, quando analisamos um poema canônico, por mais que ele possua traços orais, encontra-se em sua forma natural, daí injusta a comparação com uma expressão oriunda da oralidade tida “presa” em um suporte físico. No caso do folheto houve uma adaptação gradativa à escrita, mas ainda existe nessa poética uma voz latente. Quando transportamos uma poética com o suporte mais voltado para o corpo/voz, como a embolada, a avaliação desse texto pautada no paradigma do cânone torna-se ainda mais incoerente, pois temos suportes diferentes. Santos (2010, p. 52) destaca: “O folheto embora escrito, é a memória da voz. Essa voz, apesar de movediça, permanece latente e presente na impressão fixa” (MATOS, 2010, p. 11).

O problema do suporte vem da dificuldade da crítica míope e conservadora de observar a voz como uma manifestação literária, de uma tendência forte de associar poesia somente à escrita (ZUMTHOR, 1997), desprezando toda uma poética da voz, numa visão de mundo onde o escrito/impreso sobrepõe-se. Vale frisar que a transposição de uma poética cantada para a escrita acarreta mudanças, essa passagem Zumthor (*apud* SANTOS, 2010) denominou de escritura. A mudança de suporte corpo-voz para impressão-escrita pois de acordo com Santos (2010) o escrito/fixado apresenta uma temporalidade distinta daquilo que é cantado ao vivo para um público ouvinte e participante. Como consequência dessa passagem podemos elencar: a independência do leitor que tem acesso ao folheto impresso (outrora necessitava contar com uma performance de um cantador), as polêmicas questões de autoria (passa a ser autor quem domina as técnicas de escrita e Editoração, ocorrendo-a apropriação de textos orais) entre outros (SANTOS, 2010).

Nessa transição inicialmente o poeta vendia seus folhetos inscritos cantando, claro que agora concernente a um suporte fixo, sem improvisado. Como a historiografia literária pauta-se na escrita, essa passagem do folheto cantado para a forma impressa não foi levada em conta. Os estudos tradicionais abordaram o cordel apenas em sua forma escrita, daí a visão de uma literatura reduzida, pois “[...] poucos perceberam os entrelaçamentos e performances das vozes no ato de produção, transmissão e recepção. Era considerado pouco admissível o fato de determinados poemas, mesmo impressos, terem sido feitos por pessoas que não dominavam os códigos da escrita” (SANTOS, 2010, p. 50).

Dessa forma, alguns estudos acadêmicos, a partir das pesquisas de Zumthor, tentam estabelecer as nuances entre oralidade e escrita na manifestação poética, repensando os suportes, evidenciando as influências mútuas com o intuito de analisar a literatura de cordel

marginalizada pela crítica tradicional, com um enfoque menos conservador o que vai ao encontro das propostas dos estudos culturais na Literatura cujo objetivo principal é estudar as manifestações literárias de um povo dentro de sua lógica de produção.

#### 4.3 OS CAMINHOS DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÃO: O FOLHETO COMO SUPORTE

O discurso hegemônico cultural, como vimos, encontrou várias formas de marginalizar e diminuir o folheto, como a descrição de sua origem, o estudo no campo folclórico, a falta de reconhecimento da importância dos traços da oralidade e conseqüentemente a limitação de seus estudos à forma escrita. No campo editorial o viés excludente também perdurou, pois, os meios de editoração e impressão de livros e jornais concentravam-se nas classes de melhor poder aquisitivo.

Não havia espaço na estrutura social excludente, mais uma vez, para a literatura de cordel, obrigada a reinventar, e a forma encontrada para existir uma produção significativa de folhetos, sobretudo no nordeste brasileiro, deu-se a partir de um sistema editorial inovador e, em determinado período, lucrativo que atendeu as demandas de um público, predominantemente, de menor poder aquisitivo. Lucena (2010, p. 185) ilustra:

O folheto de cordel, com aparência de produto improvisado e feito com pouco recurso, ilustra a dificuldade de se editar e distribuir este gênero literário pelo mercado hegemônico e, ao mesmo tempo, a busca de formas e meios marginais de se expressar. De modo que o cordel sempre foi uma poética cuja existência independe das vias hegemônicas de circulação e distribuição.

E mais uma vez o folheto contorna as imposições das ideologias nacionais, mostrando sua natureza movente, contrariando a lógica do mercado editorial hegemônico, desenvolvendo seu próprio sistema editorial. De acordo com Santos (2010, p. 43) três fatores fundamentais determinaram o desenvolvimento do processo editorial do folheto no Brasil:

[...] a existência já amadurecida de uma poética cantada; a presença de máquinas tipográficas no Nordeste, responsáveis por impulsionarem as condições concretas para o '[...] estabelecimento de focos de produção de folhetos populares' (CARVALHO, 2005, p. 16,) e a apropriação por parte dos cantadores, que futuramente seriam cordelistas, dessas novas tecnologias da informação.

Vale lembrar que o desenvolvimento da imprensa no Brasil inicia-se com a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro em 1808 e a criação da Imprensa Régia, sendo permitida, até então, a circulação em nossas terras somente de impressos da metrópole portuguesa. Logo, a consolidação da imprensa em nossas terras constituiu fator preponderante para a transmissão

mais sistemática das narrativas orais para a forma escrita, permitindo aos poetas brasileiros a divulgação dos seus trabalhos em um novo suporte: o folheto, uma vez que a interdição à publicação nacional de impressos tinha sido revogada (MELO, 2010).

As primeiras impressões de folhetos no Brasil ocorrem em tipografias de jornal ou naquelas que realizavam serviços gráficos diversos. Segundo Terra (1983, p. 24): “Isso explica em parte serem utilizadas nos folhetos as mesmas ilustrações de outras publicações do período. A partir de 1909 ou 1913 começam a funcionar tipografias de poetas populares, mas só em 1918 é que a impressão de folhetos passa a ser feita quase exclusivamente nestas”.

A obtenção de máquinas tipográficas no interior do nordeste deu-se devido à defasagem desses equipamentos nas capitais, pois no século XIX, com a impressão de jornais já consolidada, houve uma modernização nos equipamentos de imprensa a partir da linotipo<sup>7</sup> e as antigas máquinas foram descartadas ou vendidas a preços irrisórios. Esse maquinário vai representar uma mudança na forma de produção e circulação de folhetos, pois agora havia tipografias próprias para a produção de folhetos (MELO, 2010). Nesse contexto, a autora destaca: “A edição regular de folhetos, portanto, não foi dada exclusivamente pelo crescente interesse do público, mas também por razões de ordem econômica e técnica que possibilitaram a difusão dos mais diversos gêneros de impressos no Brasil” (MELO, 2010, p. 59). Segundo Abreu (2006), com o advento das tipografias no Nordeste, muitos poetas da zona rural abandonam o ofício de agricultor e direcionam-se aos grandes centros urbanos, passando a viver da composição dos seus versos.

Ruth Terra (1983) destaca o ano de 1893 como marco inicial da literatura popular impressa do Nordeste período em que Leandro Gomes de Barros (1865-1918) começa a publicar seus poemas em folhetos, seguido de Francisco das Chagas Batista (1882-1930), em 1902; e João Martins de Athayde (1880-1959), em 1908; todos poetas do campo que deixaram suas terras para sobreviverem nas cidades. Para Abreu (2006, p. 98) esses três poetas “[...] foram os fixadores das normas de composição de folhetos que até hoje se seguem, abrindo todas as vias trilhadas posteriormente”.

Em sua pesquisa, Ruth Terra (1983) não descarta a possibilidade de impressão de poemas de outro poeta ou cantador antes de 1893, todavia enfatiza o papel precursor de Leandro Gomes de Barros na publicação, e também na reedição, regular de folhetos. Dessa forma, desenvolve-se um processo peculiar de produção e comercialização literária e a formação de

---

<sup>7</sup> As máquinas de linotipo fundiam em chumbos linhas inteiras de uma só vez aos contrários das antigas de composição manual a partir de “tipos” montados uma um. Para termos uma ideia do tempo de confecção, na tipografia uma folha de jornal levava horas para ser montada (TAVARES, 2009).

um público cativo. Ainda sobre a importância de Leandro Gomes de Barros para a consolidação da Literatura de Folhetos, Rosilene Melo (2010, p. 59) discorre:

A popularidade da literatura de cordel, alcançada graças ao estabelecimento de uma relação de identificação entre os poetas e o público, se deve em grande medida aos esforços de Leandro Gomes de Barros, que soube aproveitar todo um contexto propício a esta atividade. Se existe alguma unanimidade entre os pesquisadores da literatura de cordel no Brasil, esta unanimidade é a importância atribuída à presença de Leandro Gomes de Barros como um dos pioneiros da “indústria” artesanal de folhetos, bem como quanto ao inquestionável valor artístico de sua obra.

Leandro Gomes de Barros, antes de adquirir seus primeiros maquinários, imprimia, em 1889 (1893, para alguns estudiosos, ano do registro do seu primeiro cordel impresso, encontrado pelos pesquisadores) suas obras em Recife e posteriormente Paraíba, mas já acompanhava, como editor, toda a produção de sua autoria em tipografias de jornal. Nas primeiras décadas do século XX, as tipografias desenvolvem-se de forma significativa no Nordeste, além de folhetos, eram impressos breviários, novenas, almanaques, entre outras fontes de informação procurados por um público leitor cativo. Inicialmente essa produção circulava apenas em feiras, mas começa a adentrar em outros espaços como os mercados públicos. Antonio Américo Medeiros (*apud* MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 24) narra em versos:

Leandro que não cantava  
Diariamente escrevia  
Publicando os seus folhetos  
Foi crescendo dia a dia  
Criou o revendedor  
Que de feira em feira vendia.

O segundo pioneiro na sistematização da Literatura de Folhetos foi Francisco das Chagas Batista, nascido em Teixeira, Paraíba. Segundo Terra (1983) o poeta publicou seu primeiro poema, Saudades do Sertão, em 1902. Muda-se para a capital paraibana em 1911, onde funda, em 1913, com o prelo comprado a Leandro Gomes, a Livraria Popular Editora. A partir daí, o poeta passa a editar sua obra, imprimindo também folhetos de Leandro Gomes e de outros poetas, além de livros e produtos gráficos. Em 1929, Chagas Batista publica o livro “Cantadores e poetas populares”, uma obra importante para resgate e estudo de poetas e cantadores esquecidos pelos folcloristas. Sobre as contribuições de Chagas Batista para a consolidação da Literatura de Folhetos, Oliveira (2012, p. 341) corrobora

A importância desse poeta é enorme para a configuração da literatura de

cordel. Assim como Leandro Gomes, Chagas Batista teve uma educação eclesiástica que o dotou de determinados códigos e modelos estéticos eruditos, assim como lhe possibilitou uma aproximação com a cultura escrita e impressa dos livros, das revistas e dos jornais circulantes num universo no qual os níveis de letramento eram mais elevados em comparação com os níveis de letramento da classe social original desses poetas.

Com o falecimento de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde<sup>8</sup> compra os direitos da obra do poeta em 1918, tornando-se editor proprietário. Nesse período surge a apropriação de autoria dos folhetos, pois o poeta como editor-proprietário tinha o direito de suprimir o nome do autor da capa do folheto, dando destaque a seu nome. Como muitos cordelistas não dispunham de recursos para imprimirem seus próprios folhetos, terminavam por vender suas produções às tipografias.

E a verdadeira autoria de muitos folhetos perde-se a partir dessas estratégias de sublimação, como Francisco Chagas Batista, editor proprietário que a partir de 1925 além de declarar-se como tal na capa dos cordéis, usava a expressão “poesias populares” para dar a entender uma narrativa de domínio público, de autoria incerta (ABREU, 2006).

O apogeu do cordel da literatura de folhetos ocorre, de acordo com Galvão (2006), entre as décadas de 30 (com uma larga circulação de folhetos) e 50, justamente com as reformulações e inovações na editoração dos cordéis realizadas por Athayde.

João Martins de Athayde, consegue consolidar o sistema de editoração e impressão dos folhetos na época, a partir de reformulações gráficas, da sistematização das edições e do estabelecimento de revendedores nas grandes cidades. Antes dessa organização havia uma mistura de gêneros poéticos numa mesma brochura de 16 páginas (ABREU, 2006). Segundo Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012, p. 26) o poeta citado consolida, em 1920, as características dos folhetos: “8 a 16 páginas, para as pelepas e os poemas de circunstância; 24 a 56 páginas para o romance. Para uma publicação de uma peleja de 16 páginas, por exemplo, eram necessárias apenas duas folhas de papel de tamanho ofício”.

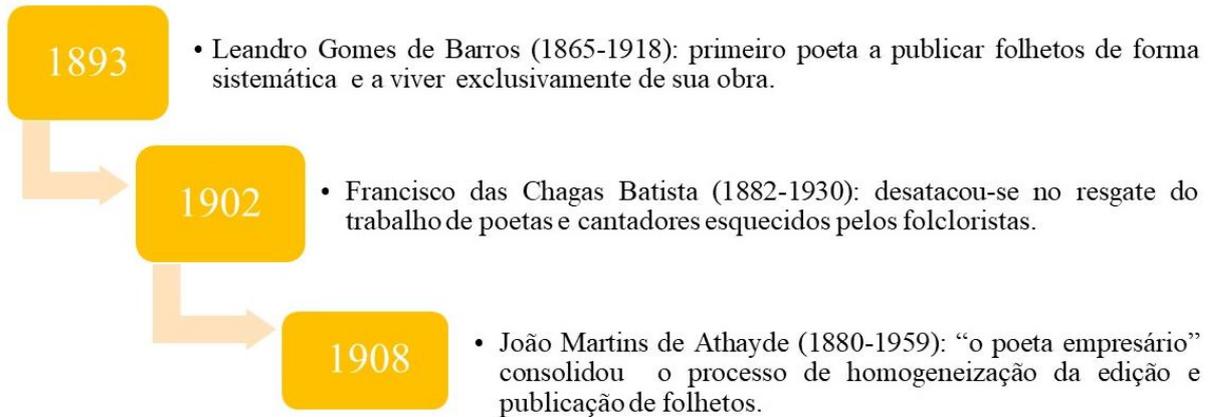
Pelo exposto, podemos identificar a importância desse três poetas para a sistematização da Literatura de Folhetos do Nordeste: Leandro Gomes de Barros, primeiro poeta a viver da venda de cordéis, iniciou a publicação de suas poesias em um suporte material (o folheto); Francisco Chagas Batista elabora uma antologia de poetas e cantadores olvidados pelos folcloristas e João Martins de Athayde conseguiu a homogeneização no processo de editoração

---

<sup>8</sup> Nasceu em 23 de junho de 1880 no município de Inga do Bacamarte, Paraíba. Sobre o início do seu trabalho o próprio poeta declara “Comecei a publicar folhetos em 1908. Ainda não era dono de Tipografia. Eu chegava num tempo em que Leandro de Barros era o mestre de todos nós. Os seus ‘livros’ eram decorados pelos cantadores, lidos por todo o mundo” (ATHAYDE *apud* BARROS, 1983, p. 46).

e publicação de folhetos (BARROS, 2015).

**Figura 2** - Precusores do Desenvolvimento e da Sistematização da Literatura de Folhetos  
(a partir do ano de início de suas publicações)

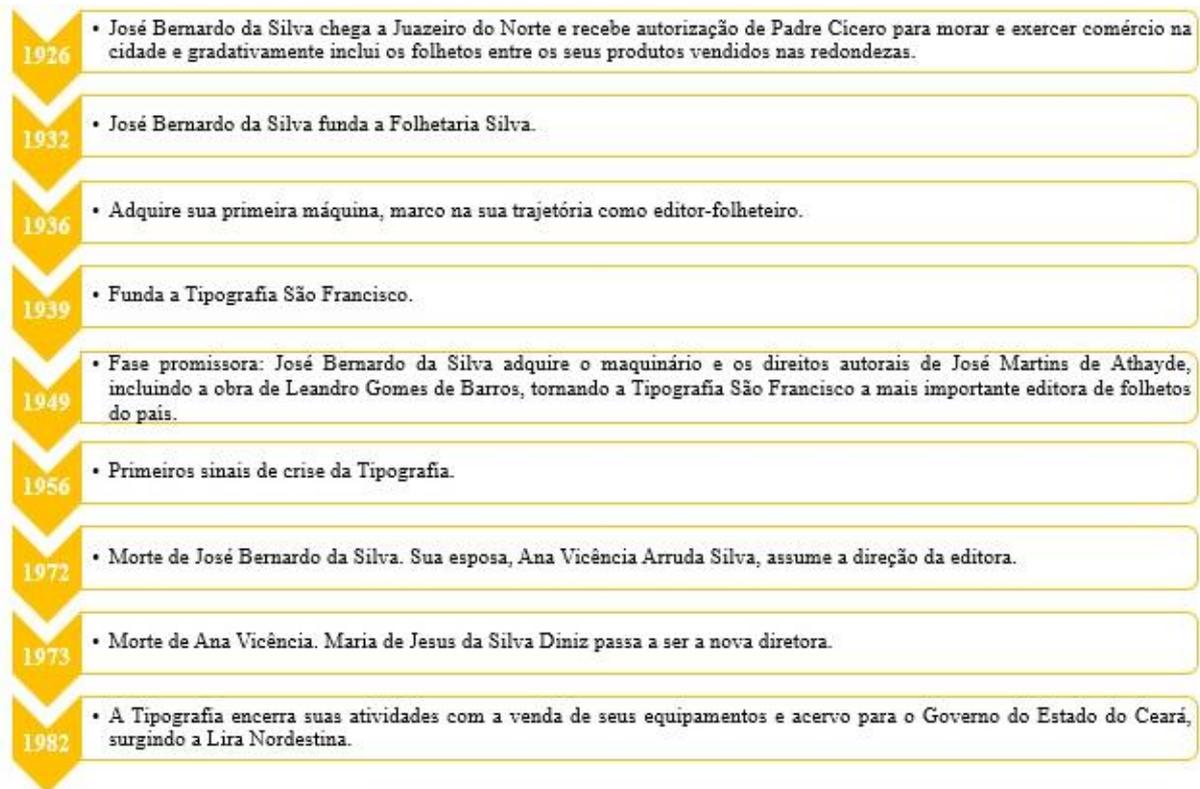


Fonte: baseado em Terra (1983), Abreu (2006), Oliveira (2012) e Barros (2015).

Logo, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século seguinte, o cordel consolida-se no Nordeste a partir desse sistema editorial que inclui também o processo de comercialização e um público leitor. Em 1950 João Martins de Athayde vende suas máquinas e tipos, além dos direitos autorais de todos os folhetos da sua propriedade, a José Bernardo da Silva<sup>9</sup>, um dos precusores da editoração de cordel em Juazeiro do Norte, na região do Cariri cearense e fundador da Gráfica São Francisco. Baseado na obra “Arcanos do verso: trajetórias da literatura de Cordel” de Rosilene Alves de Melo, podemos traçar uma cronologia do trabalho com folhetos desenvolvido por José Bernardo da Silva e o desenvolvimento da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte:

**Figura 3** - O percurso de José Bernardo da Silva em Juazeiro do Norte e a Tipografia São Francisco

<sup>9</sup> Editor-Folheteiro, José Bernardo da Silva, alagoano, nasceu em 2 de novembro de 1901.



Fonte: baseado em Melo (2010).

Segundo Brasil (2005) em meados do século XX ocorre a crise do cordel atribuída ao advento da televisão, mas que na realidade foi mais de ordem econômica do que uma disputa entre meios de comunicação. Com a modernização das gráficas, as tipografias tornam-se defasadas, como bem explana a autora:

[...] A composição manual deu lugar às máquinas de fotocomposição de textos. A indústria gráfica necessita de um volume de produção que suporte seus custos altos e constante necessidade de atualização. Começava um tempo e uma ordem diferentes do tempo do poeta-editor e da ordem da empresa familiar. A instabilidade da moeda se refletia na rasura do preço do folheto em clichês, que antes, de tão estáveis, eram gravados nas matrizes [...] (BRASIL, 2005, p. 40).

A autora conclui destacando o alto preço do papel, com a impossibilidade de aumento do preço do folheto devido ao perfil do público consumidor da época, e a dificuldade de adaptação das tipografias ao novo perfil da indústria gráfica.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, o cordel brasileiro sofreu transformações e ganhou novas formas e suportes devido sobretudo a sua inserção nos meios de comunicação eletrônica e a internet e sua crescente valorização nas escolas, justificando em parte a sua revisão no meio acadêmico e nos estudos literários como a folkmediatização (BARROS, 2015). O cordel digital, a peleja virtual, o midiático e a versão em quadrinhos

representam algumas formas de reinvenção e atualização do cordel. Pesquisar sobre o folheto e seu desenvolvimento no século XXI representa adentrar em um campo de conhecimento dinâmico exigindo dessa forma novas perspectivas:

[...] Da voz para o papel impresso, e deste para outros suportes, a exemplo do ciberespaço, o cordel navega hoje tranquilamente. Mudaram-se as temáticas e os suportes: corpo, tipografia, computador. Ao mudarem de território - do campo para a cidade, de um tema para outro, de uma escritura poética masculina para uma feminina, etc., incluem-se os folhetos patrocinados por instituições públicas, privadas e ONGs, bem como os novos títulos que outrora não se incorporavam nesse universo, abordando: ecologia, homossexualidade, saúde, direitos da mulher, entre outros. O cordel se ressignifica para permanecer; contudo, as mesmas categorias de pensamento pelas quais o estudamos no século XX necessitam ser deslocadas, sob pena de continuarmos tratando o folheto, no século XXI, como um produto artístico embalado à vácuo (SANTOS, 2012, não paginado).

## 5 OS CAMINHOS DA SPB: POESIA, CULTURA E MEMÓRIA EM UM LUGAR DE SABERES (onde o pesquisador vai a campo ou embriagando-se de poesia)

*Fundada em 2010  
Com uma proposição:  
Encantar com a poesia  
Que remete emoção  
E partindo do poeta  
Atingindo sua meta  
Que é chegar ao coração*

*Angela Liberato*

Nesta seção, trataremos dos sujeitos/poetas dessa pesquisa a partir de sua participação na SPB. Além disso, analisaremos documentos pertinentes à entidade como atas de reuniões ordinárias e extraordinárias, estatuto, Lei Orgânica e cordéis publicados pela entidade ou com apoio de outras instâncias.

Inicialmente, traçamos um breve histórico da SPB, como se deu em linhas gerais o processo de idealização da entidade, sua estrutura, legal e física e seu funcionamento. Em seguida, procuramos descrever as atividades desenvolvidas pela SPB e por último apresentamos, a partir da perspectiva dos estudos culturais, alguns comentários acerca de um cordel coletivo dos poetas da Sociedade.

### 5.1 OS PRIMEIROS PASSOS: BREVE HISTÓRICO DA SPB

Fundada em 17 de setembro de 2010, a SPB tem como representantes 25 poetas associados que promovem e otimizam a cultura popular com a literatura de folhetos, bem como outros trabalhos literários. Tem o reconhecimento de Utilidade Pública pela Prefeitura Municipal de Barbalha<sup>10</sup> e como patrono Napoleão Tavares Neves, um dos grandes poetas do município.

O projeto de criação de uma sociedade que congregasse alguns poetas do município de Barbalha surge a partir da idealização do professor, pesquisador e poeta Hugo Rodrigues na época, 2008, concursado como Técnico em Cultura da cidade, juntamente, com o poeta e radialista Josélio Araújo, também funcionário da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de

---

<sup>10</sup> Em seu artigo 1º, a Lei nº 2.080/2013 destaca: “Fica reconhecida de utilidade pública municipal a SOCIEDADE DOS POETAS E BARBALHA (SPB), entidade de direito privado, filantrópica, sem fins econômicos, com sede neste município, inscrita no CNPJ sob nº 18.590.545/0001-60” (BARBALHA, 2013, não paginado).

Barbalha e o poeta José Sebastião Rodrigues, notável líder comunitário. O primeiro já era membro do Instituto Cultural do Vale Carirense (ICVC) e sempre se desatacou como um ativista cultural no Cariri cearense. Quando diretor do citado instituto, já articulava atividades culturais em várias cidades da região como Missão Velha, Barbalha, Juazeiro do Norte, Araripe e Crato, buscando fomentar a cultura nas comunidades. Em uma dessas atividades conhece a Sociedade dos Poetas do Araripe (SPA) e começa a projetar uma entidade com esse viés na cidade de Barbalha (RODRIGUES, 2019, comunicação pessoal).

Para melhor ilustrar a ideia de criação da SPB, o poeta Hugo Rodrigues (2019, não paginado), no poema coletivo produzido num grupo de rede social, intitulado “Sociedade dos Poetas de Barbalha”, nos afirma que:

Tive um sonho certo dia  
 Precisei compartilhar  
 Pois uma instituição  
 Eu pretendia fundar  
 Convoquei cada amigo  
 Reunidos num abrigo  
 Pegamos a estruturar.

Juntamos só gente boa  
 Felicidade nas metas  
 Nasceu então em Barbalha  
 Das atitudes corretas  
 Pra nossa felicidade  
 A grande sociedade  
 Tão querida dos poetas.

Desde o processo de criação da entidade, Hugo Rodrigues já possuía uma visão do futuro papel da SPB no fomento à cultura, a partir de sua proposta os três idealizadores passaram a convidar alguns poetas que transitavam pela Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha para formarem a SPB, procurando agregar pessoas condizentes com o perfil da futura instituição, sobretudo escritores representantes da cultura popular. Entre esses poetas destacamos o decano Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula), poeta, agricultor e líder comunitário no Sítio Santana em Barbalha - CE.

[...] tinha o Mestre Bula (+) e eu digo de passagem que foi um convite assim (+) excelente, porque o Mestre Bula (+) ele é, riquíssimo no conhecimento da sua região, da sua cidade, um homem com um trabalho assim, formidável (+) mas nunca tinha produzido (+) oficialmente um livro, uma Literatura de Cordel e através desse projeto, através dessa instituição, Mestre Bula, pôde registrar (+) a Literatura de Cordel, seus primeiros momentos [...] (RODRIGUES, 2019, op. cit., comunicação pessoal).

Realizado os convites iniciais, a entidade forma-se a partir de onze membros fundadores: Hugo de Melo Rodrigues, Josélio Fidélis de Araújo, Camilo Barbosa Leandro, José Sebastião Rodrigues, Ernane Tavares Monteiro, Francisco de Assis Sousa (Tiquim), João Edson da Silva (Dão de Jaime), José Gonçalves Sobrinho, José Joel de Souza, Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula) e Maria Lindicássia Nascimento Mendes. O poeta Ernane Tavares (2019, op. cit., não paginado) registra em seus versos:

Hugo, Joel e Josélio  
Zé Subrim, Sebastião  
Camilo, eu, Lindicássia  
O Tiquinho e Nego Dão  
O Decano Liberato  
Amigo bom e pacato  
Que deu orientação.

Na cerimônia de posse da SPB, em 17 de setembro de 2010, no Instituto José Bernardino (escola de ensino fundamental), em Barbalha, vale frisar a presença dos membros da Sociedade dos Poetas de Araripe-CE (SPA) e do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC). Coube ao ICVC a diplomação dos onze poetas, bem como a outorga de posse da primeira diretoria (provisória) da SPB a Josélio Fidélis de Araújo. Posteriormente, a entrada de novos membros na agremiação em estudo passou a ocorrer mediante indicação da diretoria e votação dos poetas efetivos.

Desde a sua fundação, a SPB procurou estabelecer parcerias e intercâmbios com outras agremiações literárias e culturais como a já citada incentivadora a Sociedade dos Poetas do Araripe (SPA); Academia dos Cordelistas do Crato (ACC); Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e Academia de Letras do Brasil (ALB). Lindicássia Nascimento (2019, comunicação pessoal) ressalta:

[...] às vezes as pessoas acham que parceria é mais aquela questão é: financeira, né? vamos financiar alguma coisa tal e tudo (+) mas não a gente considera PARCEIROS REALMENTE quando tá: (+) com toda aquela interação, a Sociedade dos Poetas vai realizar um evento, então vem toda a Academia dos Cordelistas do Crato, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a Academia de Letras do Brasil ((apresenta-se para falar)) envia pessoas também para tá participando então é isso que nós chamamos de parceria.

As primeiras reuniões da SPB ocorreram na Biblioteca Padre Agostinho Mascarenhas, no Casarão Hotel Municipal, prédio histórico e tombado, com o apoio, no caso cessão de um espaço no prédio citado, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Barbalha. Além de se encontrarem mensalmente no local, lá os poetas guardavam seu acervo e materiais de

divulgação. Em 5 de julho de 2011, de acordo com a ata oficial, ocorreu a eleição e formação da primeira diretoria da SPB, tendo como presidente Josélio Araújo; na mesma data os membros aprovam o Estatuto da entidade<sup>11</sup> (SPB, 2011, não paginado). O estatuto apresenta a SPB como pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos e de caráter cultural. No Art. 3º desse documento oficial encontramos os objetivos da SPB:

- a) colaborar no desenvolvimento cultural, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- b) consultar a opinião pública por meio de pesquisa quando necessário;
- c) defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural e ao meio ambiente;
- d) **promoção a manifestações culturais no desenvolvimento das artes em suas diversas modalidades;**
- e) **promoção de cursos, seminários e reuniões periódicas, visando à integração dos associados e da comunidade;**
- f) promoção de campanhas sociais e educativas, bem como promoção de campanhas solidárias;
- g) **realização de projetos e ações de caráter cultural;**
- h) realizar eventos de reconhecimento a pessoas físicas e jurídicas por serviços prestados à sociedade no âmbito da cultura educação, inclusive, concedendo-lhes ‘Títulos Honoríficos’ (SPB, 2013, op. cit., não paginado, grifo nosso).

Percebe-se, a partir do artigo acima, uma gama de objetivos a serem alcançados pelo grupo em estudo, merecendo destaque o desenvolvimento de ações culturais e eventos com o intuito de integrar tanto os membros como a comunidade externa. Essas atividades ocorreram de forma perceptível no decorrer dessa pesquisa, seja nas reuniões mensais, seja na realização de eventos pela própria SPB, seja pela participação em eventos de outros grupos e comunidades, como veremos adiante.

---

<sup>11</sup> Produzido e aprovado na data citada, o Estatuto da SPB é registrado no Cartório de Primeiro Ofício de Barbalha em 20 de fevereiro de 2013.

**Figura 4** - Casarão Municipal de Barbalha, primeira sede da SPB



Fonte: arquivo pessoal (2019).

Em 25 de julho de 2011 a primeira diretoria eleita toma posse, com Josélio Fidélis de Araújo como presidente e Camilo Barbosa como vice. Na ocasião há o lançamento do primeiro cordel coletivo de autoria dos membros da SPB “A Nossa Sociedade Encantou mais o cordel”, com o mote homônimo em dez versos. Ainda em julho de 2011 o membro-fundador Francisco de Assis (Tiquim) apresenta aos poetas o brasão oficial da SPB, uma xilogravura desenhada a nanquim, de autoria do cordelista citado.

Na gravura, observamos duas imagens representativas da cidade de Barbalha: O Casarão Hotel Municipal, sede da SPB até agosto de 2016, e dois caules de cana-de-açúcar<sup>12</sup>. Segundo o poeta: “[...] a ideia da arte procura contemplar em essência esses aspectos para a Sociedade dos Poetas de Barbalha agregar a sua cultura mais um segmento”. Na margem inferior, destaca-se o endereço da sede atual da agremiação em estudo.

<sup>12</sup> “Terra dos Verdes Canaviais” é um dos epítetos dado ao município de Barbalha devido ao cultivo da cana-de-açúcar e à produção de rapadura nos engenhos de forma significativa no passado.

**Figura 5 - Brasão da SPB****SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA**

Cabana do Cordel  
Rua Pinto Madeira, 380 - Barbalha-CE

Fonte: Assis ([2018]).

Em 2012, a SPB recebe apoio e rico acervo doado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). A sociedade conta ainda com Cordelteca Dalinha Catunda, inaugurada no dia 2 de dezembro de 2015 e aberta ao público. Podemos encontrar acervo composto pelos folhetos de autoria dos poetas da SPB em bibliotecas da região, como a Cordelteca do SESC de Juazeiro do Norte, e também da ABLC.

Em 04 de dezembro de 2013, em assembleia, os poetas da SPB resolvem definir a numeração da cadeira de cada membro e a indicação dos respectivos patronos, na época havia vinte membros. Combinou-se que o processo ocorreria a partir de sorteio. Os patronos escolhidos individualmente representam figuras emblemáticas da cultura da região e entes queridos dos membros.

Em setembro de 2016, a sede da Sociedade passa a funcionar na Cabana do Cordel, localizada à Rua Pinto Madeira, 380, Barbalha - CE, por cessão do poeta José Joel. A casa localiza-se vizinho à residência do cantador. Logo na entrada, deparamo-nos com a riqueza documental do lugar: inúmeros cordéis, alguns pendurados em barbante, fotos, diplomas, Lp's (disco vinil) e prêmios/troféus dos festivais de cantoria, dos quais José Joel participou, expostos nas paredes, máquina de datilografia e móveis antigos, constituindo um rico acervo. A cada cômodo visitado, encontramos mais fotos e gravuras, muitos artefatos, como ferro de engomar à brasa, alpargatas e chapéus de couro, cabaças, lamparinas, lamparina a gás, candeeiro, viola, violão, um mimeógrafo, potes de barro, objetos preservados pelo "curador" que nos remetem ao interior, ao campo e a outros tempos. A sala principal, com uma mesa com banco e cadeiras

de macarrão (de fio), onde geralmente ocorrem as reuniões da SPB, constituem o lugar para recepções e debates.

Conhecer esse espaço torna-se uma experiência gratificante, faz-nos recordar e ressignificar sensações passadas. Nesse contexto A Cabana do Cordel funciona como um lugar de memória, como dissertou Pollak (1992) ou um espaço de recordação, como nos lembra Aleida Assmann (2011). A Cabana é aberta ao público e constantemente recebe visitas de escolas da educação básica da região como também de professores pesquisadores universitários. Como exemplo ilustrativo destacamos o projeto de extensão “De Repente Ação” do Curso de Música da UFCA coordenado pelo professor Márcio Mattos Aragão Madeira. Vale lembrar: o cantador José Joel não conta com nenhum incentivo governamental e procura preservar o espaço da melhor forma possível.

**Figura 6** - Poeta Francisco de Assis (Tiquim), na Cordelteca Dalinha Catunda, em palestra aos alunos do Instituto Educacional Evolução do Bairro Cirolândia, Barbalha - CE



Fonte: Blog Cordel de Saia (2019).

Na Ata de reunião ordinária de 2016, os membros debateram e traçam os parâmetros para ingresso de novos membros oficiais na agremiação. A Diretoria indica o nome e os membros decidem sobre sua nomeação em assembleia. O candidato deve está enquadrado em pelo menos um dos seguintes quesitos: morar na cidade de Barbalha, ter laços familiares no município citado ou ter alguma obra escrita sobre a cidade sede da SPB. Observa-se claramente aqui a ideia de pertencimento, de questão identitária com a região e com a Sociedade.

**Figura 7** - Composição da SPB

Sociedade dos Poetas de Barbalha Composição				
1 Ernane Tavares Monteiro	2 Francisca Lima de Sousa (Dona França)	3 João Edison da Silva (Dão de Jaime)	4 Francisco Santos de Souza (Capitão)	5 Antonio Oliveira da Silva (Pirajá)
6 Maria Lindicássia do Nascimento Mendes	7 Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)	8 Hugo de Melo Rodrigues	9 José Sebastião Rodrigues	10 José Gonçalves Sobrinho
11 Francisco de Assis Sousa (Tiquim)	12 Eliana Maria de Souza Leite	13 Josélis Fidéris de Araújo	14 Jacinta Maria Correia	15 José Joel de Souza
16 Francisco Timóteo Ribeiro	17 Liberato Vieira*** / Sérgio Pereira	18 Maria do Rosário Lustosa da Cruz	19 Camilo Barbosa Leandro	20 Antonio Hidelgardis Ferreira
21 Maria de Fátima Vieira	22 Francisco de Assis Silva (Tico Bento)	23 Antonio Cassiano da Silva	24 Francildo Cesário da Silva	25 Nívia Maria de Moraes Landim

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Em 2016, a SPB perde dois grandes vates: José Sebastião Rodrigues, falece em 22 de setembro de 2016, e Liberato Vieira (Mestre Bula), em 29 dezembro de 2016. Ambos líderes comunitários, representavam a entidade com empenho, o primeiro assumiu a presidência da SPB no biênio 2013-2015 e desenvolveu políticas para publicação de cordéis pela agremiação; o segundo, entre várias homenagens em vida, foi o primeiro a ser agraciado com a Comanda de honraria da SPB (ATA, SPB). Constantemente os poetas membros evocam a memória dos dois saudosos poetas em seus eventos. A cadeira do Mestre Bula passa a ser ocupada pelo seu filho Sérgio Pereira, primeiramente como membro benemérito e depois como oficial; já a cadeira de José Sebastião tem sua companheira Maria Lúcia Lopes como sócia benemérita. Sobre a ausência sentida, o poeta João Edison da Silva (Dão de Jaime), no grupo da SPB (2019, não paginado) em rede social declama:

Dois poetas de primeira  
Dois amigos dois irmãos  
Seu Liberato Vieira  
E seu Zé Sebastião  
Estão na eternidade  
Mas hoje senti saudade  
Dessa dupla genial  
Que na terra fez sucesso  
Porém hoje escreve verso  
Na mansão celestial.

Nesse contexto, vale lembrar as considerações de Assmann (2011) segundo a qual memorização dos mortos, fama e lembrança histórica representam formas de acesso ao passado. No caso do poema acima, temos um exemplo da primeira modalidade, a memorização dos mortos, que surge como meio de perpetuar a lembrança na família.

Quando indagada pelo pesquisador sobre como a SPB pode contribuir para a representação da memória individual e coletiva, a poetisa Angela Vieira (Angela Liberato) afirma:

Na Barbalha a gente sempre ouviu falar de poetas, e de trabalhos de alguns poetas, como de José Sebastião que já faleceu, de José Joel, que hoje já é membro da Sociedade, dentre outros poetas, né? Então **Barbalha tem vários poetas (+) até desconhecidos ainda**. Mas assim, a entidade sociedade dos Poetas de Barbalha (+) quando, ao ser criada, **veio difundir (+) esses trabalhos (+) até então (+) escondidos**, e veio (+) representar esses seus criadores né? Então, é uma entidade, que tem um vasto acervo de obra, divulga os nomes, as obras de seus membros, é através de realização de eventos, em ocasiões (+) sempre que tem a oportunidade (+) sempre levando ao conhecimento a importância dessas obras, e **o nome dessas pessoas para a preservação da memória**, da cultura, né? desses membros (+) da sociedade (+) e assim a gente (+) vai fazendo a sociedade crescer a cada dia, e deixando para a memória (VIEIRA, 2019, comunicação pessoal, grifo nosso).

Assim, mais uma vez constatamos o folheto como suporte de uma memória e a SPB como uma instituição canal, um fio condutor de divulgação das obras dos poetas, reafirmando seu nome a partir do registro de sua poética no folheto. Ernane Tavares (2019) narra um fato interessante, quando trabalhava em Juazeiro do Norte realizando pagamentos e se deparou com um garoto que havia memorizado e estava a declamar um poema de autoria do poeta:

[...] ...o garoto estava de costas e declamando /.../ eu não conhecia o garoto (+) fiquei escutando e ele continuou, continuou (+) eu tenho a facilidade de escrever, mas eu não tenho a facilidade de decorar (+) de ser um declamador, eu escrevo, mas declamar eu tenho dificuldade porque não decoro as minhas (+) histórias, eu fiquei, aguardei (+) **ele declamou 11 versos do cordel Na defesa do jumento**. Eu perguntei a ele: como você conseguiu esse cordel? ele disse: foi um homem que me deu na feira da Barbalha, quer dizer aquilo ali para mim foi um:: (+) **exemplo de como a penetração da poesia vai longe /.../ o cordel, ele tem uma penetração ENORME (+) e ele viaja muito, você num tem assim noção de onde suas obra (+) possa atingir [...]** (TAVARES, 2019, comunicação pessoal, grifo nosso).

Essa narrativa coaduna com as ideias sobre oralidade, memória e folheto desenvolvidas nesse trabalho: o cordel escrito guarda marcas da poética da oralidade como ritmo, melodia, assonâncias, aliterações e repetições que facilitam e dinamizam sua memorização. Observamos que o entrevistado usa o verbo “declamar” para descrever a ação do garoto e não simplesmente o verbo dizer, falar ou repetir, pois a oralidade do cordel evidencia-se claramente na

performance do locutor e na interação como nos lembra Paul Zumthor, Francisca Pereira dos Santos e Edilene Matos (2010).

Em setembro de 2017, toma posse no Sítio Riacho do Meio em Barbalha, a primeira mulher presidente da SPB, Lindicássia Nascimento, membro-fundadora, o evento é marcado com muita poesia e a presença de membros da ACC, da ABLC e comunidade em geral. Logo após a posse, a nova presidenta nomeou como sócio beneméritos Sérgio Pereira, filho de Mestre Bula e Maria Lúcia Lopes, em homenagem, respectivamente, a Liberato Vieira e José Sebastião Rodrigues.

**Figura 8 - Presidentes da SPB (2010-2019)**



Fonte: elaborado pelo autor (2019).

## 5.2 OS PASSOS POÉTICOS CONTINUAM: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA SPB

Desde a sua fundação, a SPB desenvolve atividades culturais e sociais, sendo destaque a cultura popular e o cordel. Os eventos não se limitam à sede, os poetas mobilizam-se e procuram promover atividades culturais como saraus, palestras em escola, buscam movimentar as comunidades e povoados, e ultrapassam os limites municipais de Barbalha, participando de reuniões, seminários, congressos, festivais culturais não só no Cariri cearense, mas em todo o estado do Ceará. Nesse processo, sempre divulgaram seus projetos e poemas nos mais variados meios de comunicação, inclusive em blogs, redes sociais, programas em rádio e televisão. Sobre a dinamicidade das atividades desenvolvidas pela SPB, a poetisa, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), Dalinha Catunda (2017, p. 7) canta:

Já vi essa casa cheia  
 Repleta de animação  
 Os poetas declamando  
 Violeiros em ação  
 Gente de todo lugar  
 Vindo paras prestigiar  
 O ninho da tradição.

As reuniões dos poetas membros ocorrem periodicamente no primeiro sábado de cada mês, geralmente às 10h. O encontro pouco lembra as seções das academias ou agremiações tradicionais. Os poetas e poetisas vão chegando aos poucos à Cabana do Cordel e são

recepcionados por José Joel. A poesia sempre reina no lugar, antes mesmo do início, os membros contam causos, improvisam versos, relembram encontros, planejam atividades e socializam demandas. Quando produzem cordéis coletivos, buscam compartilhar ideias, organizam e debatem sobre os versos produzidos. Costumam receber visitas de pesquisadores e simpatizantes que logo se sentem acolhidos no local.

Entre as atividades culturais desenvolvidas pela SPB destacamos: o “Roteiro Turístico Poético” (Trilha da Poesia), “Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas” e o “Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas Itinerante”. Essas ações procuram envolver todos os membros da SPB e a comunidade em geral, sempre com poesia e valorização dos saberes locais.

Vejamos em linhas gerais como funcionam essas ações. Em 2017, a SPB desenvolve o projeto cultural: “Roteiro Turístico Poético” (Trilha da Poesia), sempre realizado no mês de abril. Nesse evento, a SPB convida poetas, pesquisadores, amantes da poesia e a comunidade em geral para visitarem algumas localidades naturais do município de Barbalha.

A atividade começa com um Café com Poesia na Cabana do Cordel, em seguida, os participantes deslocam até o local onde irão percorrer a trilha. No percurso, há paradas para exposições históricas e declamação de cordéis, além do processo de conscientização ambiental. Os envolvidos finalizam a atividade com recital e lazer no Balneário Caminho das águas, no distrito do Caldas. As duas primeiras edições ocorreram no Geossítio Riacho do Meio, em 29 de abril de 2017 e 2018 (SPB, 2019). Na I edição do roteiro citado, a poetisa Lindicássia Nascimento (2017, não paginado) convida a população nas redes sociais com versos:

O roteiro é diferente  
 Tem poesia tem canção  
 O percurso é de alegria  
 Com muita inspiração  
 No meio da natureza  
 Barbalha é uma beleza  
 Nessa trilha da paixão.

**Figura 9** – “II Roteiro Turístico Poético” (Trilha da Poesia), Geossítio Riacho do Meio



Fonte: acervo pessoal (2018).

Ainda em 2017, a entidade em estudo passa a promover mais uma atividade cultural: “Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas” em parceria com a ESBA, Núcleo de Economia Solidária de Barbalha, Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (ITEPS) e PIE de Economia Solidária, os dois últimos vinculados à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Cariri (PROEX-UFCA) e a Escola de Saberes de Barbalha, com a participação dos poetas locais e regionais. Segundo a poetisa Lindicássia Nascimento (2019) com o intuito de reunir poetas, repentistas, apologistas e amantes da cultura popular e da Literatura de Cordel, “promovendo a troca de saberes, levando ao conhecimento do público, as habilidades poéticas de cada ser iluminado pela arte de escrever, criar, declamar e respirar poesias”.

Esse evento ocorre mensalmente, a partir das 18h, no espaço do projeto Cariri Encantado<sup>13</sup>, sua primeira edição deu-se em 20 de outubro de 2017. Participamos de algumas edições do Mungunzá e podemos observar o empenho dos envolvidos na produção do evento, muitos membros da SPB chegam cedo para organizar e ornamentar o espaço. Dentre as atividades desenvolvidas nesse evento, destaca-se o lançamento de cordéis, solenidade de posse de novos membros, homenagens, cantorias, monólogos e como sempre, muita poesia permeiam a noite. Além disso, ativistas da economia solidária vendem produtos da culinária local, como o famoso mungunzá.

---

<sup>13</sup> Realizado pela realizado por integrantes, do grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar do município de Barbalha (GESTRAF-Barbalha), integrado a Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Cariri (FASOL-Cariri).

**Figura 10 - III Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas em 20/04/2018 na ESBA**



Fonte: acervo pessoal (2018).

Em 2018, a SPB lança, paralelamente, a versão itinerante do Mungunzá com Poesias, Versos e Prosas, sendo sua primeira edição realizada no Sítio Santo Antonio, distrito do Arajara, Barbalha - CE, organizada pelo poeta e, morador da comunidade citada, dão de Jaime. Nessa formatação, da qual também participamos, além da programação do original, acrescenta-se a busca por artistas locais, fomentando dessa forma a cultura de outras regiões, não se restringindo à cidade. A SPB realizou em 2018, seis edições dessa atividade volante, contemplando vários sítios e povoados do município de Barbalha. Sobre o Mungunzá Itinerante, Lindicássia Nascimento complementa:

[...] acontece na comunidade do poeta e então o poeta daquela comunidade ele é responsável (+) pela organização do evento (+) então assim é uma coisa (+) esplêndida porque o poeta vai lá ele mesmo articula com a comunidade aí toda a curriola de poeta, eu chamo de curriola porque é ((ri)) uma forma carinhosa. A curriola de poeta vai nesse dia e aí quando é: o poeta que vai receber esse evento no próximo mês ele observa tudo que tá acontecendo e aí ele tenta fazer melhor quando vai para a comunidade dele, então assim a gente acha bonito, bacana, porque cada a experiência que nós tivemos em 2018 foi que um foi superando o outro então assim o primeiro foi bom, o segundo foi ótimo, o terceiro foi melhor é: até o quinto foi assim uma superação enorme de criatividade, de talento, de saberes que foi resgatado nas comunidade pra que estivessem se apresentando realmente é uma coisa bacana, bonita (NASCIMENTO, 2019, comunicação pessoal).

Além dessas atividades, a SPB, em sua missão de fomento à cultura, participa ativamente de ações educacionais. Muitos membros dispõem de um pouco de tempo para ministrar palestras sobre a Literatura de Cordel em escolas do Ensino Fundamental e Médio da

região, desenvolvendo ainda oficinas de cordel e de xilogravuras. Também participam como júri técnico de concursos de poesia na rede de ensino municipal e estadual. Percebemos, a partir da observação nos eventos e da análise de documentos já mencionados no decorrer da pesquisa, uma preocupação latente de evocar a poética do povo, buscando sempre novos leitores e poetas.

### 5.2.1 Caminhos virtuais da SPB: folheto e mídia social

Há décadas atrás o crítico Silvio Romero vaticinou o fim da Literatura de Cordel, porém na prática o folheto continua se reinventando, transitando entre suportes e conquistando novo público leitor. Quando indagada sobre o possível desaparecimento do folheto do seu tradicionalismo engessado, a poetisa Angela Liberato refuta:

[...] o cordel jamais será engessado, eu acho isso uma visão muito ultrapassada DE QUEM PENSA assim né? pelo contrário, o cordel como agora sendo o patrimônio imaterial né? é é, ESTUDADO agora por (+) pessoas, é, alunos, já vem nos livros. Eu sou professora e já vejo esse conteúdo, o conteúdo como cordel, no livro didático, então não é uma coisa que tá ‘ultrapassada de forma alguma’. No ENEM já vem matérias com questões falando do cordel. E::, eu vejo assim que (+) Esqueci, ((ri)) esqueci uma outra coisa que tu perguntou... [...] ele também hoje é muito utilizado na mídia, nas redes sociais, né? temos (+) as pelepas feitas no facebook, “eu não participo muito” mas os outros amigos da sociedade participam das pelepas, nós temos o grupo [do da] Sociedade dos Poetas, e no grupo a gente faz também, é (+) desafios. Nós estamos com uma proposta esses dias, de cada dia, né? com temas, a gente, fazer uma poesia (+) né? com (+) tema e determinado tipo de estrofe. E assim a gente vai utilizando, né? como é importante, divulgando o cordel e colocando (+) vários temas dentro do cordel, porque é uma infinidade de tema que cabe dentro do cordel, temas atuais, temas o o quanto for preciso os demais temas da atualidade que acontece, o cordel, CABE SIM, né? falar sobre (+) esses temas. Então não é “nada” ultrapassado o cordel (VIEIRA, 2019, comunicação pessoal).

No mundo midiático, os membros da SPB procuram levar a poesia, mormente a Literatura de Cordel, para as redes sociais além de divulgarem suas atividades culturais. No facebook a SPB conta com um perfil, no qual encontramos dados históricos da SPB (cerimônias de posse, histórico, atividades já realizadas, fotos dos eventos). As pelepas virtuais no grupo do facebook ocorrem não só entre os membros da sociedade mas também com outros poetas, de acordo com Nascimento (2019, comunicação pessoal), os desafios iniciais no perfil da SPB foram propostos por Dalinha Catunda, membro da ABLC e a partir da interação, do jogo verbal entre poetas, surgiram cordéis, sendo alguns publicados.

Além disso, os poetas membros comunicam-se por watts app através do grupo com o nome da sociedade. Mais uma vez a poesia predomina: saudações, agradecimentos e

felicitações surgem em forma de versos; peijas e desafios também têm seu destaque num espaço virtual para a divulgação da poesia. Em janeiro de 2019, os poetas da SPB tiveram a ideia de produzirem cotidianamente poemas a partir de temas propostos com ou sem modalidades e motes. Sobre a dinamicidade do cordel e as tecnologias de informação, o poeta Francisco de Assis (Tiquim) discorre:

[...] com a CHEGADA DA TECNOLOGIA, eu acredito que (+) o cordel se apropriou dessa ferramenta (+) da MODERNIDADE (+) e assim, conseguiu (+) adentrar (+) e se expandir (+) é:: (+) com a sua própria força, com sua própria identidade, ‘sem perder sua identidade’, é::, não deixou de falar da temática (+) anterior, como o cangaço, Padre Cícero, Lampião, é::, as rezadeiras, é (+) plantas medicinais né? é cantorias (+) mas vem AGREGANDO (+) e vem fazendo a INSERÇÃO (+) da modernidade, trazendo também, na sua temática, é:: (+) de forma mais moderna como a denúncia como já fazia antes (+) mas assim, ele (+) foi se apropriando, se integrando aos temas sociais, políticos e econômicos da atualidade, e aproveitou a FERRAMENTA, QUE:: dispôs o capitalismo, e a gente tá andando, nesse trajeto aí e aproveitando esse espaço (SOUSA, 2019, comunicação pessoal).

As temáticas propostas demonstram o quanto o cordel continua a se atualizar, pelo menos no conteúdo, já compuseram sobre temas universais como “Amor”, “Vida”, Trabalho” “Família” e “Natureza”; assuntos voltados para as questões regionais “Cultura Popular”, “Sertão” e “Chuva de Inverno”, homenagens “Homenagem a João Furiba”, metapoemas “Ser Poeta”, “Repentista e Poeta”, atividades e história da SPB “ Mungunzá com poesia”, “Sociedade dos Poetas de Barbalha” e até temas de acontecimentos recentes como “O Desastre de Brumadinho”. Sobre a importância dessa interação no suporte virtual, Francisco de Assis Sousa comenta:

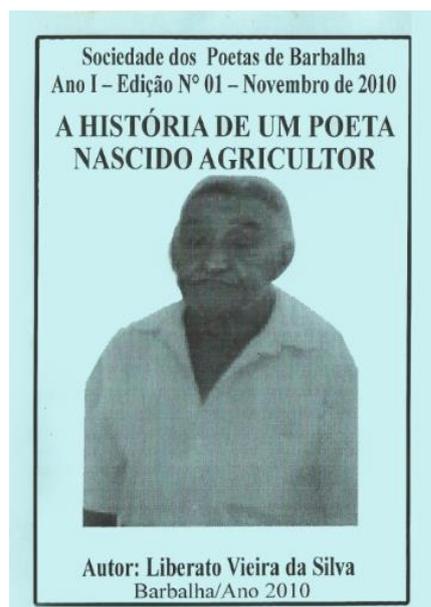
Muito boa, porque (+) é assim (+) além de ser um exercício (+) é:: vai a cada a cada (+) investida, a cada desafio, a gente vai conseguindo interagir com os demais companheiros, de forma que, chega um momento que você identifica, mesmo que não tem o nome de quem é aquela poesia, então é uma forma de, se conhecer, e uma coisa interessante, é porque (+) a gente socializa, não é uma coisa que fica só pra gente (+) não é uma coisa fechada no nosso universo, a própria ferramenta, como você colocou aí, das redes sociais, do WhatsApp, ele dá essa condição (+) da gente (+) ABRIR (+) é:: um LEQUE de divulgação e interação e vamos descobrindo também pessoas que têm (+) a:: tendência de cordel, teve uma inspiração, e de certa forma (+) à medida que ele vai passando experiência ele vai adquirindo também experiência (SOUSA, 2019, comunicação pessoal).

### 5.3 O FOLHETO COMO SUPORTE DE REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA SPB: OBRAS PUBLICADAS

A entidade em estudo já lançou, com financiamento próprio, 48 títulos (a grande maioria com tiragem mil exemplares), 16 títulos lançados pelo Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel, Edição Patativa do Assaré do Ministério da Cultura, em julho de 2010, sete títulos pela coleção do Centenário de Juazeiro do Norte-CE, em julho de 2012, além de apoio a outras publicações.

O primeiro membro a ter um cordel custeado e publicado pela SPB foi o poeta Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula). A obra, intitulada “A história de um poeta nascido agricultor”, uma autobiografia do decano em versos, representa um marco na consolidada missão da agremiação em valorizar os escritores da região e suas comunidades. O lançamento ocorreu na comunidade do Mestre Bula, Sítio Santana II em 19 de novembro de 2011 e na capa encontramos uma das várias xilogravuras confeccionadas pelo poeta membro Francisco de Assis Sousa (Tiquim), no caso um retrato do saudoso Mestre Bula. Dessa data em diante a SPB destacou-se no fomento à produção de folhetos, apesar das dificuldades econômicas e estruturais, chegando a publicar até cinco folhetos por evento. Sobre esse fato, na ocasião de lançamento dos demais folhetos, o membro José Sebastião Rodrigues (2016), na época presidente da SPB, assevera “Nada melhor que o reconhecimento do valor do trabalho que a instituição faz e da nossa cultura, que precisa ser preservada, valorizada, apreciada para não morrer”.

**Figura 11** - Capa do primeiro cordel publicado pela SPB



Fonte: acervo pessoal (2018).

A SPB também ganhou destaque na publicação de folhetos pelo Programa Mais Cultura de Literatura de Cordel - Edição Patativa do Assaré, desenvolvido pelo Ministério da Cultura (MinC). A partir do projeto “Barbalha Canta Cordel”, sobre a coordenação do poeta Hugo de Melo Rodrigues, a Fundação de Cultura e Arte Popular do município de Barbalha ganha o prêmio do edital 2010 na categoria “Criação e Produção”.

**Quadro 2** - Cordéis da SPB publicados pelo Programa Mais Cultura de Literatura de Cordel - Edição Patativa do Assaré

Título	Autor
Quem foi Barbalha de outrora, quem está sendo agora	Liberato Vieira (Mestre Bula)
O fumante Seu Mané	José Gonçalves Sobrinho
História de uma Vida	Hugo Rodrigues
Barbalha - rua acima, rua abaixo	Jota Fidelis (Josélio de Araújo Fidelis)
O poeta e o meio ambiente	Francisco Santos de Souza (Capitão)
O mundo vai se acabar	Angela Vieira da Silva
Mais um anjo para Deus (história ocorrida na via real)	Francisca Lima Sousa (Dona França)
Coisas do meu sertão (Póstuma a Eloi Teles)	Eliane Leite
Difícil Vida de Pobre	José Edson da Silva (Dão de Jaime)
Do mosquito da dengue para você	Zé Sebastião
Vida que pede vida	Lindicássia Nascimento
Pedreiros de Barbalha	Taumaturgo Desidério (Em memória)
O beato José Lourenço e o Caldeirão dos Jesuítas	Camilo Barbosa
Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia	Rosário Lustosa e Raul Poeta
Gonzagão: o Monarca do Baião	Ernane Tavares
Cangaço na região	Francisco de Assis (Tiquim)

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Das obras contempladas, 14 foram de autoria de membros da SPB. O lançamento dos cordéis ocorreu no dia 1º de julho de 2012 no Cine Teatro Neroly Filgueira, Barbalha - CE. Segundo Josélio Fidélis de Araújo, na época presidente da SPB:

O prêmio vem ressaltar a importância da Literatura de Cordel como patrimônio imaterial brasileiro, estendendo sua unicidade e papel fundamental na construção da identidade e da diversidade cultural do país. Agora mais do que nunca, estamos cientes de que a recente criação da Sociedade dos Poetas de Barbalha representou um passo fundamental em direção a uma visão diferente, muito mais positiva, das tradições orais e populares (2012 *apud* RORIGUES).

No mesmo ano, em comemoração ao Centenário da cidade de Juazeiro do Norte - CE, a Secretaria de Desenvolvimento do município financia a publicação de cem folhetos: 50 de autores clássicos e 50 de contemporâneos. Todos os poemas giravam em torno de temáticas de Juazeiro do Norte, das romarias e do Padre Cícero. A SPB mais uma vez destacou-se na

publicação de cordéis: sete poetas membros publicaram nessa coletânea com lançamento no Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (SANTOS, 2012).

**Quadro 3** - Cordéis da SPB publicados na Coleção do Centenário de Juazeiro do Norte

Título	Autor
Promessas ao Padim Ciço	Angela Liberato
Juazeiro e centenário	Ernane Tavares
Juazeiro, Padre Cícero e o progresso	José Sobrinho
Cem anos de Juazeiro do Padre Cícero Romão	João Edson (Dão de Jaime)
Cem anos de Juazeiro do Norte	Camilo Barbosa
Juazeiro centenário pautado no trabalho, modelado na fé	Francisco de Assis (Tiquim)
Assunção Gonçalves – A dama do Juazeiro Centenário	Rosário Lustosa

Fonte: elaborado pelo autor (2019).

Quando indagado em entrevista ao pesquisador sobre o papel da SPB na representação da memória dos seus membros, o poeta Hugo Rodrigues relata:

A importância, já vem, uma (+) por essa representatividade dessa **coletividade** (+) porque:: nós encontramos muita, a exemplo do Liberato por exemplo, pessoas que tinham excelentes produções, pessoas com ideias fantásticas mais no seu pequeno núcleo, no seu núcleo familiar, ou do seu núcleo comunitário, então a Sociedade ela tem (+) dá essa possibilidade de você trazer (+) aquela sua atividade, aquela sua presença pra o âmbito municipal (+) e se não regional e estadual (+) então a Sociedade ela vem dá essa **representatividade**, essa possibilidade (+) de que seus membros (+) **CRESCAM** (+) enquanto produtividade nesse campo que cada um se identifica, assim como a:: própria entidade também, a instituição **CRESCER** à medida que cada um de seus membros (+) têm relevância nos seus trabalhos que desenvolve. (+) E o **registro** (+) em **cordel**, que foi um:: dos (+) pontos assim, iniciais dessa produção, já que a gente, nós **VIVEMOS** em uma cidade, em uma região, um estado, uma nação com a:: (+) que a dificuldade de produção (+) **a produção do livro impresso, ela se torna uma atividade cara**, então, **PODER, TRAZER ESSAS ATIVIDADES, PODER ESTÁ TRAZENDO, MATERIALIZANDO esse pensamento, essas ideias, pelo cordel, é uma possibilidade que a gente tem de perpetuar, essas IDÉIAS, essas mensagens**, esses pontos de vista diferentes (RODRIGUES, op. cit., comunicação pessoal, grifo nosso).

O relato acima citado remete-nos a algumas vertentes teóricas já levantadas no referencial. Em primeiro lugar destacamos a representatividade individual e coletiva dos membros e como as memórias influenciam-se e desenvolve uma coletividade, corroborando nesse ponto com os autores Halbwachs (2006) e Candau (2016). Em segundo lugar o registro do poema no folheto, suporte/armazenamento dessa memória, lembrando-nos o pensamento de Assmann (2011) da escrita como armazenadora da memória, pois há no testemunho a preocupação em “perpetuar” as ideias a partir da materialização (folheto).

Ainda sobre a fala do professor Hugo Rodrigues (op. cit.), merece ênfase a questão da publicação de livro impresso, segundo o poeta, “cara”, constatando uma realidade: mesmo com o desenvolvimento das tecnologias da informação a produção de obras no país em pleno século XXI ainda se torna inacessível para muitos. O folheto ainda existe e resiste, assim como em sua origem, como uma alternativa para muitos autores expressarem sua arte. Segundo Ayala (2011, p. 117):

A literatura popular, ainda que se construa no interior de um mundo comandado pelo tempo industrial e, conseqüentemente, pelo relógio de ponto, para existir contemporânea e simultaneamente a outras formas de cultura (que contam com meios poderosos de produção e divulgação) não pode abrir mão de seu tempo comunitário. E aí que ela tem possibilidade de existir.

Ainda sobre memória e representatividade e a publicação de folhetos do autor pela SPB, o membro fundador Ernane Tavares anuncia:

[...] cada um que fizer a sua publicação (+) ele vai **enraizar na memória** do povo e vai fazer com que (+) se:: faça: **durar essa memória**, porque se você fizer uma obra bem feita (+) e ela seja perseguida futuramente pra estudo então você vai longe, se:: **essa obra for uma obra apagada jamais ninguém vai procurar e você vai ficar esquecido** /.../ eu gosto sempre de: (+) participar dos cordéis coletivo, porque os cordéis coletivo ele leva seu nome, mas leva o de seu colega porque (+) pra mim eu não vivo de cordel (+) então eu tenho que dá ênfase a descoberta de talentos, eu tenho que busca informações onde é que tem pessoas capacitada pra isso, então o meu pensamento assim dos cordéis coletivo é porque além da minha memória fica, nós vamo dá oportunidade a memorizar outras pessoas. Então tem: trabalho de poetas que: já fazem mais de 100 anos que foram publicados, como no caso do Pavão Misterioso que eu SUGIRO que: seja lido, O Capitão do Navio é um cordel que é uma história (+) que tem assim: um desenrolar impressionante pela criatividade do autor, então essa: questão da criatividade (+) de você criar a história com começo meio e fim e dá ênfase aos acontecimento, faz com que a memória vá mais longe, então eu acho assim é: uma Barbalha antes da Sociedade e será outra Barbalha depois da Sociedade (TAVARES, 2019, comunicação oral).

A poetisa Angela Vieira da Silva (Angela Liberato) vai ao encontro do testemunho do poeta:

[...] na Barbalha a gente sempre ouviu falar de poetas, e de trabalhos de alguns poetas, como de José Sebastião que já faleceu, de José Joel, que hoje já é membro da sociedade, dentre outros poetas, né? Então Barbalha tem vários poetas (+) até desconhecidos ainda. Mas assim, a entidade sociedade dos Poetas de Barbalha (+) quando, ela ao ser criada, né? ela ela veio difundir (+) esses trabalhos (+) até então (+) escondidos, e veio (+) representar esses seus criadores né? Então, é uma entidade, que tem um vasto acervo de obra, divulga os nomes, as obras de seus membros, é através de realização de eventos, né? em ocasiões (+) sempre que tem a oportunidade (+) sempre levando ao

conhecimento a importância dessas obras, e o nome dessas pessoas para a preservação da memória, da cultura, né? desses membros (+) da sociedade (+) e assim a gente (+) vai fazendo a sociedade crescer a cada dia, e deixando [para pra] memória (SILVA, 2019, comunicação pessoal).

#### 5.4 ANÁLISE DO CORDEL

Com o intuito de integrar seus membros e incentivar o trabalho em grupo, a SPB publicou três cordéis coletivos: “A Nossa Sociedade encantou mais o cordel” (título-mote, 2011, escrito por 16 poetas membros) “Tributo a Monsenhor” (2016) e “Santo Antonio de Barbalha” (2017).

O cordel coletivo “Santo Antonio de Barbalha” foi publicado em 17 de setembro de 2017 pela SPB e tem como autores os próprios poetas da sociedade em estudo, com coordenação da Presidenta da entidade, Lindicássia Nascimento, e colaboração de Dalinha Catunda, Madrinha da **Cordelteca** da SPB e membro da Associação Brasileira de Literatura de Cordel, e Josenir Lacerda, poetisa, membro da Academia de Cordelistas do Crato.

Na apresentação do poema em estudo Lindicássia Nascimento (2017) assevera: “Ganha a terra de Santo Antonio no município da Barbalha, na região caririense, mais um acervo literário, para a riqueza histórica de sua cidade. Parabéns Sociedade dos Poetas pela unificação de pensamentos, tão bem escrito” (*apud* SPB, 2017, não paginado).

A proposta para elaboração desse cordel coletivo foi feita pelo folclorista e radialista Luís Isael, um dos defensores do cordel na Região do Cariri caririense e apologista, em uma edição do Muncunzá com Poesia realizado pela SPB. Na apresentação da obra, Lindicássia Nascimento (2017) destaca: “Santo Antonio de Barbalha foi assim que os poetas e poetisas da SPB e as convidadas Dalinha Catunda e Josenir Lacerda, discorreram sobre o belíssimo tema, a riqueza dos versos, enaltecendo a cultura, a religiosidade e o processo histórico de uma festa popular, pautado entre o profano e o sagrado da cidade de Barbalha”.

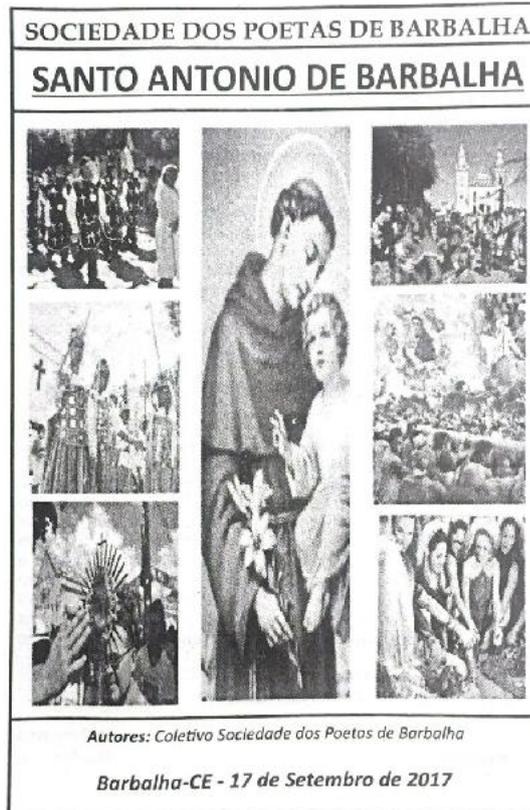
Cada um dos 16 poetas da SPB participantes e das duas colaboradoras compôs duas estrofes de dez versos. No processo de composição, um autor não teve acesso à produção dos outros, cada poeta produzia seus versos sem conhecimento da produção dos outros. Vale destacar esse fato, pois apesar disso, alguns aspectos da caracterização Festa de Santo Antonio<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Também conhecida como Festa do Pau da Bandeira, é uma festividade popular anual da cidade cearense de Barbalha. Suas origens remontam ao ano de 1928, quando o pároco José Correia de Lima, então vigário de Barbalha, propiciou o cortejo do mastro, que em seu topo, seria hasteada a bandeira de Santo Antônio. Desde então, a festa tem início em fins de maio e começo de junho, marcando a abertura das festividades dedicadas ao Santo, tendo como ponto alto, a data 13 de junho, dia de Santo Antônio. Além da realização da tradicional

predominaram nos versos da maioria dos poetas, como se houvesse um imaginário em comum, uma memória coletiva de representação desse evento por parte dos poetas barbalhenses e das duas poetisas convidadas. A maior parte dos poetas destacaram a figura de Santo Antonio como Santo casamenteiro.

**Figura 12** - Capa do cordel de Santo Antônio de Barbalha



Fonte: SPB (2017).

O poeta Francisco de Assis Nogueira (membro da SPB, cadeira nº 11) optou por tematizar a história/fundação da cidade de Barbalha, destoando um pouco dos subtemas recorrentes dos outros poetas no cordel em estudo. Entre os aspectos históricos frisa-se a chegada de Magalhães Barreto de Sá, a construção de uma capela no território e a escolha de Santo Antonio como patrono do lugar.

13

As terras dos cariris  
Magalhães Barreto e Sá  
Veio pras bandas de cá  
A régia coroa quis

---

trezena religiosa em homenagem ao santo padroeiro, ocorrem festejos sociais como a quermesse e shows de grande porte no Parque da Cidade. Em 2015 esse festejo foi reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN, em 2018, o Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Ceará (Coepa) declarou a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha como Patrimônio Cultural do Estado do Ceará (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018).

A história também diz:  
 Pela decisão do trono  
 Dessas terras se fez dono  
 Construiu uma capela  
 E foi Santo Antônio dela  
 O consagrado patrono.

Na estrofe seguinte, o poeta citado destaca a fundação de um engenho de cana de açúcar na região:

14  
 Vindo do Urubu baixo  
 O capitão sergipano,  
 (O) Francisco o soberano  
 Instala um engenho abaixo  
 Garapa, gamela e tacho  
 Mel de cana rapadura  
 Índios, gado, agricultura.  
 (A) Senzala e patrimônio.  
 Barbalha de Santo Antônio  
 É caldeirão de cultura.

Por sua vez, o poeta Francisco Timóteo Ribeiro (membro da SPB, cadeira nº 16) destaca o local de nascimento e o de falecimento de Santo Antonio, para em seguida trabalhar mais uma vez imagens poéticas enfatizadas pros outros colegas como “moça solteira”, “pau da bandeira” e “santo casamenteiro”:

23  
 Foi Lisboa, Portugal  
 Que santo Antônio nasceu  
 E em Pádua faleceu  
 Itália, o berço final  
 Mas seu divino sinal  
 Deixou pelo mundo inteiro  
 De Barbalha o padroeiro  
 E toda moça solteira  
 Espera o pau da bandeira  
 Do santo casamenteiro.

Já a poetisa Rosário Lustosa (membro da SPB, cadeira nº 18), apesar de citar a figura de Santo Antonio “Do santo pra casamento” e da cidade de Barbalha como local de cultura, opta por enfatizar as riquezas socioeconômicas do município como o cimento e a transição da economia canavieira para a fruticultura:

25  
 Barbalha é da cultura

Do santo pra casamento  
 É a terra do cimento  
 Do soro e da apicultura,  
 Rainha da rapadura  
 Balneários sem igual  
 Com grande manancial  
 Já mudou a sua sina,  
 Ela agora é a menina  
 De um verde bananal.

Mais adiante a poetisa destaca a cidade como polo de desenvolvimento de serviços de saúde:

26

O que tem de mais decente  
 Está na área da saúde  
 Dupla cheia de virtude  
 Santo Antonio e São Vicente,  
 Que assiste o carente  
 Quando deles precisar,  
 Medicina pra estudar  
 Garantindo a formatura  
 Barbalha tem estrutura

O poeta Camilo Barbosa (membro da SPB, cadeira nº 19) enfatiza o ritual de carregamento e hasteamento do pau da bandeira no domingo da festa, destacando o esforço dos carregadores, e com muitos dos poetas, a figura de Santo Antonio como padroeiro.

27

Tem folclore e tradição  
 Festa no pau da bandeira  
 Tem folia e brincadeira  
 Há carnavalização.  
 Rico, pobre, estranho, irmão  
 Preto, branco entram na farra  
 O pesado pau agarra  
 Num esforço sobre-humano  
 Bebem de lascas o cano  
 Em meio à grande algazarra.

28

Mas, não esquecem do santo  
 Mesmo o pé morgando o rastro  
 Pois sabem que aquele mastro  
 Precisa ficar no canto.  
 Depois de suarem tanto  
 Dos pés até o nariz  
 O povo exclama feliz  
 Viva! O nosso gloriosos  
 Padroeiro milagroso  
 Lá na frente da matriz.

A questão do sagrado x profano na festa de Santo Antonio, temática destacada por muitos poetas no cordel em estudo, apresenta-se a partir de antíteses bem estruturadas em uma das estrofes da Poetisa Fátima Vieira (membro da SPB, cadeira nº 21):

A alegria da festa  
Do Santo casamenteiro  
O querido padroeiro  
A devoção manifesta  
Tradição tão modesta  
No festejo, no louvor  
Seja da forma que for  
Tens na fé a tradição  
Do milagre a oração  
Na alegria e na dor.

A devoção a Santo Antonio como traço identitário de boa parte do povo barbalhense é apresentada de forma muito subjetiva e sentimental pelo poeta Antonio Cassiano (membro da SPB, cadeira nº 21) na estrofe 35:

O santo casamenteiro  
Patrono do nosso lar  
Quando eu quero exaltar  
Como nosso padroeiro  
Trato-o como parceiro  
Íntimo e perto de mim  
Falo tintim por tintim  
É a le que eu clamo  
Tanto que às vezes chamo  
Santo Antonio de toim.

Por último, vale apontar alguns aspectos referentes à identidade e a ideia de pertencimento presentes em alguns versos. O poeta Dão de Jaime (membro da SPB, cadeira nº 03) na estrofe 6 destaca:

**Eu tenho um orgulho grande**  
**De ser mais um barbalhense**  
No vale caririense  
Seu progresso se expande  
Em qualquer lugar que ande  
Barbalha é reconhecida  
**Minha terra minha vida**  
Do santo casamenteiro  
No nordeste brasileiro  
Você é a mais querida.  
(grifo nosso)

Na estrofe 21, o poeta José Joel (Jaime (membro da SPB, cadeira nº 15) também apresenta sua ideia de pertencimento:

Barbalha sempre mantém  
Uma tradição junina  
Enfeitar rua e esquina  
Receber quem aqui vem;  
**Como sou filho também**  
A parte tento fazer  
Improvisar, Escrever  
Sobre folclore falar  
E até tentar narrar  
Na festa o que a gente ver.

## **6 FOLHETOS AO VENTO: CONSIDERAÇÕES FINAIS (onde o autor avalia o caminho e se depara com novas veredas ou “durmo e acordo pensando nessa pesquisa”)**

Surge o momento de olhar para trás e rever os passos, muitas vezes titubeantes, dessa caminhada. Entre teorias, pesquisas e vivências, damo-nos conta do quão grande ainda é a jornada, com os pés no chão, poeira nas solas e a cabeça com a lembrança da voz poética dos cordelistas, podemos analisar esse percurso desde as rotas estabelecidas. A problemática e as hipóteses levantadas juntamente com os objetivos deram os nuances desse caminho.

Os caminhos teóricos, jamais conclusivos, devido à constante dialética, deram-nos embasamento para delinear-mos de forma mais científica esse trabalho. Primeiro, adentramos no labirinto dos conceitos e concepções das memórias e vimos como o pensamento filosófico de Bergson e o viés individual da memória mudam a partir dos quadros sociais das memórias traçadas por Hawbachs e revistos por Pollak. Com os estudos antropológicos os conceitos mais uma vez são ressignificados, sobretudo na área da antropologia cultural.

Em segundo lugar, vimos o desenvolvimento do folheto no Brasil, sobretudo no Nordeste, e inicialmente já nos deparamos com teorias e preconceitos de uma crítica literária limitada e míope que procurou discorrer sobre o cordel desde sua suposta origem lusitana. A partir de um discurso hegemônico, uma elite academicista delimita as diretrizes do que é Literatura, textos de intelectuais pautados na escrita normativa, e conseqüentemente excluem a literatura popular do cânone, renegando-o aos estudos folclóricos. Esses estudos passam longe da essência de uma crítica literária: o texto e seu público leitor, atrelando-se a fatos extrínsecos à obra.

Ainda no campo teórico dos estudos do folheto, a crítica escriptocêntrica, elitista, machista, androcêntrica e racista olvida, propositadamente, as particularidades das vozes poéticas, produzidas e vivencias em outro ritmo e com um público diferenciado (e empolgado) diferentes dos padrões canônicos.

Os poemas orais, com o advento da escrita, reinventam-se e adaptam-se à forma escrita o folheto, suporte da oralidade e representação da memória. Mas essa manifestação não cede totalmente aos ditames da escrita, guarda traços da oralidade como o ritmo e a melodia, evidencia-se, transgressora e indelével. O declamador continua a ler seus folhetos escritos encantando um público leitor. Como forma poética marginalizada também no mercado editorial, o cordel desenvolve-se a partir de uma editoração também de protesto aos ditames hegemônicos.

Feitas essas considerações, aqui inicia-se uma revisão da análise de dados do trabalho e nesse ponto, como forma de protesto aos ditames acadêmicos e com o intuito de melhor recordar minhas experiências junto à SPB, resolvo mudar o texto para a primeira pessoa. Houve uma certa dificuldade de encontrar fontes bibliográficas tradicionais/oficiais sobre o grupo em estudo, daí a importância da observação participante e das entrevistas realizadas no decorrer do trabalho.

Acompanhas as atividades da sociedade, reuniões e visitas, foi a parte mais gratificante dessa pesquisa. A cada reunião podia perceber o quanto os conceitos teóricos, mesmo embasando essa pesquisa, movem-se, entram em conflito, diante dos debates entre os poetas. Nas reuniões na Cabana do Cordel, sempre há espaço para a performance, sempre há declamações poéticas, provocadas, improvisadas, lidas. Quando chegava cedo, tinha a oportunidade de entender melhor na prática algumas das modalidades de escrita dos folhetos, interava-me melhor de um universo que tanto admiro, mas ainda pouco conheço. Pude perceber o quanto a recordação de cada poeta influencia e é influenciada pela dinâmica do grupo. Sempre que ocorre um evento cultural da SPB ou de outras entidades, os poetas mostram suas impressões, representificam suas lembranças e apreendem também a partir da alteridade. A Cabana do Cordel definitivamente representa um espaço de recordação.

Em relação aos eventos que participei também percebi a representificação das lembranças e a interação com o público. Os familiares, amigos e parentes chegam, conversam, antes das apresentações e rememoram suas experiências. Na trilha da Poesia essas representificações já começam cedo no café da manhã na cabana, poetas evocam lembranças dos grandes poetas falecidos da região, compartilham experiências.

Essas observações corroboram com as entrevistas realizadas com alguns dos poetas. Percebi o quanto SPB representa uma teia de representações de memórias, individuais e coletivas, de seus membros. A cada entrevista percebia pontos de congruências e aspectos diferentes, o que prova que apesar da influência do social sobre o individual, cada um representa suas memórias de forma únicas. Entre os pontos comuns ideias de pertencimento, valorização do grupo da literatura de folhetos destacavam-se a visão da SPB como espaço de recordação.

Já nas breves considerações do cordel coletivo Santo Antonio de Barbalha elaborado pelos poetas membros da SPB pude observar “metáforas” “imagens” presentes no imaginário da cidade de Barbalha que são reproduzidos nos versos dos poetas em estudo, demonstrando de certa forma como as interações sociais e as representações de uma memória coletiva influenciam as lembranças dos indivíduos.

Em relação ao produto final, procurar os folhetos, literalmente, uma vez que a Cordelteca Catunda da SPB não conta com bibliotecário nem com auxiliar ou técnico ou uma pessoa para administrá-la, e organizá-los em ordem de publicação foi bastante prazeroso. Selecionar ou colher as biografias constituiu tarefa mais difícil, muitos dos poetas, alguns por motivos diversos, não participavam nesses dois últimos anos das atividades da SPB, e mesmo procurando entrar em contato de várias formas, não consegui meu intento. Assim, tornou-se, infelizmente, impossível, coletar os dados dos 24 membros. Ao cadastrar a pesquisa no Conselho de Ética e Pesquisa da UFCA apresentei entre os riscos justamente a possível negação dos envolvidos em fornecerem dados ou a dificuldade de encontrá-los.

Acredito que essa pesquisa e o catálogo oriundo dela podem contribuir para novos estudos, pois a Literatura de Folhetos, mesmo em um mundo cada vez mais midiático, existe e persiste, com arte como suporte de uma memória da voz, movendo-se, dinamizando-se, adaptando-se a novos suportes, como o virtual, e sempre atraindo novos leitores.

Esse trabalho me abriu horizontes, fez-me rever conceitos e me concedeu vivências inéditas, a cada palavra ouvida, a cada lembrança ecoada, a cada linha escrita, de uma Literatura tida como menor mais que na experiência desse leitor, torna-se mais do que nunca Literatura com “L” maiúsculo. No mais, termino parafraseando versos do saudoso Mestre Bula: Durmo e acordo sonhando, pensando em novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2006.
- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 85, mar. 1991. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471671991000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471671991000100018&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jun. 2019.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ARAÚJO, José Fidélis de. Prefácio. *In*: RODRIGUES, José Sebastião. **Do mosquito da dengue para você**. Barbalha, [Juazeiro do Norte]: HB Gráfica, 2012.
- ARAÚJO, Josélio. Sociedade dos Poetas de Barbalha lança cinco cordéis nesta sexta-feira. **CCariri Ceará**: a informação que forma opinião. [S. l.], [20--]. Disponível em: <http://www.caririceara.com/sociedade-dos-poetas-de-barbalha-lanca-cinco-cordeis-nesta-sexta-feira/>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AYALA, Maria Ignez Novais. **Aprendendo a aprender a cultura popular**. Campina Grande: Bagaem, 2011.
- BARBALHA. **Lei 2.080/2013**. Dispõe sobre o reconhecimento de utilidade pública a entidade que indica e dá outras providências. Barbalha, CE: Câmara municipal, 2013.
- BARROS, Miguel Pereira. **Relações de gênero na literatura de cordel**. Curitiba, Appris, 2015.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 16. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BRASIL, Alexia Carvalho. **Cordel digital**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2005.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CATUNDA, Dalinha. Cordelteca Dalinha Catunda. **Blog Cordel de Saia**. Barbalha, 28 fev. 2019. Disponível em: <http://cordeldesaiia.blogspot.com/>. Acesso em: 21 fev. 2019.

CATUNDA, Dalinha. **Sociedade dos Poetas de Barbalha ontem, hoje e sempre**. Rio de Janeiro, [Juazeiro do Norte]: [s. n.], 2017.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1999.

COLETIVO NTC; MARCONDES, Ciro (coord.). **Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade**. São Paulo: Edições NTC, 1996.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Festa do Pau da Bandeira de Barbalha é reconhecida como patrimônio cultural cearense**. [S. l.], 14 dez. 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/online/festa-do-pau-da-bandeira-de-barbalha-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-cearense-1.2037917>. Acesso em: 28 jun. 2019.

DIAS, Maurílio Antonio. O cordel no prelo: trajetória e impressões. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo, SP: Escrituras, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro: 2006.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

IPHAN. **Literatura de Cordel**. Brasília, [2014?]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1943>. Acesso em: 20 fev. 2019.

IPHAN. **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. Brasília, 19 set. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 20 fev. 2019.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEMAIRE, Ria. Pensar o suporte – resgatar o patrimônio. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

LUCENA, Bruna Paiva de. **Espaços em disputa**: o cordel e o campo literário brasileiro. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LUCENA, Bruna Paiva de. Patativa do Assaré entre bancadas e estantes. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas; elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Pensar-pulsar**: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade/coletivo NTC. São Paulo: Edições NTC, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/6737/6073>. Acesso em: 30 jul. 2018.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed, 2001.

MELO, Rosilene Alves. **Arcanos do verso**: trajetórias da Literatura de Cordel. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

MENDES, Simone. A fórmula-ritmo em Patativa do Assaré. *In*: CARVALHO, Gilmar de (org.). **Patativa em sol maior**: treze ensaios sobre o poeta pássaro. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

NASCIMENTO, Lindicássia. **Entrevista concedida pela presidente e membro fundador da SPB**. Barbalha, 11 jan. 2019. Não publicado.

NASCIMENTO, Lindicássia. Prefácio/Apresentação. *In*: SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA. **Santo Antonio de Barbalha**. Barbalha, Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2017.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas. **A formação da literatura de cordel brasileira**. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) - Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Geogerte Meleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239. Disponível em: <http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 16 dez. 2017.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, ago. 1995. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101995000400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101995000400010&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jun. 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 1 ago. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 16 dez. 2017.

REGIS, Fátima. Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição. **Logos**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 20-24, jan. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14592>. Acesso em: 17 jun. 2019.

RODRIGUES, Hugo de Melo. **Entrevista concedida pelo poeta e idealizador da SPB**. Crato, 15 fev. 2019. Não publicado.

SANTOS, Elizângela. Juazeiro publicará 100 cordéis sobre sua história. **Diário do Nordeste**. [S. l.], 14 jan. 2012. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/juazeiro-publicara-100-cordeis-sobre-sua-historia-1.67871>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SANTOS, Francisca Pereira dos. **Água da mesma onda**: a peleja poética epistolar entre a poetisa Bastinha e o poeta Patativa do Assaré. Fortaleza: Editora Iris, 2011.

SANTOS, Francisca Pereira dos. De marginal a exótico, de folheto a cordel, de folk a cult: a construção de um cânone chamado literatura popular em verso. **Escritural**: écritures d'Amérique latine, [S. l.], n. 6, dez. 2012. Disponível em: [http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL6/ESCRITURAL\\_6\\_SITIO/PAGES/Santos.html](http://www.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/ESCRITURAL/ESCRITURAL6/ESCRITURAL_6_SITIO/PAGES/Santos.html). Acesso em: 26 fev. 2019.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Poética das vozes e da memória. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso**: prática e habilidade no repente nordestino. Brasília: UnB, 2012.

SECRETARIA DAS CIDADES. **Região Metropolitana do Cariri**. Fortaleza, [2017?]. Disponível em: <https://www.cidades.ce.gov.br/regiao-metropolitana-do-cariri/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

SILVA, Andréa Betânia da. A cantoria e a rota da oralidade na construção dos sentidos. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

SILVA, Angela Maria Vieira da. **Entrevista concedida pela poetisa da SPB**. Barbalha, 29 jan. 2019. Não publicado.

SILVA, Josivaldo Custódio da. O ensino de literatura popular nos cursos de letras em instituições públicas do Nordeste. **Revista Boitatá**, Londrina, n. 15, p. 79-105, 2013.

SIMSON, Olga de Moraes von. Memória, Cultura e poder na sociedade do esquecimento. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA. **Ata da reunião ordinária**. Barbalha -CE, 2011-2018, p. 1-100. Não publicado.

SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA. **Estatuto**. Barbalha - CE, 17 de setembro de 2010. Não publicado.

SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA. **Santo Antonio de Barbalha**. Barbalha, [Juazeiro do Norte]: HB Gráfica, 2017.

SOUSA, Francisco de Assis. **Entrevista concedida pelo poeta e membro fundador da SPB**. Barbalha, 2 fev. 2019. Não publicado.

SPRADLEY, James P. **Participant observation**. New York: Holt, Rinehart & Winston, INC, 1980.

RIOS, Fábio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013.

TAVARES, Braulio. **Contando histórias em versos**: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2009.

TAVARES, Ernane. **Entrevista concedida pelo poeta e membro fundador da SPB.** Barbalha, 12 fev. 2019. Não publicado.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de luta:** literatura de folhetos no Nordeste, 1893-1930. São Paulo: Global Ed., 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Compreender Bergson.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

## APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) colaborador (a),

Germano Araújo Sampaio, portador do CPF83372946391, e do RG 96029060928, discente do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri-UFCA, está realizando pesquisa intitulada “RIMAR PARA RECORDAR: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do individual ao social)”.

Nesse sentido, **o(a) convidamos** para participar dessa pesquisa.

Temos como objetivo principal analisar o papel da SPB na construção da identidade e atualização/ressignificação da memória coletiva dos seus membros.

Além desse, buscaremos identificar a contribuição da SPB para a identidade de seus membros; apontar as atividades desenvolvidas pela associação; apontar no poema coletivo dos poetas da SPB Festa de Santo Antonio de Barbalha traços de representação de uma memória coletiva do povo barbalhense; enumerar os poemas publicados pela SPB e elaborar um catálogo contendo informações sobre os poemas publicados pela SPB e a bibliografia dos poetas membros.

Portanto a observação participante, a entrevista semiestruturada e o formulário constituirão instrumentos de coleta para compreendermos da melhor forma a dinâmica dos membros da SPB, bem como para elaborarmos o produto final desse trabalho: um catálogo com todas as capas digitalizadas dos cordéis publicados pela SPB e a biografia de seus membros.

Entre os riscos ou desconfortos que os sujeitos poderão sentir está o de compartilhar informações pessoais, confidenciais, ou em algum tópico no decorrer da entrevista. No entanto,

evidenciamos que o sujeito entrevistado não precisa responder a qualquer pergunta que seja muito pessoal ou gere desconforto em falar.

Por essa razão, solicitamos a sua colaboração e autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos, bem como publicar em revista/livro científica na área da Biblioteconomia, Ciência da Informação e afins. Além disso, solicitamos sua autorização para divulgação de imagem/foto no catálogo acima discriminado.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) Senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não haverá nenhum ônus ou sanção.

O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa, podendo ser localizada no endereço da Rua Maciel Silva, 168, Centro, Barbalha (CE), CEP 63180-000, pelo número de telefone (88) 99669-0509 ou ainda pelo endereço eletrônico [germano.sampaio@ufca.edu.br](mailto:germano.sampaio@ufca.edu.br).

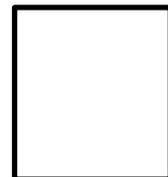
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, poderá ainda entrar em contato com O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Medicina do Cariri (CEP/MEDCARIRI/UFCA), Faculdade de Medicina da Cariri (UFCA), 1º Andar, CEP 63180-000, Barbalha-CE, pelo telefone (88) 3221-9606 ou pelo e-mail: [cep@ufca.edu.br](mailto:cep@ufca.edu.br).

Desde já, agradecemos sua colaboração.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e publicação dos resultados.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

## APÊNDICE B - Roteiro das entrevistas



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

Com o intuito de fomentar a pesquisa científica, solicito autorização para realizar o estudo que abrange o tema: “**RIMAR, RECORDAR E SE IDENTIFICAR: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do individual ao social)**”, o qual será apresentado no Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, na linha, Informação, Cultura e Memória, pelo autor Germano Araújo Sampaio.

#### **Objetivo geral**

Abordar o papel da Sociedade dos Poetas de Barbalha na construção da identidade e atualização/ressignificação da memória coletiva dos seus membros.

#### **ROTEIRO DA ENTREVISTA 1**

**Entrevistada:** Diretora presidente da SPB

1. Desde quando atua como diretora presidente na SPB?
2. Em relação às atividades desenvolvidas pela SPB, quais foram continuadas e implementadas na gestão atual?
3. Sobre as atividades desenvolvidas pela SPB, descreva como são planejadas, desenvolvidas e executadas? Quais são as principais dificuldades enfrentadas na execução dessas? Que impacto essas ações propiciam para a comunidade interna (membros da sociedade)?

4. A SPB possui parcerias com outras instituições?
5. A SPB recebe alguma ajuda/incentivo governamental ou privado?
6. Como você avalia a importância da SPB para a representação da identidade e da memória dos seus membros?

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA 2**

**Entrevistada:** Membro/secretária

1. Desde quando atua como secretária na SPB?
2. Que ferramentas são utilizadas na divulgação das ações culturais desenvolvidas pela SPB?
3. Qual sua concepção sobre a importância de agregar a Literatura de Cordel às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)?
4. De que forma a SPB tenciona expandir suas atividades, a fim de difundir a identidade da memória cultural barbalhense, e, por conseguinte, fomentar o gosto pela literatura?
5. Como você avalia a importância da SPB para a representação da identidade e da memória dos seus membros?

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA 3**

**Entrevistado:** Membro fundador 1

1. Como se deu o processo de criação da SPB?
2. No ato da criação da SPB, houve alguma ajuda/incentivo governamental ou privado?
3. Em relação às atividades desenvolvidas pela gestão anterior e a atual, houve mudanças significativas? Caso sim, as descreva.

4. Em relação aos membros que compõem a SPB, como você identifica os elementos que determinam o sentido de pertencimento à instituição por esses, uma vez que representam a identidade da memória coletiva da instituição?

5. Como você avalia a importância da SPB para a representação da identidade e da memória dos seus membros?

#### **ROTEIRO DA ENTREVISTA 4**

**Entrevistado:** Membro fundador 2

1. Como se deu o processo de criação da SPB?

2. No ato da criação da SPB, houve alguma ajuda/incentivo governamental ou privado?

3. Em relação às atividades desenvolvidas pela gestão anterior e a atual, houve mudanças significativas? Caso sim, as descreva.

4. Em relação aos membros que compõem a SPB, como você identifica os elementos que determinam o sentido de pertencimento à instituição por esses, uma vez que representam a identidade da memória coletiva da instituição?

5. Como você avalia a importância da SPB para a representação da identidade e da memória dos seus membros?

## APÊNDICE C - Formulário



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA**

Com o intuito de fomentar a pesquisa científica, solicito autorização para realizar o estudo que abrange o tema: “**RIMAR, RECORDAR E SE IDENTIFICAR: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do individual ao social)**”, o qual será apresentado no Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri, na linha, Informação, Cultura e Memória, pelo autor Germano Araújo Sampaio. Sua participação é voluntária, e contribuirá para a compreensão do fenômeno estudado, e para a produção e divulgação de conhecimento científico na área de investigação. Assim, solicito-lhe a autorização e preenchimento do formulário que se segue.

**Objetivo:** elaborar um catálogo contendo informações sobre os poemas publicados pela Sociedade dos Poetas de Barbalha e a bibliografia dos poetas membros.

**1. Nome completo:**

---

**2. Nome artístico (autoria do cordel):**

---

**3. Naturalidade:**

---

**4. Data de nascimento:**

---

**5. Grau de escolaridade:**

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Graduação
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outro: \_\_\_\_\_

**6. Caso possua ensino superior, descreva sua formação:**

---

**7. Atuação profissional:**

---

**8. Ano de ingresso na Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB):**

---

**9. Principais obras publicadas:**

---

---

---

---

**10. Caso possua prêmios, homenagens, títulos, comendas ou afins, descreva-os:**

---

---

---

---

**APÊNDICE D - Relação de cordéis publicados pela SPB (2010-2018)****Quadro - Cordéis publicados pela SPB em Barbalha - CE (2010-2018)**

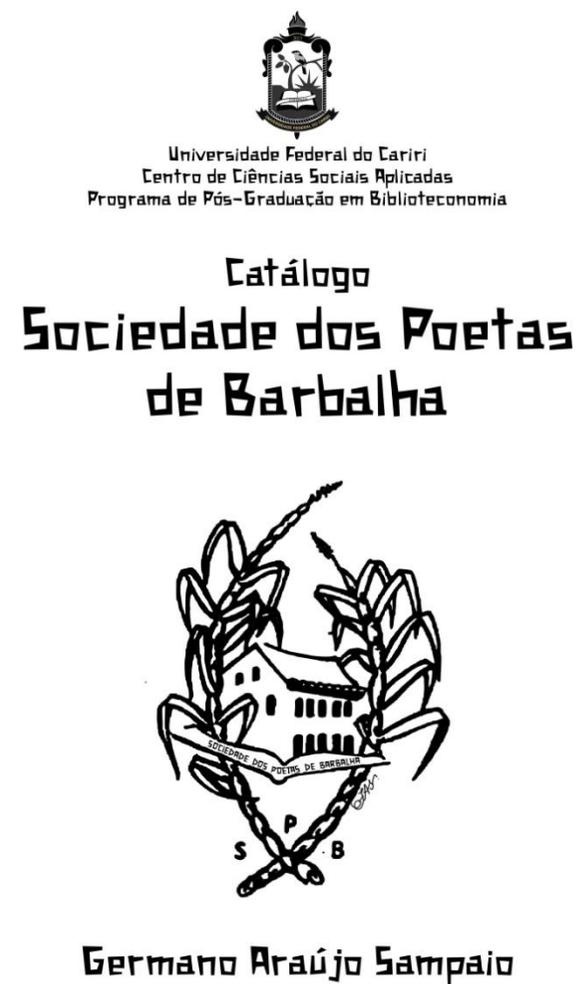
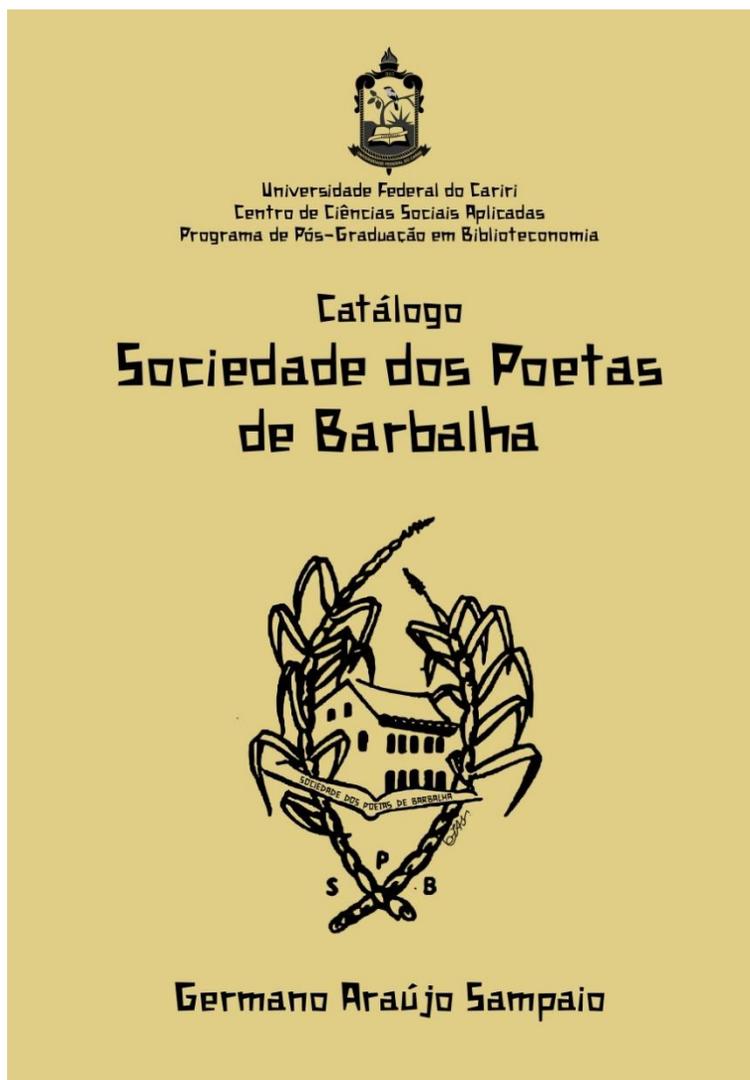
<b>Cordel Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Data</b>	<b>Local de lançamento</b>
01	A história de um poeta nascido agricultor	Liberato Vieira (Mestre Bula)	19/11/2010	Centro da Pastoral José Vieira da Silva, Sítio Santana II
02	Defensor da natureza	Dão de Jaime	12/2010	Sítio Santo Antônio da Arajara
03	O Candieiro voador	Ernane Tavares	04/2011	Associação do Sítio Coité
04	Ana e Sebasto	José Sebastião Rodrigues	04/2011	Associação do Sítio Coité
05	Cordel coletivo: a nossa sociedade encantou mais o cordel	Cordel coletivo (elaborado a partir do "Mote: a nossa sociedade encantou mais o cordel")	25/07/2011	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
06	René de prosa e nós de versos	Francisco de Assis Sousa (Tiquim)	25/11/2011	Biblioteca Padre Agostinho Mascarenhas Casarão
07	Disciplina: alunos e professores	José Joel	27/01/2012	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
08	O apelo de uma criança	Lindicássia Nascimento	04/2012	Geossítio Riacho do Meio
09	Coisa de contador	Camilo Barbosa	27/10/2012	Assentamento Rural São Judas Tadeu
10	Romeu e Julieta na Literatura de Cordel	Hugo Rodrigues	27/10/2012	Assentamento Rural São Judas Tadeu
11	Sua majestade Luiz Gonzaga: o rei do Baião	Rosário Lustosa	14/12/2012	Casarão da Cultura; Escola de Saberes de Barbalha - CE
12	Repertório gonzaguiano	Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)	14/12/2012	Casarão da Cultura; Escola de Saberes de Barbalha - CE
13	A Santana antigamente não era como é agora	Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)	28/05/2013	Sítio Santana II
14	Nossa terra, nossa gente	Josélio Araújo	17/09/2013	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
15	Garota prodígio	José Gonçalves Sobrinho	17/09/2013	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
16	Barbalha respira cordel	Antonio Pirajá	21/03/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)

17	Lugar que fui nascido	Capitão	21/03/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
18	Saudades do sertão	Dona França	21/03/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
19	Educação é a solução	Professora Jacinta Maria	30/05/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
20	Padre Paulo, de Sá Gurgel	Francisco Timóteo Ribeiro	30/05/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
21	Tipos de mãe	Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)	30/05/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
22	Sonho de poeta	Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)	12/12/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
23	Não destrua a natureza	Dão de Jaime	12/12/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
24	Barbalha em visão poética	Ernane Tavares	12/12/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
25	O planeta devastado pede zelo e proteção	José Sebastião Rodrigues	12/12/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
26	Plano Brasil sem miséria, ser pobre não é defeito	Lindicássia Nascimento	12/12/2014	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
27	Só a lembrança está vindo da casa não há mais nada	Francisco de Assis Sousa	17/09/2015	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
28	Zé Buraco e o forró do capeta	Camilo Barbosa Leandro	17/09/2015	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
29	O jornal de João Hilário na Rádio Padre Cícero - 104,9	Rosário Lustosa	17/09/2015	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
30	A feira livre em Barbalha	Josélio Fidelis de Araújo	17/09/2015	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
31	O teatro de Juazeiro do Norte	Hugo Rodrigues	17/09/2015	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
32	Cordelizando no contexto universal	Antonio Pirajá	08/01/2016	Teatro do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), Parque da Cidade, Mestre Joaquim Mulato
33	Um sertanejo sofrido	Dona França	08/01/2016	Teatro do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU),

				Parque da Cidade, Mestre Joaquim Mulato
34	Conjunto das mesmas letras	José Joel	08/01/2016	Teatro do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), Parque da Cidade, Mestre Joaquim Mulato
35	A peleja de João Galo com Crizeu Rangel	Francisco de Assis (Tico Bento)	08/01/2016	Teatro do Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), Parque da Cidade, Mestre Joaquim Mulato
36	A crise na saúde no Brasil	José Gonçalves Sobrinho	13/05/2016	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
37	STR de Barbalha: 54 anos de história	Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)	13/05/2016	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
38	Operação em cordel	Francisco Timóteo	13/05/2016	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
39	Tributo ao Monsenhor	Cordel coletivo	13/05/2016	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
40	Minha vida em cordel	Jacinta Maria Correia	16/09/2016	Sociedade de Educação e Saúde à Família (SESFA)
41	O destino existe, ou não?	Dão de Jaime	16/09/2016	Sociedade de Educação e Saúde à Família (SESFA)
42	Eu, por mim	José Sebastião Rodrigues	16/09/2016	Sociedade de Educação e Saúde à Família (SESFA)
43	Rede FASOL Cariri, uma Rede Diferente	Lindicássia Nascimento	28/04/2017	Escola de Saberes de Barbalha
44	Jeito típico de falar	Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)	28/04/2017	Escola de Saberes de Barbalha
45	Eu e a Natureza	Sérgio Pereira	17/02/2018	Balneário Pedro Cruz, Usina
46	O vendedor de pastel desbravador de sonhos	Francildo Silva	17/02/2018	Balneário Pedro Cruz, Usina
47	O prefeito de Taboão	Poeta Cassiano	02/03/2018	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)
48	Mestre Sousa: uma vida em construção	Francisco de Assis Sousa (Tiquim)	02/03/2018	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barbalha - CE (STRB)

Fonte: elaborado pelo o autor (2019).

## APÊNDICE E - Catálogo SPB



## Ficha Técnica

Autor

**Germano Araújo Sampaio**

Xilogravura da capa

**Francisco de Assis Sousa**

Capa

**Bárbara Larissa Alexandre Filgueira**

**Hemerson Soares da Silva**

Editoração

**Bárbara Larissa Alexandre Filgueira**

**Hemerson Soares da Silva**

## FICHA CATALOGRÁFICA

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CORDEL COLETIVO: SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA</b> .....	<b>11</b>
<b>CORDEIS PUBLICADOS PELA SPB (2010-2018)</b> .....	<b>17</b>
Cordel nº 01: A história de um poeta nascido agricultor .....	18
Cordel nº 02: Defensor da Natureza .....	18
Cordel nº 03: O Candieiro voador .....	18
Cordel nº 04: Ana e Sebasto .....	19
Cordel nº 05: A nossa Sociedade encantou mais o cordel (Cordel coletivo) .....	19
Cordel nº 06: René de prosa e nós de versos .....	19
Cordel nº 07: Disciplina – alunos e professores .....	20
Cordel nº 08: O apelo de uma criança .....	20
Cordel nº 09: Coisa de Cantador .....	20
Cordel nº 10: Romeu e Julieta na Literatura de Cordel .....	21
Cordel nº 11: Sua Majestade Luiz Gonzaga O rei do Baião .....	21
Cordel nº 12: Repertório Gonzagueano .....	21
Cordel nº 13: A Santana antigamente não era como é agora .....	22
Cordel nº 14: Nossa Terra, Nossa Gente .....	22
Cordel nº 15: Garota Prodígio .....	22
Cordel nº 16: Barbalha Respira Cordel .....	23
Cordel nº 17: Lugar que fui Nascido .....	23
Cordel nº 18: Saudades do Sertão .....	23
Cordel nº 19: Educação é a solução .....	24
Cordel nº 20: Padre Paulo de Sá Gurgel .....	24
Cordel nº 21: Tipos de Mãe .....	24
Cordel nº 22: Sonho de Poeta .....	25
Cordel nº 23: Não destrua a Natureza .....	25
Cordel nº 24: Barbalha em Visão Poética .....	25
Cordel nº 25: O Planeta Devastado Pede Zelo e Proteção .....	26



Cordel nº 26: Plano Brasil Sem Miséria, Ser Pobre não é Defeito .....	26
Cordel nº 27: Só a lembrança está vindo da casa não há mais nada .....	26
Cordel nº 28: Zé Buraco e o Forró do Capeta .....	27
Cordel nº 29: O Jornal de João Hilário na Rádio Padre Cícero – 104,9 .....	27
Cordel nº 30: A feira livre em Barbalha .....	27
Cordel nº 31: O Teatro de Juazeiro do Norte .....	28
Cordel nº 32: Cordelizando no contexto universal .....	28
Cordel nº 33: Um sertanejo sofrido .....	28
Cordel nº 34: Conjunto das mesmas letras .....	29
Cordel nº 35: A pejeja de João Galo com Crizeu Rangel .....	29
Cordel nº 36: A crise na saúde no Brasil .....	29
Cordel nº 37: STR de Barbalha – 54 anos de história .....	30
Cordel nº 38: Operação em cordel .....	30
Cordel nº 39: Tributo ao Monsenhor (Cordel coletivo) .....	30
Cordel nº 40: Minha vida em cordel .....	31
Cordel nº 41: O destino existe, ou não? .....	31
Cordel nº 42: Eu, por mim .....	31
Cordel nº 43: Rede FASOL Cariri, uma Rede Diferente .....	32
Cordel nº 44: Jeito típico de falar .....	32
Cordel nº 45: Eu e a Natureza .....	32
Cordel nº 46: O vendedor de pastel desbravador de sonhos .....	33
Cordel nº 47: O prefeito de Tabocão .....	33
Cordel nº 48: Mestre Sousa Uma vida em Construção .....	33
<b>MEMBROS FUNDADORES DA SPB .....</b>	<b>34</b>
<b>BIOGRAFIAS: POETAS MEMBROS DA SPB .....</b>	<b>35</b>
Ernane Tavares Monteiro .....	36
Francisca de Lima e Sousa (Dona França) .....	37
João Edison da Silva (Dão de Jaime) .....	38
Francisco Santos de Souza (Capitão) .....	39
Antonio Pirajá .....	40

Maria Lindicássia do Nascimento Mendes .....	41
Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato) .....	42
Hugo de Melo Rodrigues .....	43
José Sebastião Rodrigues .....	44
José Gonçalves Sobrinho .....	45
Francisco de Assis Sousa (Tiquinho) .....	46
Eliana Maria de Souza Leite .....	47
Josélio Fidelis de Araújo .....	48
Jacinta Maria Correia .....	49
José Joel de Souza (Mestre Zé Joel) .....	50
Francisco Sérgio Pereira da Silva .....	51
Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula) .....	52
Maria do Rosário Lustosa da Cruz .....	53
Francisco de Assis Silva (Tico Bento) .....	54
Antonio Cassiano da Silva (Poeta Cassiano) .....	55
Francildo Cesário da Silva .....	56
Nivia Maria de Moraes Landim .....	57
<b>SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA: COMPOSIÇÃO .....</b>	<b>58</b>
<b>PATRONOS DA SPB .....</b>	<b>59</b>



## Apresentação

### Apresentação

O presente trabalho desenvolveu-se a partir da pesquisa realizada pelo autor entre 2017 e 2019 intitulada "Rimar para recordar: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do individual ao social)", dentro do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA), como proposta de valorização e divulgação das atividades culturais desenvolvidas pela Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB).

Fundada em 17 de setembro de 2010, a SPB tem como representantes 24 poetas associados que promovem e otimizam a cultura popular como a literatura de folhetos, bem como outros trabalhos literários. Tem o reconhecimento de Utilidade Pública pela Prefeitura de Barbalha-CE e como patrono Napoleão Tavares Neves, um dos grandes poetas do município. A entidade em estudo já lançou 48 títulos (grande parte com tiragem mil exemplares), 16 títulos lançados pelo Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel, Edição Patativa do Assaré do Ministério da Cultura, em julho de 2010, sete títulos pela coleção do Centenário de Juazeiro, além de outras publicações. Em 2012, recebeu apoio e rico acervo da Academia Brasileira de Cordel (ABLC). A sociedade conta ainda com a Cordelteca Dalinha Catunda, inaugurada no dia 02 de dezembro de 2015 e aberta ao público.

No primeiro momento, transcrevemos o cordel coletivo "Sociedade dos Poetas de Barbalha" elaborado a partir de uma proposta dos membros em rede social, em janeiro de 2019. Em seguida, apresentamos as capas dos 48 cordéis publicados pela SPB entre 2010 e 2018. Também segue uma breve biografia dos poetas membros da SPB, sendo duas homenagens póstumas a dois grandes vates, José Sebastião e Liberato Vieira (mestre Bula). Por último, destacamos um infográfico com a composição da SPB em 2019.

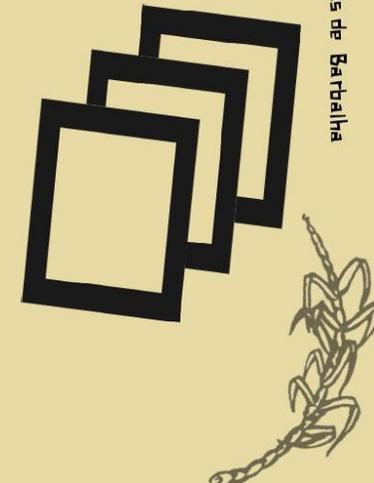
Dessa forma, este catálogo busca representificar um pouco da memória dessa entidade que em apenas 8 anos de existência já realizou ações, parcerias e eventos culturais de forma bastante significativa, contribuindo para a representação das memórias dos seus membros e, por extenso, também da cultura barbalhense.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha

## Cordel Coletivo: Sociedade dos Poetas de Barbalha

# Cordel Coletivo: Sociedade dos Poetas de Barbalha

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



14

## Cordel Coletivo: Sociedade dos Poetas de Barbalha

Tem esta agremiação.

**Francisco de Assis (Tiquinho)**

É uma fonte de cultura  
Jorra poesia e espalha  
No vale do Cariri  
De verde cana é a palha  
Que embeleza a cidade  
Viva a Sociedade  
Dos poetas de Barbalha

Vitrine de tradição  
A terra de Santo Antônio  
Que enaltece nossa história  
Defendendo o matrimônio  
Cidade das mais seletas  
A Sociedade dos poetas  
De Barbalha é patrimônio.

**Francildo Silva**

Nossa cultura tem nome  
Como também endereço  
Eu falo de coração  
Com respeito e muito apreço  
De nossa SPB  
Tem riqueza pra valer  
Ao referir-me estremeço

Fica em nossa Barbalha  
Berço de arte e Cultura  
Onde nasce a poesia  
Que orgulha a literatura  
Divulgo com muita estima  
Em verso, em prosa e rima  
Para a geração futura.

**Dalinha Catunda\*\***

Achei na Sociedade  
Dos Poetas de Barbalha  
Um espaço genuíno

\*\* Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), membro benemerita da SPB e madrinha da cordelteca da mesma entidade "Cordelteca Dalinha Catunda".

Onde o poeta trabalha  
Com a voz do coração  
Usando a inspiração  
Em cada verso que entalha.

Conquistei o meu espaço  
E nele não desconverso  
Faço parte da ciranda  
Que brinca de fazer verso  
O meu nome é Dalinha  
Batizada de madrinha  
Ampliei meu universo.

**Rosario Lustosa**

A cidade de Barbalha  
Tem cultura e tradição  
Dia do pau da bandeira  
Com folclore de montão  
Tem também o penitente  
Enfrentando seu batente  
Com o rosário na mão.

Tem nossa sociedade  
De poeta popular  
Leva o nome da Barbalha  
Pra todo e qualquer lugar  
É motivo de alegria  
Uma casa de poesia  
Com cordel pra recitar.

**Antônio Pirajá**

Climas de motivação  
Reinam nesta entidade  
Personagens de expressão  
Cheios de felicidade  
Assim como um colibrí  
Continuamos a seguir  
Com esta sociedade

Neste palco de glória  
O Show da dissertação

15

## Cordel Coletivo: Sociedade dos Poetas de Barbalha

Mostra a nossa história  
Na mais rica dimensão  
Vale apenas ressaltar  
E no contexto relatar  
Cordéis com inspiração

**José Joel de Souza**

Entre os títulos publicados  
Tem: Paulo de Sá Gurgel,  
Santo Antonio de Barbalha,  
Operação em cordel,  
Tributo ao Monsenhor,  
Tem coisas de cantador  
E o vendedor de pastel.

E com o Crizeu Rangel  
A peleja de João,  
O fumante seu Mané,  
E um canto do sertão,  
Tem Romeu e Julieta  
O devastado planeta  
E a obra de Gonzagão.

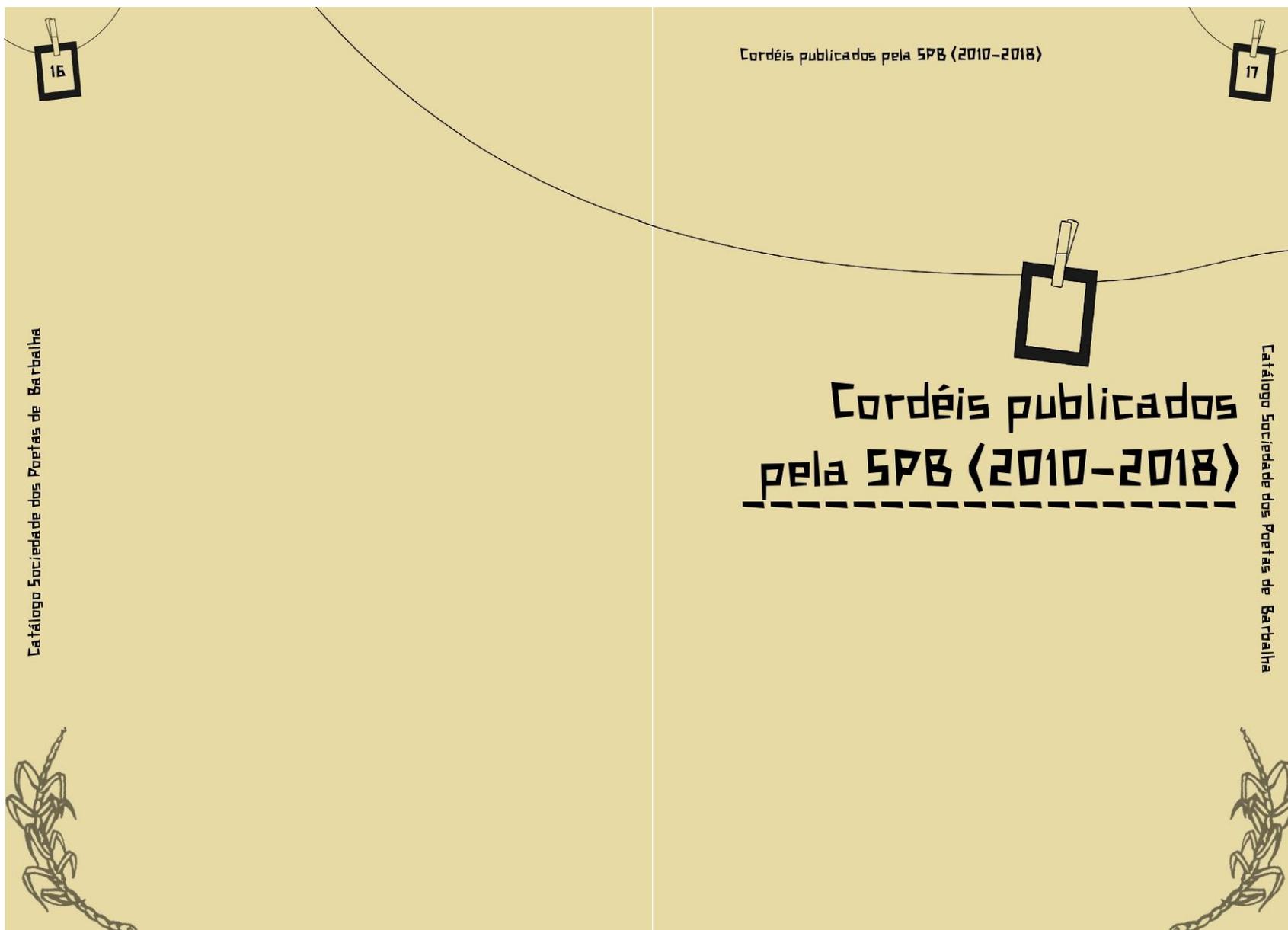
**Tico Bento**

Motivada e motivando  
A tendência é ir na frente.  
Com todos colaborando  
O elenco está presente  
Expressa nossa cultura  
Trabalhando com bravura  
SPB é decente.

A nossa sociedade  
Tem brilho na poesia  
Mostrando a capacidade  
Em tudo que ela cria  
Estilo em variedade  
Uma abrangente entidade  
Eficaz sem fantasia.

**Eliana Leite**

Um universo bonito  
Mesmo com melancolia  
Onde os rios se deságuam

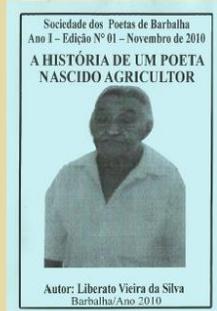


18

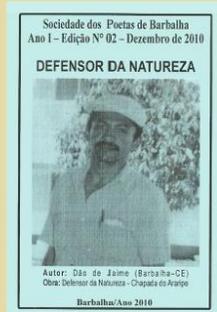
## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 01: A história de um poeta nascido agricultor**

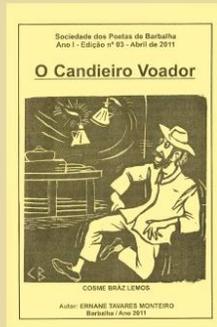
Autor: Liberato Vieira (Mestre Bula)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 15,8 cm x 11,8 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 02: Defensor da Natureza**

Autor: Dão de Jaime  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 15,8 cm x 11,8 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 03: O Candieiro voador**

Autor: Ernane Tavares  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosme Bráz Lemos

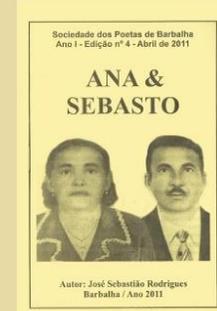


## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

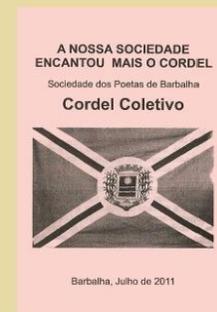
19

**Cordel nº 04: Ana e Sebasto**

Autor: José Sebastião Rodrigues  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 05: A nossa Sociedade encantou mais o cordel (Cordel coletivo)**

Autor: poetas da SPB  
 Paginação: 16 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 06: René de prosa e nós de versos**

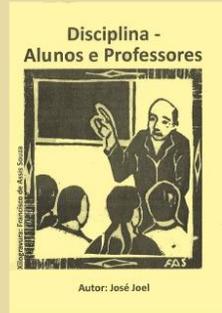
Autor: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)



20

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

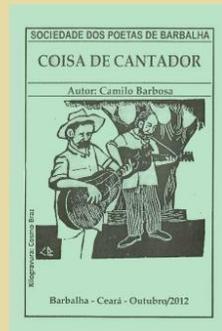
**Cordel n° 07: Disciplina – alunos e professores**  
 Autor: José Joel  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 11,8 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Souza (Tiquinho)



**Cordel n° 08: O apelo de uma criança**  
 Autora: Lindicássia Nascimento  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 11,8 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Souza (Tiquinho)



**Cordel n° 09: Coisa de Cantador**  
 Autor: Camilo Barbosa  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz



## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

21

**Cordel n° 10: Romeu e Julieta na Literatura de Cordel**

Autor: Prof. Hugo Rodrigues  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,6 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel n° 11: Sua Majestade Luiz Gonzaga O rei do Baião**

Autora: Rosário Lustosa  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel n° 12: Repertório Gonzagueano**

Autora: Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,7 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

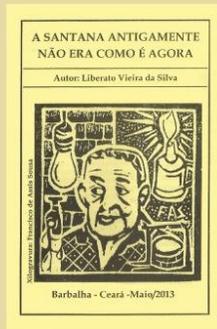


22

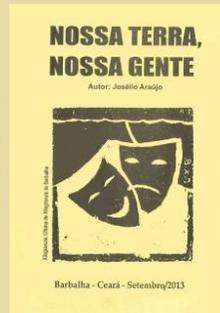
## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 13: A Santana antigamente não era como é agora**

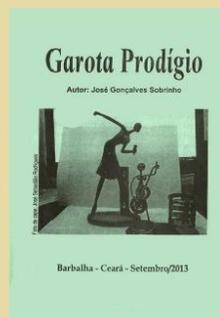
Autor: Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)  
 Paginação: 12 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)

**Cordel nº 14: Nossa Terra, Nossa Gente**

Autor: Josélio Araújo  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 11,9 cm  
 Autor da Xilogravura: Oficina de Xilogravura de Barbalha

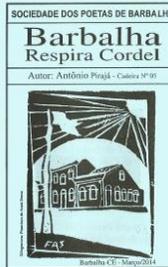
**Cordel nº 15: Garota Prodígio**

Autor: José Gonçalves Sobrinho  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Foto da capa por: José Sebastião Rodrigues

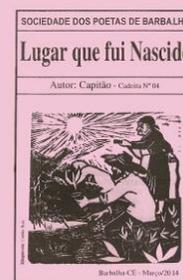


## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

23

**Cordel nº 16: Barbalha Respira Cordel**

Autor: Antônio Pirajá  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)

**Cordel nº 17: Lugar que fui Nascido**

Autor: Capitão  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

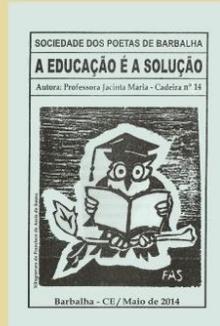
**Cordel nº 18: Saudades do Sertão**

Autora: Dona França  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)

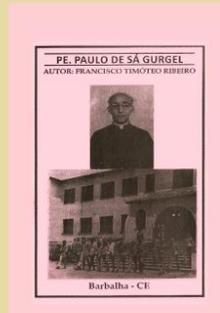
24

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 19: Educação é a solução**  
 Autora: Professora Jacinta Maria  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis  
 Sousa (Tiquinho)



**Cordel nº 20: Padre Paulo de Sá Gurgel**  
 Autor: Francisco Timóteo Ribeiro  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel



**Cordel nº 21: Tipos de Mãe**  
 Autora: Angela Maria Pereira da Silva  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Venceslau Braz



## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

25

**Cordel nº 22: Sonho de Poeta**  
 Autor: Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz



**Cordel nº 23: Não destrua a Natureza**  
 Autor: Dão de Jaime  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Edilson Botelho



**Cordel nº 24: Barbalha em Visão Poética**  
 Autor: Ernane Tavares Monteiro  
 Paginação: 9 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 11,5 cm  
 Autor da Xilogravura: Francorli



26

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 25: O Planeta Devastado Pede Zelo e Proteção**

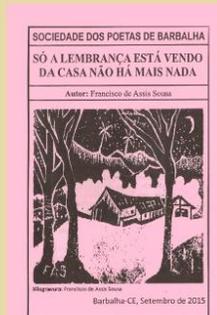
Autor: José Sebastião Rodrigues  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 26: Plano Brasil Sem Miséria, Ser Pobre não é Defeito**

Autora: Lindicássia Nascimento  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 27: Só a lembrança está vindo da casa não há mais nada**

Autor: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)



## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

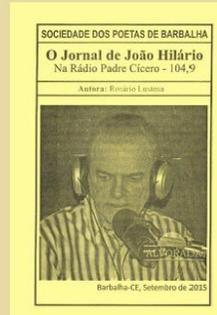
27

**Zé Buraco e o Forró do Capeta****Cordel nº 28: Zé Buraco e o Forró do Capeta**

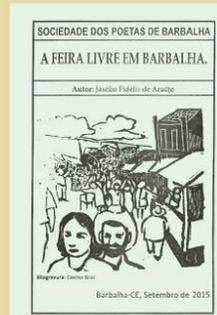
Autor: Camilo Barbosa Leandro  
 Paginação: 12 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 29: O Jornal de João Hilário no Rádio Padre Cícero - 104,9**

Autora: Rosário Lustosa  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 30: A feira livre em Barbalha**

Autor: Josélio Fidelis de Araújo  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

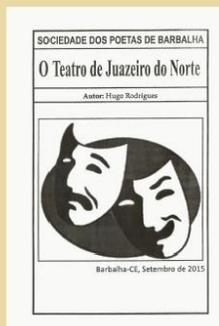


28

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 31: O Teatro de Juazeiro do Norte**

Autor: Hugo Rodrigues  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel

**Cordel nº 32: Cordelizando no contexto universal**

Autor: Antonio Pirajá  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 33: Um sertanejo sofrido**

Autor: Dona França  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz



## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

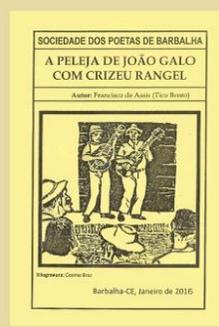
29

**Cordel nº 34: Conjunto das mesmas letras**

Autor: José Joel  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Capa do autor: José Joel

**Cordel nº 35: A peleja de João Galo com Crizeu Rangel**

Autor: Francisco de Assis (Tico Bento)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 36: A crise na saúde no Brasil**

Autor: José Gonçalves Sobrinho  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

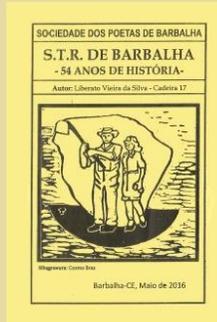


30

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel nº 37: STR de Barbalha – 54 anos de história**

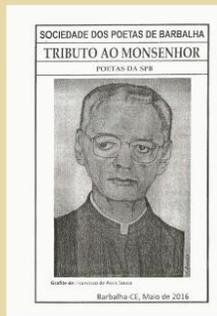
Autor: Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 38: Operação em cordel**

Autor: Francisco Timóteo  
 Paginação: 12 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)

**Cordel nº 39: Tributo ao Monsenhor (Cordel coletivo)**

Autor: poetas da SPB  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Grafite da capa: Francisco de Assis Sousa

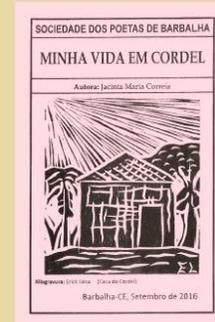


## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

31

**Cordel nº 40: Minha vida em cordel**

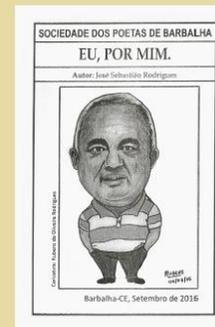
Autora: Jacinta Maria Correia  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Erick Lima (Casa do Cordel)

**Cordel nº 41: O destino existe, ou não?**

Autor: Dão de Jaime  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz

**Cordel nº 42: Eu, por mim**

Autor: José Sebastião Rodrigues  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 12 cm  
 Autor da Caricatura: Rubens de Oliveira Rodrigues

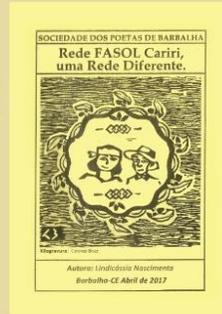


32

## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

**Cordel n° 43: Rede FASOL Cariri, uma Rede Diferente**

Autora: Lindicássia Nascimento  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,8 cm x 12 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz



**Cordel n° 44: Jeito típico de falar**  
 Autora: Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,9 cm x 11,9 cm  
 Autor da Xilogravura: Cosmo Braz



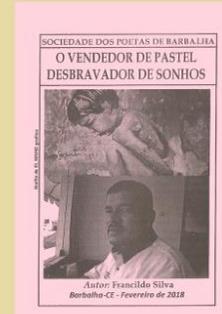
**Cordel n° 45: Eu e a Natureza**  
 Autor: Sérgio Pereira  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,1 cm x 11,8 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel



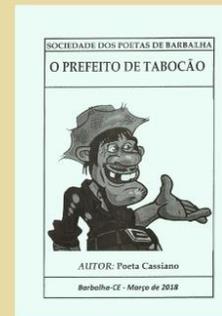
## Cordéis publicados pela SPB (2010-2018)

33

**Cordel n° 46: O vendedor de pastel desbravador de sonhos**  
 Autor: Francildo Silva  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,1 cm x 11,2 cm  
 Autor do grafite: El Ninho Grafites  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel



**Cordel n° 47: O prefeito de Tabocão**  
 Autor: Poeta Cassiano  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 11,8 cm  
 Foto do Acervo pessoal do autor do cordel



**Cordel n° 48: Mestre Sousa Uma vida em Construção**  
 Autor: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)  
 Paginação: 8 páginas  
 Tamanho: 16,2 cm x 11,9 cm  
 Autor do grafite: Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)



### Membros Fundadores da SPB

#### Membros Fundadores da SPB

1. Camilo Barbosa Leandro
2. Ernane Tavares Monteiro
3. Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)
4. Hugo de Melo Rodrigues
5. João Edson da Silva (Dão de Jaime)
6. Josélio Fidélis de Araújo
7. José Gonçalves Sobrinho
8. José Joel de Souza
9. José Sebastião Rodrigues
10. Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)
11. Maria Lindicássia do Nascimento Mendes



### Biografias: Poetas Membros da SPB



## Biografias: Poetas Membros da SPB



Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



36

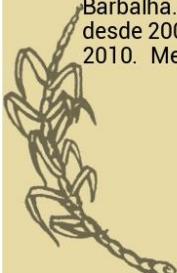
## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Ernane Tavares Monteiro**

Natural do sítio Farias, Distrito de Arajara, Barbalha-CE, o poeta e pesquisador é amante da poesia de qualidade. Nasceu em 30 de abril de 1968, filho de Geraldo Tavares de Lucena e Maria Rosa de Lucena (Dona Pureza), é o quinto filho do casal. Concluiu o segundo grau no Colégio Municipal do Crato em 1987. Foi membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos de Juazeiro do Norte-CE. Escreve poesias há bastante tempo, o primeiro trabalho publicado foi "O Testamento de Judas". Através do Projeto do Serviço Social do Comércio (SESC) Cordel Novos Talentos, lançou o poema "A Defesa do Jumento". Já publicou mais de oitenta cordéis. Participou da Antologia Poética do Patativa do Assaré, em 2002, livro organizado por Gilmar de Carvalho; do livreto "Poemas para Maria de Araujo" e outro contando a história da festa da padroeira do sítio Espinhaço, Barbalha-CE. Em 2009 criou o programa de rádio "Raízes da Minha Terra", e o apresentou por três anos e meio na extinta Rádio Cetama em Barbalha. Membro da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC) desde 2009 e do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), desde 2010. Membro fundador da SPB, ocupante da cadeira nº 01.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



## Biografias: Poetas Membros da SPB

37

**Francisca de Lima e Sousa (Dona França)**

Natural de Barbalha, Dona França mora em um cantinho especial, sítio Pelo Sinal, Distrito do Caldas, na Terra dos Verdes Canaviais. Nasceu em 26 de novembro de 1938. Casada com Francisco Vitorino de Sousa com quem teve 7 filhos, 13 netos e 3 bisnetos. A poesia e a música acompanham-na desde a infância. Segundo a poetisa o gosto pela música herdou da família materna. Na comunidade onde vive, sempre se destacou nas atividades religiosas e culturais. Professora, catequista, artesã, costureira, facilitadora de oficinas de arte, organizadora de quadrilhas juninas, agricultora e dona de casa são algumas das várias facetas da escritora. Sua poética intimista é marcada pelo saudosismo e a memória da vida na comunidade tendo a flora, a fauna, o engenho da região, a vida no campo como temas constantes em sua obra. Seu primeiro trabalho publicado, o cordel "Uma tarde Angustiada", foi publicado pelo Projeto SESC Cordel de Juazeiro do Norte. Membro da SPB, cadeira nº 02.

Fonte: biografia fornecida pela autora.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



38

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**João Edison da Silva (Dão de Jaime)**

Nascido em 17 de agosto de 1960, no distrito de Arajara, em Barbalha-CE. Filho de Jaime Bernardo da Silva e Raimunda Zeferina da Silva. Faz poesias desde criança. Foi destaque com o lançamento de trabalhos no Projeto SESC Cordel Novos Talentos e no concurso de Cordelistas realizado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Possui vários cordéis publicados e poesias avulsas divulgadas em emissoras da região. Além de poeta, é funcionário do Complexo Turístico do Arajara Park, em Barbalha. Membro SPB, sendo que o segundo cordel publicado pela instituição "Defensor da Natureza" foi de sua autoria.

Fonte: Cordel "Defensor da Natureza" publicado em dezembro de 2010 pela SPB.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



39

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Francisco Santos de Souza (Capitão)**

Filho de José Henrique de Souza e Isaura Santos de Souza, Francisco Santos de Souza, popularmente conhecido como Capitão, nasceu em 10 de outubro de 1963, em Barbalha-CE, onde reside. É pai de numerosa família e exerce a profissão de construtor (pedreiro). Repentista reconhecido, nas horas vagas, também atua como construtor de versos. Participou de várias festivais de repente, tendo gravado CD's e DVD's em parceria com vários repentistas da região. Também participou durante quatro anos do Programa Cultura da Nossa Terra na Rádio Cetama em Barbalha. Ocupa a cadeira nº 04 da SPB. Com o apoio da SPB publicou seu primeiro cordel, "O Poeta e o Meio Ambiente".

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



40

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Antonio Pirajá**

Barbalhense, nascido no Sítio Lagoa, em 09 de setembro de 1965, escreve desde a adolescência. Quando morou em São Luiz - MA, seus trabalhos, poesias e crônicas, pousaram com frequência nas páginas dos principais jornais maranhenses. Foi membro da Associação Maranhense de Escritores (AME) e membro fundador do grupo Movimento da Arte Revolucionária (MAR). Membro da SPB, ocupa a cadeira nº 05, tendo como patrona Aninha Grande (parteira). Graduado em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí (FAEPI). Pós-graduado em Gestão Escolar pela Faculdade Kurios (FAK).

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



## Biografias: Poetas Membros da SPB

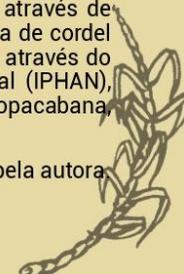
41

**Maria Lindicássia do Nascimento Mendes**

Poeta/cordelista, agricultora, técnica em fruticultura, educadora popular, é membro fundadora e presidente da SPB, sendo a primeira mulher eleita nesta agremiação (biênio 2017/2019). É poeta imortalizada da Academia de Letras do Brasil, do Ceará e recebeu em 2018 plenos poderes desta agremiação para desenvolver uma seccional da Academia Brasileira de Letras (ABL) no município de Barbalha-CE. É sócia Benemérita da ACC, empossada no dia 16 outubro de 2018. Ministra oficinas de literatura de cordel e foi contemplada com o Projeto Mais Cultura na Literatura de Cordel como Iniciativa Parceira da Escola de Ensino Fundamental Bom Jesus do Caldas, Barbalha-CE. Possui 22 obras publicadas, além da participação em vários cordéis coletivos. É incentivadora das pelepas virtuais que deram origem a inúmeros cordéis por vários poetas de todo o Brasil. Recebeu o título Gozagueana em Agosto de 2018, sendo agraciada com o Troféu Centenário Luiz Gonzaga, pelo programa Gonzagão da Cidade da rádio Cidade em Fortaleza-CE. Contribuiu através de entrevista, do documentário, que reconhece a literatura de cordel como Patrimônio histórico cultural Imaterial do Brasil através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), publicado em 19 de setembro de 2018 no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Fonte: biografia fornecida pela autora.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



42

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)**

Nascida em 16 de outubro de 1979, é barbalhense, reside no Sítio Santana II. Filha de Maria Lourdes Pereira da Silva e do poeta Liberato Vieira da Silva (*in memoriam*). Graduada em Letras e pós-graduada em Psicopedagogia Escolar. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Barbalha-CE. Como educadora, colaborou na produção de dois cordéis produzidos coletivamente pelos alunos do ensino fundamental II da Escola Manoel Saraiva da Cruz, Sítio Santana: "Desequilíbrio ambiental" (2012) e "ABC do Estudante" (2015). Pela Coleção Centenário de Juazeiro do Norte publicou o cordel "Promessas ao Padim Ciço" em julho de 2012. Membro da SPB desde janeiro de 2011, ocupante da cadeira nº 07. Em homenagem póstuma ao pai, passa a utilizar o nome poético Angela Liberato em julho de 2017. Em 26 de agosto de 2017, a poetisa recebeu o Prêmio Troféu Centenário Gonzagueano em Fortaleza-CE, representando a SPB. Pela SPB publicou os cordéis: "O mundo vai se acabar" (2012), "Tipos de mãe" (2014) e "Jeito típico de Falar" (2017).

Fonte: biografia fornecida pela autora.

## Biografias: Poetas Membros da SPB

43

**Hugo de Melo Rodrigues**

Nascido em 10 de maio de 1973, em Juazeiro do Norte, filho de Manuel Miguel Rodrigues e Maria de Melo Rodrigues. Casado com a Profª Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues, tendo como filhos: Arthur Vitor e Maria Julia. Professor de Arte e História. Exerceu o Cargo de Técnico em Cultura em Barbalha-CE, Doutorando e Mestre em Educação, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo premiado no III Concurso de Teses e Dissertações da UECE, com a dissertação sobre o Patrimônio Cultural de Barbalha, Especialista em Psicologia Aplicada à Educação - Universidade Regional do Cariri (URCA), Licenciado em Teatro (URCA), com trabalho sobre A história do Teatro de Juazeiro do Norte e em História - Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST-PE). Participou dos seguintes Conselhos em Juazeiro do Norte: da Cultura; da Assistência Social; da Criança e Adolescente e do Idoso. Membro e ex-presidente do ICVC; Instituto Cultural do Cariri (ICC); Sócio-fundador e idealizador da SPB e ex-conselheiro do Conselho Estadual da Cultura-CE; Membro do Grupo de Pesquisa: Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH-UECE). Participa da tradicional Paixão de Cristo da Comunidade Católica JESC em Juazeiro do Norte. Recebeu homenagens de algumas entidades pelos serviços prestados no âmbito Cultural e Educacional e neste campo tem artigos e cordéis publicados.

Fonte: biografia fornecida pelo autor

**Biografias: Poetas Membros da SPB**

44



**José Sebastião Rodrigues**

Nasceu em 7 de outubro de 1960 no sítio Saguim, distrito do Arajara, Barbalha-CE. Foi líder comunitário e membro fundador da SPB da qual foi presidente. Possui vários poemas escritos, publicados e divulgados em revistas, rádios e TV's regionais. Publicou o livro *Coração Dividido*. Faleceu em 22 de setembro de 2016.

Fonte: Cordel "Eu, por mim" de autoria do poeta, publicado pela SPB em setembro de 2016.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



**Biografias: Poetas Membros da SPB**

45



**José Gonçalves Sobrinho**

Nascido em Barbalha-CE no dia 1 de março de 1962, o poeta José Gonçalves Sobrinho é rebento do casal Cícero Antonio Gonçalves e Maria Luciano Gonçalves. Começou seus estudos em escola de Zona Rural, estudou em escolas públicas de sua cidade natal e concluiu o ensino médio no município do Crato-CE. Seu primeiro trabalho publicado foi "Criança de Rua", através do Projeto SESC Cordel, em 2005. É membro e sócio-fundador da SPB. Onde ocupa a cadeira nº 10.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



46

## Biografias: Poetas Membros da SPB

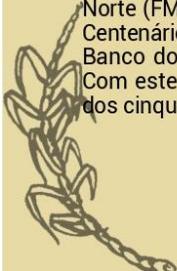
**Francisco de Assis Sousa (Tiquinho)**

Natural de Barbalha-CE. Funcionário do Hospital Maternidade São Vicente de Paulo há trinta e dois anos. Técnico em Agropecuária pela Escola Agrotécnica Federal do Crato-CE, Licenciado em Geografia pela URCA, membro fundador do Centro Pró-memória de Barbalha Josafá Magalhães e da SPB, identificado com a cultura popular principalmente a carnavalesca. Compositor de samba enredo e marchinhas de carnaval. E, desde 2008 enveredou na literatura de cordel.

Em 2008 por ocasião do I Seminário Barbalha no Contexto do Cangaço, escreveu seu primeiro cordel "Alto do Leitão 80 anos do fuzilamento - a saga do Marcelinos". Também publicou: "Dia do Pau da bandeira, Importância da CIPA"; "Segurança consciência e vida"; "Irmã Edeltraut - Uma vida de oração e trabalho"; "Cangaço na Região"; "René de prosa e nós de versos" e "Economia solidária". Por ocasião das comemorações do Centenário de Juazeiro do Norte, da Meca do Cariri, foram lançados: "Nos seus 100 anos somos 10", fazendo alusão à Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte (FMJ) a pedido e lançado na referida Instituição, e "Juazeiro Centenário - Pautado no trabalho e modelado na fé" lançado pelo Banco do Nordeste e Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. Com este trabalho classificado no certame, hoje figura na galeria dos cinquenta poetas contemporâneos do Cariri.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



47

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Eliana Maria de Souza Leite**

Sempre foi figura de destaque na sua comunidade, Sítio Barro Vermelho, localidade da zona rural de Barbalha-CE, tornando-se influente líder comunitária. Atuou em vários movimentos ligados a cultura. Militou no rádio e sempre gostou de escrever.

Suas raízes com a cultura popular vêm do berço: filha de agricultores, sempre gostou do cordel.

É filha de Oliveira Aleixo de Souza e Maria Olívia de Souza. Membro da SPB. Concursada e trabalhando como agente no Departamento Municipal de Trânsito (DEMUTRAN) de Juazeiro do Norte-CE. Professora, trabalha na educação há 35 anos, durante doze anos foi gestora escolar, possui vasta experiência em administração escolar.

Fonte: biografia fornecida pela autora.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



48

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Josélio Fidelis de Araújo**

Josélio Fidelis de Araújo nasceu em 19 de março de 1960, na cidade de Cedro-PE. Filho do poeta e músico Antônio Fidelis de Araújo (Sudário) e Maria Herminia Silva. Radicado com direito a título de cidadania pela Câmara Municipal em Barbalha. Especializou-se em radiojornalismo, sendo hoje um decano da profissão no Cariri. Locutor, apresentador e poeta sócio-fundador da SPB, em 2010, na qual cumpriu dois mandatos de presidente. Membro da Confraria dos Escritores de Barbalha. Prefaciador de vários livros e apresentações de cordéis e autor de vários trabalhos literários e co-autor de três livros. Pela SPB publicou três cordéis. Também coautor de um livro ainda no prelo e que deve ser lançado ainda em 2019, ao lado de autores como Wilson Vieira, Francisco Timóteo Ribeiro e Xico Sá.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



49

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Jacinta Maria Correia**

Nasceu em Barbalha-CE no dia 10 de abril de 1958. É professora, graduada em Letras pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e em pedagogia pelo Instituto de Formação Educacional Teológica (IFETE), e pós-graduada pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN). Gosta muito do que faz (ensinar), pois acredita que a educação é a mola mestra para o desenvolvimento social. Desde criança é admiradora das artes, em especial a popular. Como profissional atuou durante muito tempo na organização não governamental Sociedade de Educação e Saúde à Família (SESFA) Barbalha-CE. É funcionária pública no município de Barbalha-CE. Membro da Sociedade dos Poetas de Barbalha/CE, empossada em 17 de setembro de 2015, ocupa a cadeira n°14.

Fonte: biografia fornecida pela autora.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



50

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**José Joel de Souza (Mestre Zé Joel)**

Poeta, escritor, repentista, é filho de Joaquina Maria de Souza (Dona Neném) e Antônio José de Souza. Nascido no Sítio Luanda, Distrito do Arajara, Barbalha-CE, é um importante representante da cantoria, não somente para a cidade de Barbalha, onde reside, mas para toda a região do Cariri cearense. Criador do espaço A Cabana do Cordel, ao lado de sua residência, onde abriga centenas de cordéis, além de inúmeros artefatos que representam, e rememoram, a cultura do povo caririense. Membro da ACC e da SPB. Zé Joel possui centenas de cordéis lançados, vários CD's, alguns gravados com outros poetas e DVD's com participação em programas e festivais de viola.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



51

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Francisco Sérgio Pereira da Silva**

Agricultor familiar, residente no Sítio Santana II, Barbalha-CE, nasceu em 8 de março de 1974, filho de Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula) e Maria Lourdes Pereira da Silva. Foi presidente da Associação dos Pequenos Produtores do Sítio Santana por 8 anos. Representou o comitê gestor do Programa Fome Zero no município de Barbalha e representante do Conselho Comunitário da Defesa Social (CCDS). Fez parte da fundação e da direção da organização não governamental União das Comunidades Brejinho e Santana (UNICBS). É educador popular da Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC). Participa do grupo de teatro de instrumentos do Senhor do sítio Santana. É secretário de políticas agrícolas e agrárias do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Barbalha-CE e participa do GESTRAF-Barbalha-CE e Rede da Agricultura Familiar de Barbalha (Rede FASOL-Cariri). Membro da SPB, cadeira nº 17, antes ocupada pelo seu pai, o poeta Mestre Bula.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



52

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)**

Nasceu em 28 de maio de 1940. Agricultor e poeta, homem simples, de respeito, honestidade e fibra, participou da Banda Cabaçal "Arroz com Galinha" e do grupo de Penitentes do Sítio Santana, Barbalha-CE. Foi tesoureiro do STR de 1982 a 1985. Foi sócio fundador e gerente administrativo da Associação dos Pequenos Produtores do Sítio Santana. Fez parte do conselho fiscal da União das Associações de Barbalha (UNAB). Participante, como "Presidente de Honra", da ONG União das Comunidades Brejinho e Santana (UNICBS). Começou a fazer poemas com a intenção de homenagear pessoas e fatos marcantes. Foi membro fundador da SPB, sendo dele o primeiro cordel lançado pela entidade, "A História de um poeta nascido agricultor". Ainda em vida, seu nome foi dado à biblioteca da Escola de Tempo Integral Almiro da Cruz, localizada no sítio Santana e inaugurada em 24 de junho de 2012. Faleceu em 29 de dezembro de 2016.

Fonte: biografia fornecida pela poetisa Angela Liberato, filha do poeta.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



## Biografias: Poetas Membros da SPB

53

**Maria do Rosário Lustosa da Cruz**

Natural de Juazeiro do Norte, onde reside. Membro do ICVC, cadeira nº 03, da ACC, cadeira nº 08; do Instituto Cultural do Cariri (ICC), cadeira nº 39, seção de letras em Crato; da SPB, cadeira nº 18; da Academia de Xilógrafos e Cordelistas do Cariri, cadeira nº 10; da Academia de Letras do Brasil, cadeira nº 5. É Griô (contadora de histórias) pelo Ministério da Cultura em projeto pela URCA, pelo ponto de cultura Lira Nordestina. Pedagoga e assistente social, é pós-graduada em Língua Portuguesa e Arte e Educação. Tem seus trabalhos publicados em livros e revistas com os quais conquistou prêmios. Conta com mais de cem cordéis publicados e quatro livros. Ministra oficinas de Literatura de Cordel.

Fonte: cordel "70 anos" de autoria da poetisa; Juazeiro do Norte-CE – Novembro de 2018 (SESC Cordel).

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



54

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Francisco de Assis Silva (Tico Bento)**

Nasceu em 24 de novembro de 1967, na Serra da Mãozinha, município de Missão Velha-CE. Filho de José Bento da Silva e Maria do Carmo da Conceição. Ao deixar sua terra, onde aprendeu as primeiras letras, chegou à cidade de Barbalha-CE, onde constituiu família e deu continuidade ao seu plano de estudo. Em seu trabalho poético, é muito caprichoso em rima, métrica e oração. Conta com várias participações em recitais na rádio e na TV. Membro da SPB, ocupa a cadeira nº 22.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



55

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Antonio Cassiano da Silva (Poeta Cassiano)**

Nasceu em 2 de setembro de 1966 na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Filho de João Cassiano da Silva e Ana Maria de Jesus Silva. Além de poeta/cordelista, é artesão. É artesão na literatura do dia-a-dia e poeta no artesanato da vida. Sua facilidade em fazer versos artesanais rendeu-lhe o codinome de arauto da poesia barbalhense. Na poesia, o artesão dos versos, como é conhecido no meio artístico, participa ativamente das principais ações culturais do Cariri. É assim, entre os romeiros de Juazeiro e saudosos canaviais de Barbalha-CE, que o poeta Cassiano vai, com ternura, gracejo e sem pressa, escrevendo com letras garrafais o seu nome na história da cultura que é fomentada no Nordeste do Brasil. É integrante do Grupo de Economia Solidária e Turismo Rural da Agricultura Familiar de Barbalha (GESTRAF-BARBALHA) e da Rede FASOL-Cariri. Membro da SPB desde abril de 2017, ocupante da cadeira nº 23.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



56

## Biografias: Poetas Membros da SPB

**Francildo Cesário da Silva**

Nascido em 05 de setembro de 1971 em Juazeiro do Norte, filho de José Agostinho da Silva e Maria Cesário da Silva, cursou Letras pela URCA e o curso de Radiofusão pelo Sindicato dos Publicitários e Radialistas do Estado do Ceará. Desde a extinta Cariri FM apresenta o programa "O Canto do Sertão", líder de audiência nas madrugadas de segunda a sábado pela FM Padre Cícero, sendo premiado em 2016. Amante do cordel e da poesia e incentivador da cultura e do resgate ao forró pé de serra. Casado com Andreia Maria da Silva, pai de três filhos e uma neta. Defensor da Cultura Nordestina, publicou, em cordel impresso, a autobiografia "Vida e Luta de Francildo Silva", "Jesus, Eucaristia e Vida", "Padre Cícero – Um Anjo de Deus na Terra" entre outros.

Fonte: biografia fornecida pelo autor.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



## Biografias: Poetas Membros da SPB

57

**Nivia Maria de Moraes Landim**

Natural de Pereiro-CE, filha de Raimundo Campos de Moraes e Vicência Rosemira de Moraes (*in memoriam*), reside em Barbalha, sentindo-se acolhida, e encantada pela pluralidade cultural da cidade e região. Cursou Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na cidade de Pau dos Ferros-RN, e pós-graduação em Psicopedagogia. Tendo lecionado em escolas públicas e particulares. Fascinada desde a infância pela literatura, via na leitura, uma forma de conhecer outras culturas, ampliando sua visão de mundo, despertando o amor pela poesia. Aos quinze anos, recebeu um diário de presente, afluindo o sonho de ser escritora, concretizando-o, ao publicar seu primeiro livro, "Sentimentos em versos", pela Editora Penalux, cujo lançamento foi realizado no dia 17 de novembro de 2017, em um evento memorável, organizado pela presidente da SPB, poetisa Lindicassia Nascimento e por todos os outros membros que a compõem. Entidade que com imensa honra e gratidão, tornou-se membro efetiva, empossada, no dia 20 de abril de 2018.

Fonte: biografia fornecida pela autora.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



58

## Sociedade dos Poetas de Barbalha Composição

Sociedade dos Poetas de Barbalha  
Composição

1 Ermene Tavares Monteiro	2 Francisca Lima de Sousa (Dona França)	3 João Edison da Silva (Dão de Jaime)	4 Francisco Santos de Souza (Capitão)	5 Antonio Oliveira da Silva (Pirajá)
6 Maria Lindicássia do Nascimento Mendes	7 Angela Maria Pereira da Silva (Angela Liberato)	8 Hugo de Melo Rodrigues	9 José Sebastião Rodrigues	10 José Gonçalves Sobrinho
11 Francisco de Assis Sousa (Tiquim)	12 Eliana Maria de Souza Leite	13 Josélio Fidélis de Araújo	14 Jacinta Maria Correia	15 José Joel de Souza
16 Francisco Timóteo Ribeiro	17 Liberato Vieira*** / Sérgio Pereira	18 Maria do Rosário Lustosa da Cruz	19 Camilo Barbosa Leandro	20 Antonio Hidalgardis Ferreira
21 Maria de Fátima Vieira	22 Francisco de Assis Silva (Tico Bento)	23 Antonio Cassiano da Silva	24 Francildo Cesário da Silva	25 Nívia Maria de Moraes Landim

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha

\*\*\* Com o falecimento do poeta Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula) em 29/12/2016, a SPB concedeu ao seu filho Francisco Sérgio Pereira da Silva, no dia 17/09/2017, o título de sócio beremérito, ocupando a cadeira do pai na condição de apologista. No dia 17/11/2017 foi empossado como membro efetivo, após indicação da presidente da SPB Lindicássia Nascimento e aprovação dos demais membros.

## Patronos da SPB

59

## Patronos da SPB

## Patrono Geral: Napoleão Tavares Neves\*\*\*\*

- Cadeira nº 01 – José Bernardino de Carvalho Leite  
 Cadeira nº 02 – Francisco de Assis Sousa  
 Cadeira nº 03 – Maria Alacoque Sampaio  
 Cadeira nº 04 – Expedito Alves Grangeiro (Silvio Grangeiro)  
 Cadeira nº 05 – Ana Clemente da Conceição (Mãe Aninha Grande)  
 Cadeira nº 06 – Minerva Diaz de Sá Barreto  
 Cadeira nº 07 – Padre Agostinho Mascarenhas  
 Cadeira nº 08 – Manuel Miguel Rodrigues  
 Cadeira nº 09 – Sebastião Antonio Rodrigues  
 Cadeira nº 10 – Maria Soledade da Silva  
 Cadeira nº 11 – Josafá Magalhães  
 Cadeira nº 12 – Maria Olivia de Sousa  
 Cadeira nº 13 – Antonio Fidelis de Araújo (Sudaro)  
 Cadeira nº 14 – Antonio Taumaturgo Deusidério  
 Cadeira nº 15 – Francisco Pereira da Silva (Biu Pereira)  
 Cadeira nº 16 – Padre Paulo de Sá Gurgel  
 Cadeira nº 17 – Antonio Marchet Callou  
 Cadeira nº 18 – Padre Murilo de Sá Barreto  
 Cadeira nº 19 – Mirian Carleal Carvalho Leite Alves  
 Cadeira nº 20 – Maria do Socorro Candido  
 Cadeira nº 21 – Antonio Vicente Vieira  
 Cadeira nº 22 – Liberato Vieira da Silva (Mestre Bula)  
 Cadeira nº 23 – José Sebastião Rodrigues  
 Cadeira nº 24 – Antonio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)  
 Cadeira nº 25 – Dr. Napoleão Tavares Neves

\*\*\*\* Médico, historiador, cronista e grande memorialista da Região do Cariri Cearense.

Catálogo Sociedade dos Poetas de Barbalha



**Sociedade dos Poetas de Barbalha** | Cabana do Cordel  
Rua Pirito Madeira,  
380 - Barbalha - CE

**ANEXO A - Cordel “Santo Antonio de Barbalha”**

Autores: Coletivo Sociedade dos Poetas de Barbalha

1

Barbalha de Santo Antonio  
 Da festa do padroeiro  
 Do santo casamenteiro  
 Protetor do matrimonio  
 Suas festas é patrimônio  
 Arrastando multidão  
 Tem quermesse e oração  
 Tem cultura e tem história  
 O povo ativa na memória  
 Jamais perde a tradição

2

Erguem o pau da bandeira  
 No ponto alto da festa  
 E o povo se manifesta  
 Entre a fé a brincadeira  
 Que atrai a cidade inteira  
 Nos desfiles dos brincantes  
 As folias são constantes  
 Tem cortejo tem magia  
 Tudo explode com alegria  
 Nos folguedos incessantes  
**DALINHA CATUNDA** (convidada)

3

Barbalha de Santo Antonio  
 Do grande pau da bandeira  
 Um refúgio pra solteira  
 Que procura um matrimonio  
 O sonho é patrimônio  
 Pra sua realidade  
 Uma fama pra cidade  
 Pro santo casamenteiro  
 Espalhada ao mundo inteiro  
 Ou sendo mito ou verdade

4

Por isso nossa Barbalha  
 Inicia o mês junino  
 Sendo hoje um bom destino  
 Que ninguém se atrapalha  
 Essa festa que detalha  
 Muita fé e tradição  
 E também tem oração  
 Em junho de todo ano

O sagrado e o profano  
 Se junta na mesma ação.  
**ERNANE TAVARES** (cadeira nº 01)

5  
 Barbalha terra que ponho  
 A fé no seu padroeiro  
 De um povo hospitaleiro  
 Que para falar em disponho  
 Barbalha terra do sonho  
 Tu parece uma menina  
 Tens a proteção divina  
 É Bonita que dá gosto  
 Seu pé de serra é composto  
 Por nascente cristalina

6  
 Eu tenho um orgulho grande  
 De ser mais um barbalhense  
 No vale cariririense  
 Seu progresso se expande  
 Em qualquer lugar que ande  
 Barbalha é reconhecida  
 Minha terra minha vida  
 Do santo casamenteiro  
 No nordeste brasileiro  
 Você é a mais querida.  
**DÃO DE JAIME** (cadeira nº 03)

7  
 Encontro de gerações  
 É festa de padroeiro  
 Grandiosas multidões  
 Ao santo casamenteiro  
 O sonho é verdadeiro  
 Das moças de um marido  
 Fazem logo o seu vestido  
 Na certeza de encontrar  
 Pretendente pra casar  
 Pois é esse seu pedido.

8  
 Barbalha que centraliza  
 Sua festança junina  
 O povo se realiza  
 Nessa festa que fascina  
 É expressão nordestina  
 Cultura com sintonia  
 O folclore contagia  
 A alma do visitante

Que vibrando a cada instante  
 Vai se enchendo de alegria.  
**ANTONIO PIRAJÁ** (cadeira nº 05)

9  
 Do profano ao sagrado  
 Da arte a religião  
 É costume, é tradição  
 Lapinha, coco e xaxado  
 É zabumbeiro e reisado  
 Celebrando o padroeiro  
 O santo casamenteiro  
 Da moça desesperada  
 Que implora ser casada  
 Pelo santo milagreiro.

10  
 Barbalha da solteirona  
 Mais famosa do Brasil  
 Santo Antônio não foi vil  
 Socorro Luna impulsiona  
 Essa festa que apaixona  
 Sua paixão pelo santo  
 A solteira tem encanto  
 Que eleva a festa e a cidade  
 Com grandeza e lealdade  
 Proferindo em todo canto.  
**LINDICÁSSIA NASCIMENTO** (cadeira nº 06)

11  
 É uma festa de “primeira”  
 Realizada a cada ano  
 O sagrado e o profano  
 Novenário e brincadeira  
 Animação é certa  
 E acompanhado ou sozinho  
 Jovem, menino e velhinho  
 Sai de casa preparado  
 E fica todo animado  
 Com o que vê pelo caminho.

12  
 Pelas ruas da cidade  
 Vê-se a se movimentar  
 Gente de todo lugar  
 Se divertindo à vontade  
 Tira “self” a mocidade  
 Posta em redes sociais  
 Para não esquecer jamais  
 Que a Festa traz emoção

Que não tem comparação  
Com outras festas culturais.

**ANGELA LIBERATO** (cadeira nº 07)

13

As terras dos cariris  
Magalhães Barreto e Sá  
Veio pras bandas de cá  
A régia coroa quis  
A história também diz:  
Pela decisão do trono  
Dessas terras se fez dono  
Construiu uma capela  
E foi Santo Antônio dela  
O consagrado patrono.

14

Vindo do Urubu baixo  
O capitão sergipano,  
(O) Francisco o soberano  
Instala um engenho abaixo  
Garapa, gamela e tacho  
Mel de cana rapadura  
Índios, gado, agricultura.  
(B) Senzala e patrimônio.  
Barbalha de Santo Antônio  
É caldeirão de cultura.  
**FRANCISCO DE ASSIS SOUSA** (cadeira nº 11)

15

Barbalha em festa, é bonita  
Muito linda de se ver  
Já no seu alvorecer  
Toda a cidade se agita  
Zabumba e dança de fita  
Santo Antônio em procissão  
A fervorosa oração  
No lábios do penitente  
É a cultua latente  
Na face da tradição.

16

Nas cores do verde cana  
Nossa Barbalha é banhada  
Mês de junho faz chegada  
E o mulheril em campana  
Bota enfeite, se engalana  
Diz que no santo tem fé  
Mas pendura pelo pé  
Exigindo um par perfeito

Não tem santo que dê jeito  
 Pra casar tanta “muié”  
**HELIANE LEITE** (cadeira nº 12)

17  
 Vinte e oito foi o ano  
 Do primeiro pau cortado  
 Um vigário devotado  
 Idealizou o plano  
 Cortou o pau da bandeira  
 E a tradição foi mantida  
 A fé do povo é vivida  
 Pela região inteira  
 E a “festa de primeira”  
 Por muita gente assistida.

18  
 Foi Padre José Correia  
 O seu idealizador  
 O vigário percursor  
 Que sem recurso, nem meia  
 Nos deixou grande legado  
 O primeiro pau hasteado  
 Aquela festa primeira  
 Hoje grande patrimônio  
 A Festa de Santo Antonio  
 - Festa do Pau da Bandeira.  
**JOSÉLIO ARAÚJO** (cadeira nº 13)

19  
 No corredor cultural  
 Onde passa a alegria  
 Todos formam nesse dia  
 Comitativa especial  
 Que dia fenomenal  
 É coisa que dá prazer  
 Uma festa como essa  
 Com animação à beça  
 É fé, cultura e lazer!

20  
 Eita que festa arretada  
 É bonito de se ver  
 E maculelê vai ter  
 Que é dança bem animada  
 Barbalha toda enfeitada  
 Pra receber os turistas  
 Tem poetas, repentistas  
 Faz a alegria da gente  
 Nessa cidade benquista.

**JACINTA CORREIRA** (cadeira nº 14)

21

Barbalha sempre mantém  
 Uma tradição junina  
 Enfeitar rua e esquina  
 Receber quem aqui vem;  
 Como sou filho também  
 A parte tento fazer  
 Improvisar, Escrever  
 Sobre folclore falar  
 E até tentar narrar  
 Na festa o que a gente ver.

22

Solteira desesperada  
 Pau de sebo, pau de fita  
 Quadrilha, roupa de chita  
 Casamento, cavalgada  
 Filarmônica, alvorada  
 Penitente, violeiro  
 Tiro de bacamarteiro  
 Várias bandas cabaçais  
 Se vê isso e muito mais  
 Na festa do padroeiro.  
**JOSÉ JOEL** (cadeira nº 15)

23

Foi Lisboa, Portugal  
 Que santo Antônio nasceu  
 E em Pádua faleceu  
 Itália, o berço final  
 Mas seu divino sinal  
 Deixou pelo mundo inteiro  
 De Barbalha o padroeiro  
 E toda moça solteira  
 Espera o pau da bandeira  
 Do santo casamenteiro.

24

Homenagem merecida  
 Todo ano aqui se faz  
 Pois o santo sempre traz  
 A fé mais fortalecida  
 Barbalha ganha mais vida  
 Fica plena de turista  
 Em cada canto um artista  
 Mostra beleza e talento  
 O folclore é alimento  
 Com arte a perder de vista.

**FRANCISCO TIMÓTEO RIBEIRO** (cadeira nº 16)

25

Barbalha é da cultura  
 Do santo pra casamento  
 É a terra do cimento  
 Do soro e da apicultura,  
 Rainha da rapadura  
 Balneários sem igual  
 Com grande manancial  
 Já mudou a sua sina,  
 Ela agora é a menina  
 De um verde bananal.

26

O que tem de mais decente  
 Está na área da saúde  
 Dupla cheia de virtude  
 Santo Antonio e São Vicente,  
 Que assiste o carente  
 Quando deles precisar,  
 Medicina pra estudar  
 Garantindo a formatura  
 Barbalha tem estrutura  
 Pra servir e ajudar.

**ROSÁRIO LUSTOSA** (cadeira nº 18)

27

Tem folclore e tradição  
 Festa no pau da bandeira  
 Tem folia e brincadeira  
 Há carnavalização.  
 Rico, pobre, estranho, irmão  
 Preto, branco entram na farra  
 O pesado pau agarra  
 Num esforço sobre-humano  
 Bebem de lascas o cano  
 Em meio à grande algazarra.

28

Mas, não esquecem do santo  
 Mesmo o pé morgando o rastro  
 Pois sabem que aquele mastro  
 Precisa ficar no canto.  
 Depois de suarem tanto  
 Dos pés até o nariz  
 O povo exclama feliz  
 Viva! O nosso gloriosos  
 Padroeiro milagroso  
 Lá na frente da matriz.

**CAMILO BARBOSA** (cadeira nº 19)

29

Ô Barbalha Alvissareira  
 No teu canto há poesia  
 Soando na melodia  
 Ecoando sem fronteira  
 Eçleva tua bandeira  
 Junto aos teus devotados.  
 Na cultura, proclamados.  
 Sempre será a videira  
 Transcendente é herdeira  
 Na história, já tombados.

30

A alegria da festa  
 Do Santo casamenteiro  
 O querido padroeiro  
 A devoção manifesta  
 Tradição tão modesta  
 No festejo, no louvor  
 Seja da forma que for  
 Tens na fé a tradição  
 Do milagre a oração  
 Na alegria e na dor.  
**FÁTIMA VIEIRA** (cadeira nº 21)

31

Barbalha tem tradição  
 É a festa todo ano  
 Em Maio já faz o plano  
 Junho é a comemoração  
 Seu povo tem devoção  
 Mostrando força e cultura  
 Na terra da rapadura  
 Que já foi canavieira  
 Com garra e muita bravura.

32

Tem da banda cabaçal  
 A penitente e reisado  
 Rua e mural enfeitado  
 (Tem) Gente urbana e rural  
 Patrimônio Nacional  
 Onde realizam sonho  
 È um fuzuê medonho  
 Assim disse Gonzagão  
 Quando cantou a canção  
 Pra Festa de Santo Antonio.  
**TICO BENTO** (cadeira nº 22)

33

O santo casamenteiro  
 Patrono do nosso lar  
 Quando eu quero exaltar  
 Como nosso padroeiro  
 Trato-o como parceiro  
 Íntimo e perto de mim  
 Falo tintim por tintim  
 É a le que eu clamo  
 Tanto que às vezes chamo  
 Santo Antonio de toim.

34

De janeiro a janeiro  
 Santo Antonio é apadrinhado  
 Por conta do resultado  
 Sendo ele casamenteiro  
 Quem não quer ficar solteiro  
 Lhe implora o matrimônio  
 Para fugir do agônio  
 Com sua cara metade  
 Bradar de felicidade  
 Viva, viva Santo Antônio!  
**ANTONIO CASSIANO** (cadeira nº 23)

35

Barbalha aprecio e vejo  
 Como uma bonita tela  
 Sublime e doce aquarela  
 Terno quadro sertanejo  
 Renovado no festejo  
 Do seu maior patrimônio  
 O santo do matrimônio  
 Em junho comemorado  
 Com fé homenageado  
 Glorioso Santo Antônio.

36

Um quadro de tons presentes  
 Nos verdes canaviais  
 Nos tesouros culturais  
 De reisado e penitentes  
 Dos poetas competentes  
 Que usando versejo e arte  
 Fazem gigante estandarte  
 Bordado de lealdade  
 E assim por essa cidade  
 Cada um faz sua parte.  
**JOSENIR LACERDA** (convidada)

## ANEXO B - Parecer da Plataforma Brasil

FACULDADE DE MEDICINA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CARIRI - FMUF



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** RIMAR PARA RECORDAR: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do Individual ao social)

**Pesquisador:** GERMANO ARAUJO SAMPAIO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 99557018.3.0000.5698

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI-UFCA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.994.509

**Apresentação do Projeto:**

Explana sobre a representação da identidade e da memória contemplada na Sociedade de Poetas de Barbalha (SPB) - CE, a fim de compreender como as atividades desenvolvidas pela instituição contribuem para a formação cultural dos membros.

**Objetivo da Pesquisa:**

Busca abordar o papel da Sociedade dos Poetas de Barbalha-CE na construção da identidade e atualização/ressignificação da memória dos seus membros.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Entre os riscos ou desconfortos que os sujeitos poderão sentir, está o de compartilhar informações pessoais, confidenciais, ou em algum tópico no decorrer da entrevista. Para evitar/minimizar tal risco, será evidenciado, no início de cada entrevista, que o sujeito entrevistado não precisa responder a qualquer pergunta que seja muito pessoal ou que gere desconforto em falar.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa visa resgatar e enaltecer a memória da Sociedade dos Poetas de Barbalha, e visa, principalmente, através de uma coleta sistêmica, catalogar com bibliografia essa rica e bela cultura popular de literatura de cordel, a fim de que fique registrada a grande contribuição literária dada pelos poetas da cidade de Barbalha.

Endereço: Rua Divino Salvador, 284

Bairro: CENTRO

CEP: 63.180-000

UF: CE

Município: BARBALHA

Telefone: (88)3312-5005

E-mail: cep@ufca.edu.br

FACULDADE DE MEDICINA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
CARIRI - FMUF



Continuação do Parecer: 1.694.506

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os documentos do projeto encontram-se em conformidade com as exigências do CEP.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem óbices éticos. Sugiro aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Typo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1213576.pdf	27/09/2018 09:04:47		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAOINSTITUCIONAL.pdf	27/09/2018 09:04:03	GERMANO ARAUJO SAMPAIO	Aceito
TGLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TGLE_Germano.docx	27/09/2018 09:00:57	GERMANO ARAUJO SAMPAIO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investidor	PROJETO.pdf	27/09/2018 09:00:16	GERMANO ARAUJO SAMPAIO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoGermano.pdf	12/09/2018 16:00:29	GERMANO ARAUJO SAMPAIO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	12/09/2018 14:57:30	GERMANO ARAUJO SAMPAIO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BARBALHA, 31 de Outubro de 2018

Assinado por:  
Estelita Lima Cândido  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Divino Salvador, 284

Bairro: CENTRO

CEP: 83.180-000

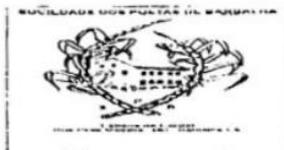
UF: CE

Município: BARBALHA

Telefone: (88)3312-5006

E-mail: cep@ufca.edu.br

## ANEXO C - Carta de anuência da SPB



**SOCIEDADE DOS POETAS DE BARBALHA - SPB**

**CPJ: 18590.545/0001-60**

**CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE**

Eu, Maria Lindicássia do Nascimento Mendes, RG 96029122885, CPF 92603432320, diretora-presidente da Sociedade dos Poetas de Barbalha -SPB, CNPJ 18590.545 001-60, declaro ter lido o projeto intitulado "RIMAR, RECORDAR E SE IDENTIFICAR: representação da memória na Sociedade dos Poetas de Barbalha (do individual ao social)" de responsabilidade do pesquisador/mestrando Germano Araújo Sampaio, CPF: 83372946391 e RG:96029060928, discente do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFCA, e que uma vez apresentado a esta instituição o parecer de aprovação do CEP da Universidade Federal do Cariri - UFCA, autorizaremos a realização deste projeto em nossa instituição, tendo em vista conhecer e fazer cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Declaramos ainda que esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Barbalha-CE, 26 de setembro de 2018.

*maria lindicássia do nascimento mendes*

Assinatura e carimbo do(a) responsável institucional

**Sociedade dos Poetas de  
Barbalha - SPB  
CNPJ:18.590.545/0001-60**

**Maria Lindicássia do N. Mendes  
Diretora - Presidente  
Sociedade dos Poetas de  
Barbalha - SPB**

## ANEXO D - Critérios para transcrição

Quadro - Categoria e sinais utilizados na transcrição

Categorias	Sinais	Descrição das categorias	Exemplos
1º Falas simultâneas e sobreposição de vozes	[	Usam-se colchetes para dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno	... B: mas eu não tive num remorso né' A: [ mas o que foi que houve" J: [ meu irmão também fez uma dessas' B: depois ele voltou e tudo bem,
2º Sobreposições localizadas	[ ]	Ocorre num dado ponto do turno e não forma novo turno. Usa-se um colchete abrindo e outro fechando	... M: A. é o segu eu queria era:: A: [ inte' im ] M: eh: dizer que ficou pronta A: [ a cópia ] M: ela fez essa noite (+)/.../
3º Pausas e silêncios	(+)	Para pausas pequenas sugere-se um sinal + para cada 0.5 segundo. Pausas em mais de 1.5 segundo cronometradas, indica-se o tempo	Ver exemplo na categoria 4
4º Dúvidas ou sobreposições	( )	Quando não se entender parte da fala, marca-se o local com parênteses e usa-se a expressão inaudível ou escreve-se o que se supõe ter ouvido.	A: /.../ por exemplo (+) a gente tava falando em desajuste, (+) EU particularmente acho tudo na vida relativo, (1.8) TUDO TUDO (++) tem um que são (+) / tem pessoas problemáticas porque tiveram muito amor (é o caso) (incompreensível) (+) outras porque/.../
5º Truncamentos bruscos	/	Quando o falante corta a unidade pôde-se maçar o fato com uma barra. Esse sinal pode ser utilizado quando alguém é bruscamente cortado pelo interlocutor.	L: vai tê que investi né" C: é/ (+) agora tem uma possibilidade boa que é quando ela sentiu que ia morá lá (+) e:le o dono/ ((rápido)) ela teve conversan comi/ agora ele já disse o seguinte (+)

6º Ênfase ou acento forte	MAIÚS CULA	Sílabas ou palavras pronunciadas com ênfase ou acento mais forte que o habitual.	Ver exemplo na categoria 4
7º Alongamento de vogal	::	Dependendo da duração os dois pontos podem ser repetidos	... A: co::mo” (+) e:::u
8º Comentários do analista	(( ))	Usa-se essa marcação no local da ocorrência ou imediatamente antes do segmento a que se refere.	((ri)), ((baixa o tom de voz)), ((tossindo)), ((fala nervosamente)), ((apresenta-se para falar)), ((gesticula pedindo a palavra))
9º Silabação	----- ---	Quando uma palavra é pronunciada sílaba por sílaba, usam-se hifens indicando a ocorrência.	
10º Sinais de entonação	” ’ ,	Aspas duplas para subida rápida. Aspas simples para subida leve (algo como uma vírgula ou ponto e vírgula). Aspas simples abaixo da linha para descida leve ou simples.	Ver itens 1, 5 e 7.
11º Repetições	Própria letra	Reduplicação de letra ou sílaba.	e e e ele; ca ca cada um.
12º Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção		Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida, mas alguns estão mais ou menos claros.	eh, ah, oh. ih:::, mhm, ahã, dentre outros
13º Indicação de transição parcial ou de eliminação	... ou /.../	O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho. Reticências entre duas barras indicam um corte na produção de alguém.	Ver exemplo na categoria 4

Fonte: adaptado de Marcuschi (1986).